

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

JOSÉ ROBERTO ALMEIDA

**A FILOSOFIA E OS SUPER-HERÓIS: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE
ÉTICA**

SÃO CARLOS

2020

JOSÉ ROBERTO ALMEIDA

**A FILOSOFIA E OS SUPER-HERÓIS: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE
ÉTICA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Filosofia - PROF-FILO do Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Campus São Carlos/SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia

Linha de Pesquisa: Prática de Ensino de Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Mattar Maamari.

SÃO CARLOS

2020

Almeida, José Roberto

A FILOSOFIA E OS SUPER-HERÓIS: POSSIBILIDADES PARA O
ENSINO DE ÉTICA / José Roberto Almeida. -- 2020.

129 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Adriana Mattar Maamari

Banca examinadora: Adriana Mattar Maamari,
Antonio Edmilson Paschoal, Paula Ramos de Oliveira

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

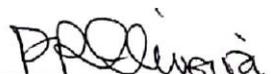
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia

Folha de Aprovação

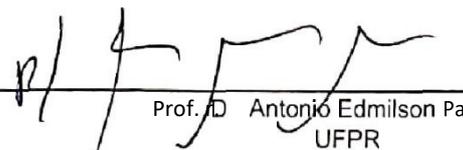
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato José Roberto Almeida, realizada em 27/02/2020:



Prof. Dra. Adriana Mattar Maamari
UNESP



Prof. Dra.
Paula Ramos
de Oliveira
UNESP



Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal
UFPR

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Antonio Edmilson Paschoal e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dra. Adriana Mattar Maamari

Dedico este trabalho a todos os professores do Brasil e aos que sonham e lutam por um mundo mais justo.

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que tenho para agradecer que gostaria de começar pelos que possibilitaram que este momento se concretizasse: todos os professores que tive ao longo da vida, pois sem eles seria impossível redigir estas linhas e haver-me tornado o homem que sou.

E de uma forma especial, rendo homenagem aos meus avós, como uma maneira perene de lembrança daqueles que para mim serão sempre meus heróis e imortais. Numa dessas explicações que a filosofia vai lutar muito para nos dar, eles permanecerão vivos em mim, até que o último suspiro não me permita mais alcançar as luzes da razão ou o sabor eterno da emoção. Também deixo meu destaque aos homens que buscaram construir um caminho de virtudes, legando aos demais seu exemplo, sua dedicação, sua vontade de mudar o que consideravam incorreto, e que por isso se tornaram imortais na história humana; Sócrates, Gandhi, Martin Luther King, Ernesto Che Guevara, Buda e Jesus Cristo, entre outros.

Rendo ainda homenagens à memória de homens como Jerry Siegel, Joe Schuster, Jack Kirby, Stan Lee e todos os que vieram juntos ou depois deles, já que foi através da sua imaginação e trabalho que os super-heróis ganharam vida e puderam servir de incentivo não só ao entretenimento, mas também ao prazer da leitura.

Agradeço a todos os docentes do Prof-Filo, os nossos verdadeiros super-heróis: à Profa. Dra. Adriana Mattar Maamari, por ser nossa coordenadora de curso e minha orientadora, pelos diálogos, ensinamentos, paciência e por ser um exemplo de pessoa batalhadora. À Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira, mostrando-nos a importância da relação entre o saber e o humanismo. Ao Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto, por tantas vezes nos fazer ver o que estava nas entrelinhas, num exercício de acuidade intelectual para colher frutos que só o futuro nos mostrará. Ao Prof. Dr. João Virgílio Tagliavini, que além de um excelente profissional é aquele que usava o humor para fazer suas provocações filosóficas de grande valor. E também ao Prof. Dr. Antônio Edmilson Paschoal, coordenador nacional do Prof-Filo, curso que concluo com muitas inquietudes e alegrias.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me apoiaram na resposta ao questionário proposto, neste caso, os alunos dos 1os A e B da Escola Técnica Estadual Prof. Idio Zucchi, de Bebedouro- SP. Além de meus colegas de curso; André, Mateus e Mauro. Vocês foram os melhores amigos que eu poderia ter encontrado.

Por fim, agradeço a todos de minha família, à minha companheira Suellen e aos que sempre me apoiaram em minhas escolhas ou confiaram em minha capacidade de realização.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as relações entre a filosofia e as superaventuras, caracterizadas pelas histórias em quadrinhos e suas respectivas adaptações para o cinema e a tv, e como estas podem servir de recurso prático para o ensino de ética. Para isso, além de demonstrar a relação de surgimento da figura do herói na Antiguidade, também se procura estabelecer seu valor como figura central do processo educativo realizado pela poesia de Homero. Através do herói épico se chega à sua versão mais atualizada, caracterizada pela figura dos super-heróis. Neles também se observam muitas das virtudes destacadas por Platão em sua ética. Para isso, foi desenvolvido um roteiro de perguntas aos alunos do 1º ano do Ensino Médio, a fim de poder analisar como eles observam as questões de ética, as virtudes e como os super-heróis demonstram tais características através de suas ações. Foi por meio das questões apresentadas que se obteve ferramentas para analisar e refletir acerca das percepções demonstradas. Fazendo uso das ideias desenvolvidas por Platão e Aristóteles e associando-as ao fascínio que os exemplos heroicos podem exercer sobre o leitor ou espectador, apresenta-se um par de super-heróis de duas das principais editoras de alcance mundial. Pela DC, Superman e Batman. Pela Marvel, Capitão América e Homem de Ferro.

Palavras-chave: Filosofia. Ética. Superaventuras. Super-heróis. Virtudes. Ensino.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar la relación entre la filosofía y las súper aventuras, caracterizadas por los cómics y sus respectivas adaptaciones para el cine y la televisión, y cómo pueden servir como un recurso práctico para la enseñanza de la ética. Para esto, además de demostrar la relación del surgimiento de la figura del héroe en la Antigüedad, también se busca establecer su valor como figura central en el proceso educativo llevado a cabo por la poesía de Homero. A través del héroe épico, se alcanza su versión más actualizada, caracterizada por la figura de los superhéroes. También se observan en ellos las virtudes cardenales destacadas por Platón en su ética. Con este fin, se desarrolló un guión de preguntas para los estudiantes del primer año de la escuela secundaria, para poder analizar cómo observan cuestiones éticas, virtudes y cómo los superhéroes demuestran tales características a través de sus acciones. Fue a través de las preguntas presentadas que se obtuvieron herramientas para analizar y reflexionar sobre las percepciones demostradas. Haciendo uso de las ideas desarrolladas por Platón y Aristóteles y asociándolas a la fascinación que los ejemplos heroicos pueden ejercer sobre el lector o espectador, se presentan un par de superhéroes de dos de las principales editoriales del mundo. Por DC, el Superman y el Batman. Por Marvel, Capitán América y Iron Man.

Palabras clave: Filosofía. Ética. Súper aventuras. Superhéroes. Virtudes. Enseñanza.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A relação super-heróis e as respectivas virtudes cardeais que possuem, segundo os alunos.....	95
Gráfico 2: Os super-heróis da DC como fonte de inspiração.....	98
Gráfico 3: Os super-heróis da Marvel como fonte de inspiração.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - CAPÍTULO I - A LIGAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA NO CONTEXTO GRECO-ROMANO	14
1.1 O HERÓI: A JORNADA DE UM CONCEITO	25
1.2 O HERÓI E A EDUCAÇÃO	30
1.3 O HERÓI VIVO NO IMAGINÁRIO.....	39
1. 4. VIRTUDES: UM BREVE ENTENDIMENTO	41
CAPÍTULO II - FILOSOFIA E SUPERAVENTURAS: UMA BUSCA PELO CAMINHO DO ENSINO DE ÉTICA	49
2.1 OPOSIÇÃO ÀS SUPERAVENTURAS	54
2.2 ANOS REBELDES E O RENASCER DOS QUADRINHOS	57
2.3 A ÉTICA	61
2.4 OS ELEITOS.....	69
2.5 O SUPERMAN	71
2.6 BATMAN.....	74
2.7 CAPITÃO AMÉRICA	77
2.8 HOMEM DE FERRO.....	80
CAPÍTULO III - O HEROÍSMO: UM MODELO DE VIRTUDE LITERÁRIA E REAL.....	86
3.1 ESTUDO DAS VIRTUDES CARDEAIS NOS SUPER-HERÓIS PELO OLHAR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	90
3.2 RESULTADOS DA PESQUISA	94
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
5. REFERÊNCIAS	113
ANEXO 1: FICHAS DE PESQUISA SOBRE AS VIRTUDES	117
ANEXO 2: MODELO DO TERMO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	129

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar questões relativas aos super-heróis e à possibilidade de usá-los como ferramenta educativa nas aulas de ética. Para fundamentar estas questões tomaremos como base o pensamento construído no mundo greco-romano, onde Homero, poeta e educador, moldou a ideia do herói épico em sua obra, sendo posteriormente seguido por Platão, Aristóteles e Cícero. Estes pensadores levaram adiante a ideia de boa conduta e educação como formas de fazer do homem algo melhor, capaz de usar seus avanços educacionais e intelectuais para constituir uma sociedade mais esclarecida. No plano da história da educação e sua ligação com a filosofia nos baseamos nas análises de Henri Marrou e Werner Jaeger, uma vez que suas pesquisas são de fundamental importância para o entendimento deste processo histórico e filosófico.

Ao realizar um trabalho hermenêutico, buscando entender e unir conceitos que aproximam as ideias dos pensadores acima mencionados, também se realizou uma pesquisa quantitativa-qualitativa com os alunos do 1º ano do ensino médio, visando entender como eles veem a possível relação entre a ética, os super-heróis e suas virtudes, em uma prática que usa esses elementos vindos da cultura *pop*, colocando em pauta a aprendizagem através do lúdico, como uma ferramenta de trabalho pedagógico que auxilia no desenvolvimento do senso crítico, buscando ver os personagens de forma mais aprofundada. Desta maneira a relevância desta pesquisa e do método utilizado para acessar o potencial analítico do aluno se faz importante como incentivo a estudos futuros sobre outras áreas do conhecimento e a possibilidade do trabalho didático com estes personagens, que devido à sua popularidade, são de amplo conhecimento da grande maioria dos alunos. Assim, este trabalho além de fornecer subsídios para a possibilidade de uso de tais personagens em análises sobre ética, traz para o mundo acadêmico uma oportunidade de vê-los de forma mais didática e não apenas como uma das marcas da dominação cultural dos Estados Unidos via cultura de massa.

A escolha do tema foi motivada pela necessidade de incentivar os alunos para o entendimento das questões éticas levantadas pelos filósofos e como isso seria importante para melhorar o comportamento e a motivação para as aulas da disciplina de filosofia. Observando o que os alunos mais discutiam, percebemos que frequentemente falavam sobre os filmes e os personagens, além de comentarem sobre as diferenças entre as histórias narradas nas revistas em quadrinhos e os enredos do cinema, chegamos então à conclusão de que seria um tema a ser pensado para as aulas.

No primeiro capítulo trataremos da questão do mito, mergulhando mais profundamente no seu surgimento e na evolução do conceito de herói. Um tema que ao ser analisado desperta paixões, gerando a ideia equivocada de ser algo fácil de se trabalhar. Justamente por ser o contrário a isto, o foco nos heróis e posteriormente nos super-heróis gera uma tarefa complexa, já que sobre os heróis clássicos há muito material de pesquisa, enquanto sobre os super-heróis, além de uma reduzida quantidade de material, vemos ainda a questão do senso comum, tratando os personagens como algo negativo, já que para alguns eles poderiam alienar, infantilizar ou incentivar a prática de ações violentas por parte de seus leitores, algo que não é bem assim. Como disse Feijó (1984, p.9): “escrever sobre o herói é sempre uma aventura. Uma aventura plena de riscos, mas também coroada de prazeres. Arriscamos a quebrar a cara num tema tão delicado, mas também temos a chance de fazer uns acertos de contas com nossas ilusões”.

A questão do herói atravessa o tempo, demonstrando que há seres capazes de sobreviver ou de “ressuscitar”, segundo o caso, e sua força se faz presente na história, na literatura, na antropologia, na psicanálise e também na filosofia. O herói era de início um ancestral que deveria ser cultuado após a sua morte, sendo esta a sua primeira manifestação. Depois, com o surgimento dos poetas, passou a ser uma figura usada como um modelo exemplar de educação. Na poesia, o herói épico já trazia características humanas, oferecidas pelo poeta Homero, que viveu em um momento de transformações na Grécia. Na época do poeta quem dominava a sociedade era a aristocracia, uma classe que entre outros valores, cultuava a guerra e a honra. “Eram exatamente os aristocratas o público fiel das narrativas épicas, que eram declamadas pelos *aedos* (cantores homéricos). Eles se identificavam com os heróis épicos como se estes fossem seus antepassados e como se eles guardassem alguma coisa daquela valentia, fé e honra” (FEIJÓ, 1984, p56).

Era dessa maneira que os heróis se tornavam um modelo para os aristocratas, demonstrando possuir as qualidades que os marcavam dentro da narrativa poética, a *areté*, excelência ou virtude, que levava ditos heróis a superarem seus limites, tornando-se exemplares aos seres humanos. Foram as narrativas épicas que transformaram o poeta em educador.

A filosofia foi frequentemente feita por perguntas e a literatura ajudou a responder muitas das questões levantadas pelos filósofos, já que foram estes que contribuiriam através da literatura para difundir algumas das respostas mais importantes acerca de conceitos abstratos que vão desde o amor até a ética. Platão, mestre de Aristóteles, foi um destes filósofos que através de suas obras desfilou brilhantemente suas ideias sobre tais temas.

Os diálogos platônicos marcaram o início de uma etapa na qual o saber dos grandes poetas começou a entrar em decadência, já que a oralidade seria substituída pela escrita, o que provocou o surgimento de variados gêneros literários com o decorrer do tempo. A partir desta ocorrência, a filosofia e a literatura viveriam momentos de aproximação ou de refutação mútua. Antes dos filósofos, a instrução era feita pelos poetas, eram eles que educavam os demais, narrando aquilo que os deuses lhes permitiam saber. Sobre as menções feitas a Homero por Platão, vejamos o que diz Jaeger (2013, p. 60):

Nem a apaixonada crítica filosófica de Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda a poesia. A concepção do poeta como educador do seu povo - no sentido mais amplo e profundo da palavra - foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica.

A filosofia socrática também era feita através da argumentação verbalizada, Platão faria de seu mestre um personagem literário, presente em muitos de seus diálogos. Mas antes que isso acontecesse, os mitos, que ao longo do tempo tiveram várias faces, fossem elas morais, físicas, religiosas, psicológicas, sociais, históricas ou filosóficas, eram a principal fonte de inspiração para o fazer literário, saindo da boca do poeta para sua audiência. Com o surgimento da escrita no século VIII a.C., dois novos tipos de discurso iriam ganhar força: o histórico e o filosófico. Estes saberes se oporiam à poesia e ajudariam na consolidação de uma nova forma de transmissão de conhecimento.

Se houve uma crítica à verbalização dos acontecimentos, em que poetas como Homero e Hesíodo atribuíam aos deuses tudo o que era moralmente reprovável na conduta humana, algo que o próprio Platão analisaria, também houve na obra deste filósofo maneiras de conservar e valorizar a função explicativa dos mitos, em especial na forma de alegoria por ele utilizada em seus diálogos. Foi também neste contexto que a tragédia traria uma reinterpretação dos mitos, com um olhar mais atento aos valores despertados pelo viver na pólis.

Com o surgimento de novos gêneros, alguns filósofos se mantiveram irredutíveis quanto à separação entre literatura e filosofia. Mas, se inicialmente os dois tipos de conhecimento eram praticados de forma verbal, sendo que a literatura era baseada na narrativa mítica, engrandecida através dos poemas épicos, destacando a figura do herói, tornando-o modelo virtuoso que serviu de inspiração, tanto aos ouvintes e posteriores leitores quanto para novas formas de narrativas, foi o citado advento da escrita que colocou a oralidade em um patamar inferior e levou o saber literário a uma elevação conceitual. Apesar da decadência, a oralidade já nos havia legado

figuras da envergadura dos já mencionados Homero e Hesíodo. A importância destes poetas foi, entre outras coisas, a de educar as pessoas do seu tempo para a observância dos valores ligados à *areté*, usando os heróis como modelos paradigmáticos.

Nos poemas épicos há a demarcação entre o mundo dos deuses, que vivem felizes no Olimpo e são imortais, e o dos homens que, submetidos ao tempo e à vontade dos deuses, sabem que vão morrer. No entanto, estar nas mãos dos deuses não invalidava os compromissos dos heróis com a *areté*, com o desenvolvimento da excelência humana. Esta se associava ao conhecimento do passado, e sua conservação por meio das virtudes que compunham a excelência. Associada a *areté* estava a honra reconhecida não na intimidade do ser, mas na sociedade à qual se pertencia (EYLER, 2014, p.39-40).

Mesmo assim, a ideia de virtude seria analisada por Platão, que em seus diálogos vai falar acerca das chamadas virtudes cardeais, aquilo que o homem tem em si de positivo, vindo de sua alma e que deveria ser usado para o engrandecimento da pólis. A virtude é ligada à prática do correto e do bem, uma aptidão humana para uma ação boa. As virtudes cardeais seriam fundamentais como base de apoio para outras virtudes. Para Platão, a sabedoria ou prudência, a coragem ou fortaleza, a temperança e a justiça eram as virtudes cardeais. As ações humanas girando em torno destas características geraria uma melhor convivência dentro da pólis. Mesmo depois de tantos séculos, a ética das virtudes ainda tem muito a nos ensinar, em especial sobre a questão da prática do justo e sábio para uma melhor convivência entre as pessoas. A questão da relação entre as pessoas foi observada e analisada ao longo do tempo, já que o homem leva uma vida em sociedade, ou seja, é aquilo que Aristóteles chamava de “animal político”, e diante de tal fato, está sujeito a normas de conduta no plano coletivo e dentro de si carrega valores que ditam a sua própria conduta moral.

No segundo capítulo trataremos das questões relativas à primeira metade do século XX, quando surgiu o gênero denominado superaventuras, as populares Histórias em Quadrinhos ou HQs. O gênero foi considerado frívolo, infantil, sem capacidade instrutiva e demorou muito a ser levado a sério. As superaventuras foram criadas no contexto da Grande Depressão, causada pela Crise de 29, e usadas ideologicamente durante a Segunda Guerra Mundial como forma de incentivar o alistamento de recrutas no exército dos Estados Unidos e de lutar contra o crescimento do nazifascismo. Mas com o término do conflito e o início da Guerra Fria, a oposição ao gênero ganhou mais força. Esta aversão ao mesmo foi motivada pelos estudos do psiquiatra Fredric Wertham, que escreveu o livro *A sedução dos inocentes*, acusando as superaventuras de servir de mau exemplo a seus leitores, induzindo-os ao mau comportamento e ao crime, e o macartismo, uma verdadeira cruzada anticomunista e conservadora. Neste

contexto houve um processo de “caça às bruxas”, levando pais e professores a queimar as revistas do gênero.

Exatamente como aconteceu com os gêneros literários que não eram considerados tradicionalmente como nobres, as superaventuras tiveram que se adaptar às vicissitudes de seu tempo. De qualquer maneira, elas serviram ao propósito de incentivar à leitura e levar o entretenimento a seus leitores. Assim sendo, poderiam se tornar modelo de inspiração de valores positivos. Dentro desta perspectiva é que colocamos a possibilidade de relação entre este gênero e a ética, já que os personagens conhecidos como super-heróis estão presentes cotidianamente na vida dos estudantes, através de diferentes meios.

O segundo capítulo além de falar sobre o surgimento das superaventuras, trata de trazer uma breve descrição acerca da evolução histórica dos quatro personagens escolhidos para ilustrar as discussões aqui mencionadas: Superman, Batman, Capitão América e Homem de Ferro, escolhidos em função de HQs e filmes recentes que os contrapuseram, fazendo-os lutar entre si por terem pontos de vista divergentes.

Os super-heróis tornaram-se um grande sucesso entre os jovens. Surgidos inicialmente nas revistas em quadrinhos, acabaram parando no cinema, e hoje, com a sociedade de consumo, estampam seus rostos e símbolos nos mais variados tipos de produtos. Estes personagens são fruto de uma “cultura massificada que nivela tudo por baixo e oferece um produto cultural facilmente assimilável, mas também descartável” (FEIJÓ, 1984, p.86). Com isso, ao se fazer um trabalho com alunos para analisar as ações destes personagens, vale a pena buscar um viés crítico para que não fique na superficialidade qualquer tipo de análise. Assim, observamos que é possível aprender com a indústria cultural, pois nela se encontra a mitologia da atualidade, baseada nos super-heróis e em suas repercussões, o que alça tais personagens à condição de símbolos de nosso tempo, ou seja, apesar das contradições, abrem possibilidades positivas de entendimento.

Mas o que poderia tê-los tornado tão populares? Aparentemente o poder apelativo da mídia, comandada pela indústria cultural, mas há muito mais que simplesmente isso. Os super-heróis carregam em si a força de muitos homens e principalmente as virtudes, que devido à própria sociedade de consumo parecem andar em baixa, mas ainda são fontes de inspiração e de admiração para muitas pessoas, especialmente aquelas que carregam em si a rebeldia do jovem mesclada ao desejo de construir um mundo diferente. “Exatamente por isso, o herói (que tem um caráter de sedução inegável) é uma referência constante nessa indústria, como se o herói original retornasse em novas bases” (FEIJÓ, 1984, p.88). Os super-heróis são um exemplo de como a arte exalta características positivas e as transmite há muito tempo para várias gerações

de leitores e admiradores do mundo das superaventuras.

A arte dos quadrinhos, denominada nona arte, e seus personagens, os super-heróis, visam entreter e podem ser usados para educar para o bem através do exemplo, sendo por isso, o motivo pelo qual a discussão sobre este gênero e seu uso em sala de aula, embasaram os caminhos percorridos na construção deste trabalho. Foi em sua obra *Ética a Nicômaco*, que Aristóteles trabalhou o conceito de felicidade por trás de cada ação humana. No princípio de seu texto destaca que: “Toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito, visam a algum bem; por isso foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam” (ARISTÓTELES, 1996, p.118).

Para a realização do capítulo final foi feita uma pesquisa com os alunos dos 1os anos do ensino médio, da Escola Técnica Estadual professor Idio Zucchi, em Bebedouro-SP, visando obter respostas através de um questionário com perguntas acerca de temas como a ética, as virtudes e suas relações possíveis com os super-heróis. Sabemos que analisar personagens tão cheios de qualidades também pode ser uma tarefa hercúlea, afinal o trabalho foi desenvolvido em cima de questões filosóficas com alguma complexidade e super-heróis que são familiares aos estudantes, porém estes com alguma frequência não são observados com um olhar que vai além daquilo que simplesmente se vê, havendo um certo predomínio do senso comum. Só uma análise mais atenta pode superar o senso comum existente em torno de tais personagens e suas ações.

Pensando no foco deste trabalho, no ensino de filosofia e seus conceitos por meio do uso da figura dos super-heróis, buscamos atrair a atenção do estudante para os problemas discutidos pela disciplina, que se encontram em pauta neste tipo de arte. Neste quesito se faz necessário atribuir ao aprendiz um juízo de valor sobre o ensino de ética e de como esta se faz presente em sua vida cotidiana.

CAPÍTULO I - A LIGAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA NO CONTEXTO GRECO-ROMANO

A discussão sobre a relação entre filosofia e literatura é muito antiga. Isto porque o saber poético existente antes do surgimento da filosofia e da escrita, baseado na tradição oral, capaz de despertar emoções e muito tempo depois influenciar tanto nos estudos antropológicos¹ quanto no surgimento e desenvolvimento da Psicanálise², esteve invariavelmente associado a diferentes faces do conhecimento, tais como a moral, a física, a histórica, a cultural, a religiosa, a psicológica, entre outras. “O mito está na existência. Resiste a tudo, fazendo no fundo com que suas interpretações sejam, quase sempre, matéria-prima para novos mitos” (ROCHA, 2006, p. 16-17). Com isso, sua influência se propaga por diferentes áreas como mencionamos.

Neste contexto há que se ressaltar que os mitos passaram a fazer parte de narrativas pelas quais se buscava explicar a realidade. O poeta então passou a ser visto como alguém que era capaz de trazer à tona a verdade existente em outro nível de realidade.

Para evocar o além, o poeta dá inicialmente uma imagem dele com a linguagem. Mas ele vai muito mais longe. Sua própria pessoa identificando-se inteiramente aos seres evocados, ele aliena sua identidade. (...) é preciso ir mais longe, pois a imitação, posta em ação pelo poeta ou pelos intérpretes de suas obras, tem por objetivo último suscitar a identificação do público aos seres evocados diante de si. Ora, essa vontade de modificar o comportamento de uma massa de seres humanos coloca imediatamente um problema ético e político. É aí que se situa a verdadeira questão. Por que quer modificar o comportamento do público ao qual ele se dirige, dando-lhe como modelos os seres que ele evoca, o poeta pode ser considerado um verdadeiro educador (BRISSON, 2014, p.21).

Mas, a tradição oral iria que dominava na Antiguidade, entraria em decadência por causa do surgimento da escrita, que viria a modificar o modo como a comunicação seria feita.

[...] a partir do século VIII a.C., de um sistema de escrita radicalmente novo, que colocava a leitura ao alcance de todos, pelo menos em princípio, acarretou o aparecimento de dois novos tipos de discurso: o da “história” e o da “filosofia”, os quais se impuseram opondo-se à poesia, que, até então, conseguira manter o monopólio no domínio da transmissão do memorável (BRISSON, 2014, p.19).

A atividade poética então passou a se valer dos mitos narrados pelos poetas para falar de valores éticos, saberes de tipos variados e também abordar a questão religiosa. Assim, como

¹ A Antropologia... possui uma vastíssima interpretação de mitos. Esses trabalhos dos antropólogos, via de regra, têm por finalidade interpretar o mito para descobrir o que este pode revelar sobre as sociedades de onde o mito provém. (ROCHA, 2006, p.12).

² JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos - 3ªed- Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

educador, o poeta passa a modelar e transmitir questões ligadas à identidade de um povo, influenciando em sua cultura e também em sua consciência. “O mito pode ser efetivo e, portanto, verdadeiro como estímulo forte para conduzir tanto o pensamento quanto o comportamento do ser humano ao lidar com realidades existenciais importantes” (ROCHA, 2006, p.14).

O termo mito sofre alterações com o passar do tempo e quem vai dar um sentido definitivo para ele será Platão. Segundo Brisson (2014, p.35): “Quando Platão utiliza o termo *mythos* em um sentido não metafórico, ele faz duas coisas: ele descreve e ele critica”. Ao se fazer uma análise do termo a partir do ponto de vista etnológico, o mesmo aparece como uma mensagem pela qual um grupo transmite, de geração em geração, aquilo que conserva na memória e que considera o seu passado. Pode-se dizer que o sentido de mito não é o mesmo para Homero ou Platão, isso porque o logos passa a ocupar espaço nas preocupações cotidianas. Platão vai associar mito e logos, mesmo sabendo que ambos representavam uma oposição mútua.

Neste sentido, é possível observar que o mito é discurso não argumentativo, considerado como um saber primário, que se ligava às origens da vida e às bases da cultura. Assim sendo, era algo bastante teórico, se assim podemos denominá-lo. O mito ainda dava sentido ao cotidiano de um povo, dirigindo-se ao universo e à eternidade, estando enraizado naquilo que a psicologia chamaria de inconsciente. O logos vai romper com a tradição mitológica, pois trouxe consigo a valorização do pensamento racional, científico e pragmático, com os quais buscava explicar a realidade, porém, quando o tema é literatura, o logos terá mais dificuldade em explicar por exemplo, os sentimentos. E isso a poesia saberá fazer com maestria.

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito (CAMPBELL, 2007, p.15).

Quando pensamos na transmissão do que é memorável, que foi feita de forma oral durante muito tempo e que essa comunicação era realizada através da poesia, podemos observar que o trabalho do poeta se concentrava na forma e no conteúdo do mito. O que levava o bardo a ser visto como alguém diferente era o fato de através de sua mensagem criar narrativas e com elas encantar os seus ouvintes.

Em uma civilização da escrita, o acúmulo de mensagens é independente dos indivíduos: ele equivale à conservação de traços materiais sobre suportes materiais. Em contrapartida, em uma civilização da oralidade, o acúmulo de mensagens pode apenas ser individual (BRISSON, 2014, p.38).

A atividade de comunicação de um mito, seja qual for o modo de fazê-la, deixa transparente, segundo Platão, a imitação (*mimêsis*). Esta se manifesta através do discurso, primeiramente, e no tocante à realidade a qual se refere, o discurso constitui nada mais que uma cópia.

Em suma, o mito é esse discurso pelo qual é comunicada toda informação sobre o passado longínquo, conservada na memória de uma dada coletividade que a transmite oralmente de uma geração a outra, tenha esse discurso sido elaborado por um técnico da comunicação ou não. [...] E, do começo ao fim desse processo, irrompe a imitação, que, manifestando-se no momento da fabricação e da interpretação do mito, tanto por meio da fala quanto por meio do gesto, leva aqueles que são seus destinatários a determinar ou a modificar seu comportamento físico e, sobretudo, moral em função do modelo que lhes é, assim, proposto (BRISSON, 2014, p.42).

Há que se pensar quanto existe de verdade no mito, sem deixar de refletir que a busca pela verdade em uma narrativa mítica pode resultar em uma tarefa no mínimo inútil, pois o mito busca criar explicações, sem mergulhar no conceito de verdade, já que este é muito discutível. “Qualquer verdade que por acaso se encontre no mito será relativa, seja porque a própria definição de verdade é problemática, seja porque o mito não parece estar muito preocupado com ela” (ROCHA, 2006, p.14).

Platão demonstra interesse no mito porque deseja romper sua hegemonia, para com isso colocar em pauta um novo tipo de discurso que ele desenvolve, ou seja, o discurso filosófico, ao qual confere o *status* de superior. Apesar disso, “Platão não renuncia aos mitos tradicionais, aos quais ele faz alusão abundantemente em sua obra. E mais: ele adapta os mitos tradicionais e chega mesmo a criar novos mitos, em função das circunstâncias” (BRISSON, 2014, p.54).

Desde o surgimento da filosofia se discute onde ela termina e onde a literatura começa e vice-versa, ou até onde uma influencia a outra. Apesar disso, a relação entre ambas era e continua sendo aberta, mesmo havendo percalços e enigmas, e seus vínculos foram determinados durante muitos séculos pela discussão sobre o alcance de cada uma ou de como elas se excluía mutuamente.

Quando se tenta abordar o tema das relações entre ambas, é possível se deparar com questões como o aprofundamento da literatura em seu próprio significado cultural, algo que precisa ser feito com um tratamento filosófico, em especial quando se refere a questões

estéticas. Neste aspecto a Poética de Aristóteles é a obra prima da análise do valor da literatura e da expressão poética.

É necessário analisar que se o fazer filosófico ficasse apenas no campo do pensamento e do diálogo, dificultaria o acesso aos seus temas, indagações e conceitos, porque sem literatura a filosofia não teria como ser propagada através do tempo e dos diferentes espaços geográficos por onde o saber se fez difundir. Sócrates, por exemplo, não teria o alcance que tem sem os diálogos platônicos e ficaria restrito basicamente ao tempo em que viveu e às pessoas que com ele se relacionaram. Assim, se pode colocar que o saber literário ajuda na difusão e na afirmação da filosofia.

Importante também é observar que os diferentes gêneros literários foram antecedidos, acompanhados ou sucedidos por uma teoria filosófica, assim como muitas ideias filosóficas acabaram se nutrendo de intuições poéticas ou ajudaram a provocar revoluções na literatura. Mas como nem tudo é tão fácil, faltava haver uma consciência real das relações existentes entre filosofia e literatura. Neste aspecto, por tratar-se de uma narrativa, o mito era inicialmente um discurso baseado na fala, estabelecendo dúvidas, paradoxos e as inquietações existenciais no homem. O mito segundo Rocha (2006, p.7): “Pode ser visto como uma possibilidade de refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais”.

O que pode ser observado quando tratamos de analisar a história de ambas é que elas não se distanciaram em sua gênese e nem com frequência se mantiveram afastadas, existindo épocas em que se fundiram, em outras se afastaram, havendo acusações de falsidade de uma ou outra parte e depois se reconciliaram. Nos momentos de crise existencial elas se ensimesmaram e para justificar seus pontos de vista usaram aquilo que é mais comum entre ambas; a linguagem. É a expressão da linguagem, seja através de palavras, conceitos ou metáforas que as aproxima e as une. Dentro desta especificidade, o mito foi em vários momentos a ponte que uniu a literatura e a filosofia. Para Rocha (2006, p.7): “O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos”.

A filosofia apareceu associada à literatura, como um diálogo representativo e simbólico da realidade, uma interpretação, uma etapa das primeiras narrativas, mitos e lendas. Assim, a filosofia se mantém lado a lado com as formas literárias em seus temas, objetivos e funções. Essa origem está imersa na dualidade existente entre o ser e o parecer ser. Desta maneira, as duas modalidades de saber se desenvolvem dentro dessa polaridade que possui uma linha tênue e vez por outra as une ou as separa. Entre literatura e filosofia não há diferenças irreconciliáveis, pois em ambas é possível encontrar a manifestação da capacidade intelectual humana, havendo

nelas uma interferência constante e recíproca, tal qual já era vista na Antiguidade, onde poesia e filosofia eram pensadas como parte de um todo. Seria complicado não analisar a seguinte questão: se a variedade de conhecimento se iniciou na filosofia e logo se tornou ciência, separando-se dela, e se a poesia originou a filosofia, por que deveriam então ser vistas como coisas separadas se ambas se influenciam?

Se nos detivermos a observar essa tentativa de separar poesia e filosofia, o que se verá é que esta tendência será mais forte nos momentos em que há uma valorização mais extrema da ciência, como se a razão dominando pudesse apagar os traços de sentimento existentes nos seres humanos, mas esta dicotomia é tão antiga quanto ambas. Então as fronteiras entre elas parecerão ser algo difuso. Mas não se pode esquecer que a literatura foi usada pela filosofia para difusão de seus conceitos, como uma espécie de mola propulsora empregada para explicar melhor o mundo e as relações entre os sujeitos. Esta expressão dos valores existenciais foi descrita através da literatura, mas a filosofia e a psicanálise vão se apropriar desta discussão, cada uma à sua maneira. A filosofia se apropria dos valores morais e a psicanálise se apropria da análise do inconsciente coletivo, ou seja, aquilo que é compartilhado pela humanidade, algo similar a patrimônio comum.

Mesmo que ele seja um discurso inverificável que não apresenta um caráter argumentativo, o mito possui uma eficácia um tanto maior, pelo fato de veicular um saber cuja base é partilhada por todos os membros de uma dada coletividade, o que faz dele um formidável instrumento de persuasão de alcance universal (BRISSON, 2014, p.54).

O poeta criou a beleza e a clareza dos conceitos através do uso da linguagem, colocou o qualificativo em todas as coisas, pôs ordem ao universo visível através da intuição e da intelectualidade e o sentimento atingiu a verdade das revelações transcendentais. Por isso, o poeta no início dos tempos era uma espécie de profeta. A invocação feita por ele se dá através da linguagem. Ele pronuncia as palavras que deveriam ser enunciadas pelos profetas. De certa forma o poeta acaba por se tornar fisicamente quem ele evoca, numa espécie de alienação de sua própria identidade, como já dissemos. Assim a transformação do poeta não é apenas visual, ela se faz também através da oralidade. Diante deste tipo de atitude o poeta tenta modificar o comportamento dos que o veem, oferecendo a estes, modelos de ação que levariam o bardo a ser conhecido como um verdadeiro educador dos tempos antigos. Nos mitos narrados pelos poetas se mesclavam diferentes tipos de conhecimentos, dentre os quais se pode citar os valores éticos, saberes variados e até questões religiosas.

Na condição de “educador”, o poeta dá forma e transmite aquilo que faz a identidade de uma comunidade, na sua consciência e sua cultura, de algum modo. Eis por que o público exerce sobre o poetas que a ele se dirige, diretamente ou por intermédio de intérpretes, uma verdadeira censura, extremamente restritiva, pelo fato de que ela se dá numa performance oral que se caracteriza como um face a face (BRISSON, 2014, p.22).

De início o poeta foi o instrutor da humanidade, mestre na arte de ensinar os seres humanos a olharem para si mesmos, bem como ao mundo que os rodeava. O poeta também foi o historiador, o filósofo, aquele que valorizava a tradição cultural de seu povo e além disso ainda transmitia os valores morais nas referências que fazia aos heróis, deuses e suas ações, sendo ainda parte do saber religioso. Basicamente se pode dizer que as principais características que se destacavam nas narrativas mitológicas eram a relação entre os homens e os deuses e as coisas que compunham a existência do mundo. Porém, “as formulações mítico-religiosas vão cedendo passo a explicações racionais, cujo nome será, afinal, filosofia” (CHAUÍ, 2002, p.17).

A invenção poética serviu de apoio à religião da época, pois mesmo o oráculo, voz dos deuses, podia se fazer ouvir ao ritmo do verso, algo que acontecia por exemplo nos cantos e ritos sagrados existentes nos mistérios de Elêusis³. Assim, o ensino do heroísmo nasce com a poesia de Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*, e a epopeia com formas poéticas e religiosas surge com Hesíodo, principalmente em sua *Teogonia*. Logo as explicações acerca do mundo passariam a ser feitas dentro da filosofia jônica por uma perspectiva naturalista, onde o primeiro a se destacar foi Tales de Mileto e sua ideia de arqué, elemento primordial, sendo a água.

O pensador que inicialmente irá compor sua filosofia a base de poesia será Xenófanes de Cólofon, que ao exilar-se de sua terra, passa a viajar por diversos locais, adquirindo sabedoria e escrevendo poemas, tornando-se uma síntese de poeta e filósofo.

Dentre os filósofos da antiguidade pré-socrática que mesclavam poesia e filosofia, talvez o maior destaque seja Empédocles. Primeiro porque ao ser um filósofo da natureza vai defender a ideia de que os elementos primordiais, que geram todas as coisas são o fogo, a água, o ar e a terra, sem os quais não pode haver vida. É considerado o último filósofo grego a produzir escritos em versos e entre os fragmentos que sobraram de seus ensinamentos estão dois poemas: *Purificações* e *Sobre a Natureza*

É importante observar que a própria filosofia surge desta dicotomia, uma vez que geralmente se concebe o seu nascimento a partir da ruptura entre mito e logos. Assim a filosofia inicial estava mais próxima a uma construção mítica que de um pensamento científico. Deste modo, se pode analisar que entre mito e logos, literatura e filosofia, embora aparentemente haja

³ Nesta localidade, próxima a Atenas, se celebrava o culto às deusas agrícolas Deméter e Perséfone.

uma oposição, o que existe de fato é uma relação de complemento e necessidade mútua.

Dentro das disparidades e complementaridades da relação entre filosofia e literatura na Antiguidade, podemos separar ser e parecer, ficção e realidade, poesia e filosofia, Parmênides e Heráclito e veremos mais as diferenças se complementando que se destruindo. Assim, a atividade de criação do saber se forma por essas dicotomias e serve para enriquecer o juízo a ser estabelecido sobre o que há no mundo e como fazer para descrevê-lo. Dessa maneira, a filosofia não se compreende por si só, precisa reforçar sua relação com a literatura para difundir e esclarecer aquilo que chamamos de saber filosófico. Dentro desta questão sobre a complementaridade das partes, a melhor resposta pode ter sido dada por uma pergunta; “A filosofia é o advento da razão inteiramente liberada do mito e da religião ou é a continuação (racionalizada e laica) das formulações mítico-religiosas?” (CHAUÍ, 2002, p. 18). Esta pergunta parece resumir todas as dúvidas causadas por esta relação entre opostos, mas até que ponto esta oposição não é complementar? Aparentemente, como já mencionado, os argumentos em favor de um complemento entre os dois saberes parece ser algo mais aceitável.

Neste relacionamento de atividades é possível encontrar o poeta e o filósofo perdidos na escuridão, em busca da luz que os leve a revelar com palavras a verdade. Sobre a verdade haveria uma discussão mais elaborada, já que a traduzimos por *aletheia*, cujo prefixo a representa a negação e *lethe* seria esquecimento. Neste sentido, a verdade seria o não esquecimento e os únicos capazes de fazer com que a humanidade se lembrasse das coisas seriam na Grécia antiga o adivinho, o rei-de-justiça e o poeta. Todos eles eram os oradores da antiguidade grega.

Capazes de ver o invisível ou o oculto – o poeta vê o passado, o adivinho vê o futuro e o rei justiça vê a ordem do mundo sob as mudanças e sob as lutas dos contrários e opostos -, essas três personagens lembram por meio da palavra inspirada pelos deuses. O poeta canta os feitos dos antepassados. O adivinho diz os feitos e efeitos da ação dos deuses e dos homens. O rei-de-justiça diz a justiça (*diké*), isto é, afirma que a ordem do mundo é governada por uma lei boa e justa. A palavra dos três é mágica ou eficaz porque, quando o poeta canta, o passado se faz presente; quando o adivinho anuncia o futuro se faz presente; quando o rei-de-justiça enuncia a justiça, cria a lei (são como o Deus judaico-cristão que cria as coisas simplesmente dizendo: “Faça-se”). Não há distância entre falar e fazer, palavra e ação (CHAUÍ, 2002, p. 41).

Se de fato não há distância entre falar e fazer, palavra e ação com diz Marilena Chauí, não deveria então, haver um distanciamento entre filosofia e literatura, já que ambas funcionariam como duas faces de uma mesma moeda. E se analisamos a filosofia desde seu surgimento e o seu desenvolvimento através do tempo, o que se verá é que a escrita fez com que os gregos tivessem uma possibilidade mais ampla de esclarecer e difundir as suas ideias,

facilitando o compartilhamento de seu conhecimento, o que em muitos momentos colaborou para a passagem da teoria para a prática, confirmando assim a união entre a palavra e a ação. Um exemplo claro seriam alguns processos revolucionários que foram iniciados por pessoas que teorizavam sobre o momento vivido e a necessidade da mudança de ação para que a sociedade pudesse se transformar. A educação vista por este ângulo é um processo que permite uma mudança pela união entre falar e fazer.

Há um espaço comum em que os discursos literário e filosófico se complementam inevitavelmente, conseguindo alcançar a verdade, dentro de suas possibilidades, e isso se dá no processo criativo que move as duas forças, acontecendo no momento em que a poesia surgiu, quando o discurso racional deixou de lado seu caráter meramente argumentativo e se moveu em direção ao entendimento da verdade filosófica por outros meios, fazendo da poesia e da literatura formas para transmitir suas mensagens. Se os dois tipos de conhecimento têm o mesmo objetivo, o que os diferencia são os procedimentos empregados para atingir tal meta. Assim, haverá lugar para que ambos possam fundir-se e ajudar-se mutuamente nesta missão.

O ato de escrever passa ser a ferramenta principal para construção de um poema e também para a argumentação que gerará a identificação entre os dois tipos de atividade, dando-lhes um caráter mais universal quando o assunto é atingir mais pessoas. Esse projeto viria a ser mais perceptível a partir da invenção da imprensa, da popularização da alfabetização e da industrialização, já que estes processos facilitariam às pessoas a possibilidade de aquisição de conhecimento pela leitura.

Ao fim e ao cabo, o filósofo e o poeta encontram uma limitação para expressar e alcançar a verdade. Ambos atingem suas metas por caminhos diferentes. Se um se guia pela estrada árdua da razão o outro busca o caminho da sensibilidade e da comoção. Cada um chega ao lugar que quer, pois há diferentes caminhos e maneiras para atingir objetivos comuns.

A filosofia, desenvolvida a partir de discursos racionais e sistemáticos com objetivos claramente marcados, compartilha com a poesia o esforço de formar uma visão dotada de sentido, onde impere a lógica entre o que se escreve e o que se entende. É possível afirmar que as ideias expressadas pelo poeta ou pelo filósofo visam desvendar o mistério da existência e alcançar a verdade radicalmente oculta através de diferentes procedimentos. Para Jaeger:

“Não é fácil traçar a fronteira temporal do momento em que surge o pensamento racional. Passaria, provavelmente, pela epopeia homérica. No entanto, nela é tão estreita a interpenetração do elemento racional e do ‘pensamento mítico’, que mal se pode separá-los. Uma análise da epopeia, a partir desse ponto de vista, nos mostraria quão cedo o pensamento racional se infiltra no mito e começa a influenciá-lo” (2013, p.191).

Assim, a poesia aparece de maneira similar ao ensaio ou tratado, como forma de revelação de diferentes aspectos da realidade para a qual não há outro meio de acesso que não seja o conhecimento pela via poética ou pela via racional. Este conhecimento se produz através da linguagem, tem sua concretização no poema ou em uma proposição de juízo. Um argumento bem estruturado, onde os versos e a beleza se encontrem, se transforma em um poema onde estas características interdependem, se ajustam e formam uma unidade superior de discurso e entendimento. A comunicação depende do ato de criação para ser bem recebida por aquele a quem se quer dizer algo. Segundo Jaeger (2013, p.10): “A ‘teoria’ da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e à sua poesia”.

Do ponto de vista histórico se sabe que a literatura surgiu em conjunto com o mito e associada às lendas e poemas, sendo bem mais instituída após o nascimento da filosofia. Deste modo, se pode dizer que ela é parte do processo que leva à passagem da *doxa* para a *episteme*, ou seja, era parte da resposta racional que deveria povoar as explicações sobre o mundo sem ceder aos excessos do mito. De tal modo, filosofia e literatura acabavam induzindo a pensar que pareciam pertencer a domínios diferentes, já que seus objetivos não se correspondiam, pois em vários momentos da história da filosofia o que se vê é que ambas chegam até mesmo a se opor, porém em outros momentos elas caminharam lado a lado, especialmente quando filósofos como Platão ou Nietzsche escrevem seus textos filosóficos, já que seus escritos se caracterizaram por ter muitos traços literários.

As fronteiras entre filosofia e literatura tinham linhas tênues, como já mencionamos, mas não se pode negar à literatura a capacidade de ser o grande veículo comunicador da filosofia. Neste aspecto, a literatura se ocupará de explicar melhor o ser humano, sua conduta e sentimentos, e isso será feito principalmente pela poesia, já que esta descreve o existencial humano e a filosofia bem como a psicanálise vão buscar entender como isso se manifesta via literatura. Quando se procura entender os pontos de encontro e de fricção entre filosofia e literatura, se entende que elas às vezes se equiparam e em outros momentos há a sobreposição de uma frente a outra, pois ambas precisam de argumentação para se fazerem entender, então elas são aproximadas pelas palavras, nada mais humano para servir de canal de conexão entre ambas. Se elas se relacionam entre si, nada mais natural que encontrar características literárias nos textos produzidos por muitos filósofos. Neste sentido, um dos primeiros a usar a forma de diálogo em seus textos foi Platão, tendo seu método citado nas palavras de Maria Helena da Rocha Pereira, ao comentar as diferenças entre ele e os outros discípulos de Sócrates, demonstrando um dos motivos da grandeza intelectual do filósofo, no prefácio de A República. Segundo Pereira: “A forma de diálogo, em si, não é como se sabe, novidade platônica, pois

outros discípulos de Sócrates o usaram. Mas só Platão elevou o diálogo a gênero literário” (apud PLATÃO, 1993, p.6).

Com efeito, se o problema da relação entre os dois saberes atravessou o tempo, as possíveis respostas diante de tal problemática também foram modificadas, mas mesmo assim as dificuldades para chegar a um ponto em comum foram hercúleas, não havendo de fato uma resposta clara e evidente para se chegar a uma solução.

Na Grécia antiga, antes mesmo de Platão, Heráclito já havia dito que a poesia de Homero seria um obstáculo à formação de um pensamento exclusivamente filosófico, pois a mesma se caracterizava por ser excessivamente mitológica. Porém não se pode negar que a filosofia pré-socrática apareceu na forma de poema, em especial com Parmênides.

A poesia, o drama, o romance tratam frequentemente de temas filosóficos e suscitam questões que são filosoficamente relevantes. Há filosofia nos poetas gregos como Homero e Hesíodo, assim como nos tragediógrafos como Ésquilo e Sófocles, quando discutem o destino, a natureza humana, a morte, a justiça, o amor e a virtude. Há filosofia em Shakespeare, em Miguel de Cervantes e em Goethe. Filósofos também usaram a poesia e o romance para expressar suas ideias, como Parmênides na Antiguidade, Voltaire, Diderot e Rousseau no pensamento moderno. Isso revela que o estabelecimento da tradição filosófica e a definição do que é uma obra de filosofia ou qual o estilo próprio do filosofar são muitas vezes arbitrários, as fronteiras nem sempre sendo claras, havendo momentos de ruptura e transição (MARCONDES, 2007, p.245).

Mesmo entre Platão e Aristóteles serão encontradas diferenças na maneira de ver a poesia. Se para o primeiro a poesia é vista como algo que afasta as ideias e assim se torna criadora de ilusões, no segundo se encontra justamente o contrário, havendo assim uma valorização do poder da poesia, mesmo que a considere um tema inferior à filosofia. Aristóteles em sua Poética afasta a poesia da história e a aproxima da filosofia.

Segundo o que foi dito se apreende que o poeta conta, em sua obra, não o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto na perspectiva da verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa: caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder. E é por esse motivo que a poesia contém mais filosofia e circunspeção do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular. Entendo que tratar das coisas universais significa atribuir a alguém ideias e atos que, por necessidade ou verossimilhança, a natureza desse alguém exige; a poesia, desse modo, visa ao universal, mesmo quando dá nomes a suas personagens (ARISTÓTELES, 1999, p.47).

Diante de tais questões, se pode observar que a poesia e a filosofia foram colocadas em um grau de proximidade bem grande e vez por outra se perpassam e se influenciam. Já que

poesia e pensamento não estão distantes, se desenvolvem paralelamente, mesmo que por muitos séculos vários pensadores se mantiveram firmes na insistência em dita cisão.

Os gregos foram um povo muito imaginativo, que por seu espírito e sua obra iluminaram o pensamento humano e suas indagações serviram para conduzir o raciocínio das sociedades que os sucederam. Seus poetas ofereceram desde uma imagem do mundo carregada de sentimento até ensinamentos morais e pedagógicos. O poeta usava as palavras para versar sobre os problemas existentes na religião e as relações entre esta e a moral. Será a filosofia, quando mais desenvolvida, elaborada e capaz de fazer um juízo mais harmônico acerca da natureza e da existência, que irá retirar do domínio da poesia tais questões. Mesmo assim, vale observar que a filosofia, segundo Jaeger (2013, p.10) : “Não contém só o elemento racional em que pensamos em primeiro lugar, mas também, como indica a etimologia da palavra, um elemento intuitivo que apreende o objeto como um todo na sua ‘ideia’, isto é, como uma forma vista”.

Será através de suas narrativas que os poetas atingirão sua meta mais elevada, conduzindo a alma humana ao divino, já que esta seria a sua natureza, livrando-o assim das sombras da morte que acompanham a vida terrena. Essas questões seriam bem vistas na tragédia clássica. Assim, a poesia seria o terreno da libertação da alma, lugar de pensamentos elevados, onde a teologia e principalmente a psicologia iriam florescer muito tempo depois. O homem passaria a enfrentar seus temores a partir daquilo que seria interpretado nos palcos dos teatros gregos, onde se destacariam os grandes dramaturgos Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

Ésquilo falava sobre a justiça eterna que se sobrepõe aos acontecimentos na vida do homem e expõe a ideia de que o preço a ser pago pela sabedoria é a dor. Sófocles dedicou sua obra a explicar o equilíbrio entre as forças dos deuses e dos homens. E Eurípedes demonstrou os extremos do heroísmo e as quedas as que estão sujeitos os mortais. Estes dramaturgos foram responsáveis por colocar em destaque a imagem do herói trágico, figura atormentada diante das vicissitudes que o humano enfrenta ao seguir seu destino. Antes deles, em Homero e Hesíodo, os exemplos estavam mais ligados ao herói épico, figura quase divina ou aos deuses, que se assemelhavam em muito aos humanos em algumas atitudes.

Assim, entre epopeias e tragédias, o belo contém em seu âmbito de harmonias perfeitas, o estridente fervor dos sentimentos humanos e o supremo sabor das ideias elevadas. Se a poesia serviu como meio de instrução com Homero e Hesíodo, outros os substituiriam ainda na Grécia antiga, por meio dela ainda surgiriam outros com o mesmo tipo de talento para descrever os sentimentos humanos e os acontecimentos que deles levariam ao aparecimento de escritores como Virgílio, Dante, Camões, Cervantes e Shakespeare. Foi assim que desde a Antiguidade o que se viu foi uma espetacular mescla entre literatura e pensamento filosófico. E isso se repetiria

de forma perene. E embora muitos desqualificassem esta simbiose e outros a aceitassem sem grandes problemas, foi ela que contribuiu para analisar e tentar definir o sujeito moderno. Como os mitos resistem e sobrevivem a tudo, uma de suas manifestações mais fortes segue sua jornada através do tempo e espaço, sem abandonar o imaginário humano. Este é o herói, e sua jornada é uma verdadeira saga.

1.1 O HERÓI: A JORNADA DE UM CONCEITO

Em outros tempos a poesia definia as características do povo, sua religião e formas de educação. Assim, a mesma seria essencial para a evolução cultural das sociedades antigas. Se as narrativas míticas foram importantes porque através delas deuses, semideuses e seres fantásticos de diferentes níveis serviriam para demonstrar como pensava o homem em outras épocas e para definir certos padrões culturais e de conduta, que seriam analisados pelas mais diferentes ciências, há uma espécie mítica, o herói, que tem uma longa história através do tempo. Ele se vestiu de diferentes características que vão da coragem à astúcia e serviu de base para a educação grega. Sua trajetória se iniciou como a de um ancestral que ao morrer assumia um papel divino, passou pela poesia de Homero, depois foi atravessando o tempo e tomando novas características segundo a necessidade de cada época. Foi essa longa jornada através do fluxo temporal que moldou a figura do herói e o legou às diferentes sociedades como uma marca cultural indelével, própria da humanidade.

O conhecimento é um terreno pantanoso, movediço, não sendo, portanto, algo totalmente concreto, sem possibilidades de mudança, por isso está em constante evolução. Nossas ideias acerca do mundo, do ser humano e da vida foram sendo transformadas pelo tempo, e às vezes se faz necessário retomar concepções passadas sobre um tema para entender suas manifestações no pensamento mais atual. O conceito de herói é um desses conhecimentos que foi evoluindo e passando por profundas transformações, como veremos ao longo deste texto.

O passado é a raiz que alimenta o presente, e para que isso seja possível é importante instituir um diálogo entre nós e os que nos antecederam neste mundo. Procurar entender o quanto de suas práticas e ideias persistem naquilo que fazemos e somos. De todas as situações pelas quais o ser humano passa, a morte é aquela que mais nos iguala, e sempre representou um mistério que desde a Antiguidade buscamos entender e talvez aceitar. Muito de nossa forma de encará-la vem de povos que deixaram sua maneira de tentar explicar tal mistério ao longo do tempo.

Até os últimos tempos da história da Grécia e de Roma, vemos persistir entre o homem do povo determinado conjunto de pensamentos e de usos, por certo datando de época muito afastada, mas em que já poderemos reconhecer as ideias primitivas concebidas pelo homem quanto à sua própria natureza, à sua alma, e sobre o mistério da morte (COULANGES, 1998, p.7).

Dentro do grupo de povos denominados indo-europeus já existia a crença de que esta vida não findava com a morte, havendo uma segunda existência, pois a morte conduzia à mudança de vida. Para uma melhor concretização desta passagem os ritos fúnebres eram importantíssimos, afinal aqueles povos acreditavam que o morto continuaria sua vida sob a terra. “As mais antigas gerações, muito antes ainda de existirem filósofos, acreditavam já em uma segunda existência passada para além desta nova vida terrena. Encaravam a morte, não como decomposição do ser, mas como simples mudança de vida” (COULANGES, 1998, p.7).

O corpo deveria receber sepultura para poder encontrar felicidade além desta vida, pois sem sepultura a alma passaria a uma existência desgraçada. “Para a alma se fixar na morada subterrânea destinada a esta segunda vida, impõem-se, igualmente, que o corpo ao qual a alma está ligada, seja coberto de terra” (COULANGES, 1998, p.7). Essa dualidade entre corpo e alma se referia à “transformação e corrupção” a que todos os seres estão submetidos. Essa separação se dava, porque havia “a ideia de um dualismo entre corpo mortal e alma imortal que precisa ser moralmente purificada para liberar-se do corpo e gozar a felicidade perene” (CHAUÍ, 2002, p.21).

Havia um temor maior frente à falta de sepultura que frente à morte, já que se o corpo ficasse insepulto seria sinal de padecimento para a alma, que além de tudo não teria repouso e estaria isenta da bem-aventurança eterna a que teria direito em caso de sepultamento. Os vivos deveriam providenciar o enterro ao morto e prover-lhe de alimentos. “O ser que vive debaixo da terra não se encontra tão desprezado do humano que não tenha necessidade de alimento. Por isso, em certos dias do ano, se leva a refeição a cada túmulo (COULANGES, 1998, p.12).

Assim, as tumbas serviriam para perpetuar a memória do extinto, um local para cultuá-lo e lembrar de sua existência. “Podem ter de 3 mil a 4 mil anos e testemunham a veneração outrora sentida pelos contemporâneos mais jovens por homens de destacada virtude, generosidade ou heroísmo. As tumbas foram construídas para assinalar o respeito e perpetuar a memória desses mortos (JOHNSON, 2008, p. IX).

Na Pré-história os homens já demonstravam ter preocupação com o além morte e também com o enterro dos seus. Porém, com o advento dos primeiros agrupamentos humanos a associação entre morte e a preservação da memória se tornaria mais forte. O culto aos mortos

e as oferendas que lhes eram feitas se deviam ao fato de que: “Antes de crerem na metempsicose, que supunha existir uma distinção absoluta entre alma e corpo, acreditaram na vaga e indecisa existência do ser humano, invisível mas não imaterial, reclamando dos mortais alimentos e bebidas” (COULANGES, 1998, p.16).

Hindus e gregos viam os mortos como seres divinos desfrutando de uma existência plena de bem-aventuranças, mas os vivos jamais poderiam abandonar o culto destes, pois se tal questão acontecesse a alma se tornaria errante e passaria a atormentar os vivos. Em sentido geral, a morte foi entendida como a cessação ou o desaparecimento da existência humana, mas a questão da imortalidade da alma foi discutida com alguma frequência, tanto pelas religiões quanto pela filosofia.

“Às almas humanas divinizadas pela morte chamavam os gregos demônios ou heróis” (COULANGES, 1998, p.16). Essa era a primeira manifestação do herói na história humana. Para os povos itálicos, as almas dos mortos eram chamadas de manes, gênios ou lares. Na filosofia grega, segundo Japiassu (2006, p, 68), “demônio era gênio (espírito) bom ou mau, inferior a um deus, mas superior ao homem”. Portanto, para o autor o demônio era um ponto intermediário entre deus e homem. Mesmo assim os mortos foram adorados e cultuados, com os vivos fazendo-lhes preces e pedindo por sua proteção.

Dentro dessa variedade de denominações dadas às primeiras divindades, os penates, deuses que velavam pelo bem-estar e prosperidade das famílias, cujo nome deriva de penus, a despensa, que era consagrada a eles, cabendo ao chefe de família o papel de sacerdote que cuidaria de seu culto. “Os lares eram também deuses da família, mas diferiam dos penates porque eram espíritos deificados de mortais. Os lares de uma família eram as almas dos antepassados que velavam por seus descendentes” (BULFINCH, 2014, p.21). Os romanos ainda acreditavam que cada homem tinha seu Gênio e cada mulher a sua Juno, divindades que além de lhes dar a vida também os protegiam durante sua existência.

Se anteriormente à formação das cidades os heróis eram intermediários entre os deuses e homens, sendo imortais, posteriormente a tal evento, eles seriam definidos como homens de grande força que eram favorecidos pelos deuses, conservando sua imortalidade, seja pelo nome e pela glória atingidos, seja pelo culto que lhes era prestado. De qualquer modo, os mortos eram cultuados como divindades e graças a isso surgiu uma primeira forma de religião, doméstica e voltada para a manutenção da memória dos ancestrais. “Parece que o sentimento religioso do homem começou com este culto. Foi talvez por via da morte que o homem pela primeira vez teve a ideia do sobrenatural e quis tomar para si mais do que lhe era legítimo esperar da sua qualidade de homem” (COULANGES, 1998, p.16).

Essa religião doméstica existente no passado grego e latino levava os habitantes de cada casa a manter um altar, e neste a obrigação sagrada era sustentar aceso o fogo divino dia e noite, sob pena de maldições recaírem sobre as casas que não respeitassem tal rito. Vale observar que como já dissemos, uma das formas de nomenclatura dada à alma dos mortos era lares, de onde provem a palavra lar, usada por nós como sinônimo de casa, mas cuja ideia inicial era de um lugar onde impera a harmonia, e também lareira, onde se mantém aceso o fogo para as pessoas se aquecerem durante os dias de frio, principalmente em países onde impera o clima frio.

Mesmo para a manutenção do fogo havia regras que deveriam ser respeitadas. O mesmo não poderia ser sustentado por qualquer tipo de madeira e diante dele não se deveria praticar atos ímpios, visando assim a manutenção de sua pureza, que se relacionava com a alma dos seres antepassados. Para apagar o fogo sagrado e reacender outro em seu lugar, havia dia determinado, entre os romanos era o primeiro de março. Este fogo doméstico tido por divino era amplamente cultuado, os homens lhe faziam oferendas e lhe dirigiam preces, implorando por saúde, felicidades, riquezas, entre outras bençãos. Desta maneira, a religião do fogo sagrado já existia em épocas remotas, quando na verdade gregos, itálicos e hindus não existiam em separado, o que havia era um ancestral comum: o povo ariano. Se esses três povos mantinham semelhança em seu culto aos mortos, isso se deveu ao fato de que “provinham de uma mesma raça; seus antepassados, em época muito afastada, moravam conjuntamente na Ásia Central” (COULANGES, 1998, p.23). Havia ainda outras formas de prestar homenagens aos mortos, em especial quando bens materiais segundo Vernant (2015, p.29), eram “colocados ao lado do cadáver, como ‘pertences’ do defunto” para lhe servirem em seu túmulo.

Com o avanço do tempo, a formação das cidades antigas e a consolidação dos povos, viriam a surgir religiões de caráter coletivo, voltadas para os anseios de cada localidade, havendo em ditas cidades templos dedicados aos deuses que eram considerados protetores locais.

O modo de vida desenvolvido com o surgimento das cidades não seria afetado apenas do ponto de vista religioso. Haveria também uma mudança cultural muito intensa que levaria ao surgimento da política, da poesia e da educação, entre outras manifestações socioculturais. Foi através deste conjunto de acontecimentos que os heróis passaram de alma dos antepassados para a representação de algo mais voltado para o grupo, e foi esse imaginário coletivo que colocou o herói em destaque através de mitos que serviriam tanto para explicar questões sobrenaturais, o surgimento da cidade e o seu fundador, bem como ensinamentos de ordem moral para servirem de inspiração aos homens. Foi a poesia que elevou o herói a um novo patamar, colocando-o em lugar de destaque nos épicos.

O processo para chegar à formação da cidade passou pelas famílias, que ao unir-se formaram as fratrias, destas surgiram as tribos e da união de diferentes tribos chegaram à constituição das primeiras cidades. Estas por sua vez estavam relacionadas de forma mitológica a um deus ou a um herói. “O deus da tribo era ordinariamente da mesma natureza do da fratria, ou do da família. Era um homem divinizado, um herói. Desse herói derivava o nome da tribo: por isso os gregos lhe chamavam herói epônimo” (COULANGES, 1998, p.126). Ao longo da história este fenômeno seria recorrente, pois se refere a uma personalidade mítica, histórica ou a uma divindade que dava seu nome a algum lugar, como Atenas, ou Rômulo, cujo nome se encontra associado à cidade fundada mitologicamente por ele, Roma.

Ao formar as cidades, seus habitantes não podiam deixar de acender o fogo sagrado e mantiveram uma religião comum. Houve casos em que o deus protetor de uma certa família ganhou tanta notoriedade que acabou se tornando alvo de culto público. Da soma da religião doméstica com a coletiva o que se viu foi que a primeira legava deuses de alma humana, enquanto a segunda estava mais relacionada a aspectos ligados à natureza. Com o tempo, o culto aos mortos estabelecido em épocas remotas, foi perdendo espaço, sofrendo um retrocesso, enquanto a religião coletiva, ligada aos mencionados fenômenos da natureza “apresentou maior progresso e desenvolveu-se livremente através dos tempos, modificando pouco a pouco as suas lendas e as suas doutrinas, aumentando sem cessar a sua autoridade sobre o homem (COULANGES, 1998, p.129).

A história da origem da cidade ensinava ao habitante aquilo em que deveria acreditar e cultivar. Normalmente eram histórias contadas ou escritas por sacerdotes. Antes a religião doméstica pregava a manutenção do fogo sagrado, tendo na figura do pai algo comparado ao sacerdote, com a formação das cidades haverá uma pessoa indicada para cuidar dos ritos voltados às figuras heroicas ou deuses que deveriam ser cultuados. Esse sacerdote público viria a usar o nome de rei (*anax*), que seria responsável ainda por administrar a economia, a política, as questões militares e a justiça.

A formação das primeiras cidades gregas trouxe consigo uma série de avanços culturais, mas as invasões de povos como aqueus, jônios e dórios levaram Micenas, Creta e Tróia à derrocada, reduzindo a cultura que existia no chamado Período Homérico (1.200 a 800 a.C.) a uma existência voltada para a agricultura e o pastoreio. A Grécia voltaria a florescer no chamado período Arcaico (entre os séculos VIII a V a.C.) onde surgiram novas cidades como Atenas, Esparta, Mileto e Éfeso entre outras, passando o sistema político da monarquia agrária para a oligarquia urbana, onde predominaria o artesanato e o comércio, que levaria os gregos a manter contatos culturais com outros povos, especialmente do Oriente, e no período seguinte,

denominado Clássico (do século V ao IV a.C.) a Grécia veria surgir a democracia e a consolidação da filosofia surgida durante o período clássico.

1.2 O HERÓI E A EDUCAÇÃO

Muitos dos avanços que surgiriam durante a ascensão da pólis permaneceriam influenciando a civilização ocidental até os dias atuais. Conceitos como religião, política, ética, economia, educação, poesia e filosofia foram sendo ampliados, difundidos e elevaram a Grécia à condição de berço da cultura ocidental. As mudanças afetaram e transformaram o quadro social existente até então. “A percepção da diferença entre passado e presente, a separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, as distâncias entre homens e deuses são novidades que se inscrevem em realidades sociais também novas” (EYLER, 2014, p. 36).

Antes de pensarmos a evolução da sociedade e como esta gerará o surgimento da pólis, é preciso analisar o trabalho poético de Homero, pois é ali que estão os pressupostos que orientaram o engrandecimento histórico dos gregos, algo que os levaria ao desenvolvimento dos valores da educação e posteriormente ao pensamento filosófico. Homero, em seus poemas épicos, *A Ilíada* e *A Odisseia*, apresenta relatos que encadeiam eventos e personagens, relacionando-os a combinações genealógicas e a uma continuidade cronológica de acontecimentos.

Na época pré-homérica a educação era “fundamentalmente militar, orientada para a formação do caráter, para o desenvolvimento do vigor físico e da destreza, antes que para o da inteligência” (MARROU, 1975, p.7). Ainda encontramos traços desta educação militar na *Ilíada*, já que os heróis ali destacados estão dentro desta moral de coragem e bravura, mas o mesmo não se nota na *Odisseia*, em que a virtude mais intensamente destacada é a astúcia. Depois da época de Homero e com a formação da pólis, o que se verá é uma educação que valoriza o intelecto, sem, contudo, abandonar o físico, colocando ambos como um conjunto, não como coisas opostas. Com o advento da pólis “a história da educação antiga reflete a passagem progressiva de uma cultura de nobres guerreiros para uma cultura de escribas” (MARROU, 1975, p.7).

Se na poesia homérica é possível observar a mencionada continuidade cronológica de eventos relacionados aos personagens de sua narrativa, também é possível analisar o potencial educativo ligado aos valores daquela época. Para Cícero (1965, p.63): “Quando dizemos que um poeta observa a decência, é quando ele faz seus personagens falarem e agirem de acordo com seu caráter”. O poeta falava em seus versos acerca do comportamento humano, sendo,

portanto, um expoente moral para seu povo e de seu tempo. Assim:

Em Homero, a consciência cronológica e da diferença entre passado e presente sustenta uma narrativa que se desenvolve sob as condições de guerra, na *Ilíada*, e de paz na *Odisseia*, e define um manual ético para o homem aristocrático (o chefe da *oikós*) na moral heroica da honra. O comportamento do homem aristocrático, tanto na guerra quanto na paz, definia aquilo que faria do homem um homem por inteiro, completo. Assim os heróis gregos foram tomados como modelos paradigmáticos (EYLER, 2014, p.39-40).

Desta maneira, tomando os heróis homéricos como modelos a serem seguidos, temos a confirmação desta ideia nas palavras de Cícero (1965, p.72), que disse “que imitamos a quem nos agrada e somos levados a seguir o seu exemplo!”

A importância de Homero para o entendimento da cultura grega da Antiguidade é fundamental, pois é a partir dele que a educação começou a se solidificar, para mais adiante se tornar exemplar, já que seus heróis eram um modelo literário da separação existente entre deuses e mortais, que submetidos ao tempo e à vontade destes mesmos deuses, sabem que vão morrer, mas a morte pode ser o encontro com aquilo que buscam: a glória. Assim eles deixam um legado de lutas, de coragem e de excelência no que faziam.

[...]estar nas mãos dos deuses não invalidava os compromissos dos heróis com a *areté*, com o desenvolvimento da excelência humana. Esta se associava ao reconhecimento do passado, e sua conservação por meio das virtudes que compunham a excelência. Associada a *areté* estava a honra reconhecida não na intimidade do ser, mas na sociedade à qual se pertencia (EYLER, 2014, p.39-40).

Por ser um poeta e não um historiador, Homero usa ao extremo sua liberdade de criação, mesclando cenas, costumes e atitudes reais com deuses que intervêm no conflito, além de seres fantásticos, evocados para compor uma das mais imortais obras da literatura de todos os tempos, A *Ilíada*, legando-nos uma imagem de heróis que passam pelo cavalheirismo, a astúcia e a força como características da *areté*. Para o herói homérico em sua busca por glória, o que contava “era a façanha individual, a proeza feita em combate singular”. Porém, também havia espaço para destacar a ira, colocando o herói em um patamar humano. A ira “causa uma transformação completa da ética do guerreiro” (VERNANT, 2015, p.67). Em uma sociedade que valorizava a honra em oposição às culturas que destacavam a culpa e o dever, como a judaica por exemplo, não é possível atribuir ao herói grego uma subjetividade inexistente nele. Se a reputação era um valor de destaque, qualquer ofensa pública ou palavra que pusesse em dúvida o prestígio de alguém era vista com uma humilhação. No relato épico, é possível ver a quebra de laço entre o herói e sua comunidade, algo que não era bem aceito por se tratar de uma sociedade que

valorizava o respeito e comportamentos que colocassem o grupo acima de tudo, já que um comportamento colérico levaria o herói a cometer atos injustos. “Sempre devemos banir a cólera, pois que nunca fazemos qualquer coisa de justo quando é feito com arrebatamento” (CICERO, 1965, p.80).

Mesmo assim, o grande herói da Ilíada, Aquiles, foi tomado pela *hybris*,⁴ ao saber que seu amigo Pátroclo fora morto por Heitor. A cólera de Aquiles o afasta de sua “*areté* e da reputação de honra que lhe asseguraria um lugar de honra na memória social” (EYLER, 2014, p.41). Ao profanar e depois abandonar o corpo de Heitor após a sua morte, Aquiles violou brutalmente o código de conduta do guerreiro, já que era sabido que “os rituais funerários eram fundamentais para que a comunidade pudesse recordar o morto” (EYLER, 2014, p.41). Vale destacar que os gregos acreditavam que o corpo do morto precisava passar pelos rituais necessários para não se tornar impuro e para ter uma vida feliz no *Hades*.⁵ De qualquer maneira o que se observa nesta passagem é que a alma ainda continuava sendo vista como algo sagrado. A morte de um membro de uma comunidade envolvia a todos os outros componentes desta, prejudicando a sua ordem. Havendo a necessidade de realização de jogos funerários para restaurá-la. Assim como antes dos tempos das cidades, o morto ainda necessitava de atenção e de cuidado por parte dos vivos.

Aquiles recupera sua honra ao ceiar junto com Príamo, pai de Heitor e rei de Troia, e combinar com ele nove dias de trégua para que os rituais funerários fossem realizados. Sua honra, assim como a da comunidade, estava em reconhecer o sentimento comum de luto, ele por Pátroclo e Príamo por Heitor. “Assim um sentimento de solidariedade marca o final da epopeia na interpretação de alguns historiadores” (EYLER, 2014, p.41). Desse modo, Aquiles prova ter recuperado seu senso de justiça. Para Cícero (1965, p.51): “Temos como mais fortes e magnânimos os que repelem a injustiça que os que a cometem”. Corrigindo a injustiça cometida, Aquiles recupera sua magnanimidade.

A comunidade descrita por Homero é análoga à sociedade medieval europeia, pois ali havia um rei, cercado por uma aristocracia guerreira, vassalos que formavam um conselho, os anciãos também formavam parte de conselhos, justamente por serem considerados sábios, diferentemente do jovem que era visto como o melhor para a guerra. A aristocracia vai se

⁴ *Hybris* é a palavra grega para excesso ou ultraje. Normalmente se refere a um comportamento de provocação aos deuses ou à ordem estabelecida, ferindo assim os princípios do grupo no qual o indivíduo está inserido.

⁵ Local para onde as almas se dirigiam após a morte. Após um julgamento o destino destas almas era decidido, podendo ir para o Tártaro, se fossem más, para os Campos Elíseos, se fossem boas ou para o Campo de Asfódelos se fossem neutras ou sem nenhuma importância.

tornando a classe social dominante, o que leva o poder do rei a se desintegrar lentamente. Esses domínios senhoriais da nobreza viriam a constituir a cidade clássica.

Eis o fato fundamental que explicará as características originais da tradição educativa na Grécia clássica: a cultura grega foi, originariamente, privilégio de uma aristocracia de guerreiros. Vemo-la aqui, essa cultura, em seu estado nascente. Pois estes heróis homéricos não são combatentes selvagens, guerreiros pré-históricos [...] em certo sentido, são já cavalheiros (MARROU, 1975, p.20).

Em uma sociedade de cavalheiros há reciprocidade entre o eu e o outro. O ideal cavaleiresco já distinguia os gregos dos povos bárbaros. Mesmo entre oponentes deveria haver espaço para a cortesia e o respeito. A importância educativa da poesia homérica está em destacar questões ligadas à ética e ao cotidiano; “como portar-se no mundo, como reagir ante circunstâncias imprevistas, como proceder e, antes de tudo, como falar” (MARROU, 1975, p.22). Uma educação aristocrática, baseada em valores destacados pelas virtudes heroicas era importante, pois como dizia Cícero (1965, p.66), “o espírito humano se nutre de instrução; sua mente está sempre em ação, e o prazer de ver e entender é atração contínua”. As narrativas colocando o herói na condição de exemplar para o desenvolvimento das virtudes justificava a ideia defendida por Maquiavel (2014,p.57), para quem: “Um homem prudente deve empreender, sempre os caminhos trilhados por grandes homens e tomar por modelo os que foram excelentes, a fim de que, mesmo que não consiga alcançar as mesmas virtudes e glória, possa ao menos reproduzir seus princípios”.

Homero esboçou a imagem ideal do cavaleiro perfeito em suas epopeias, através de seus versos chegou até nós uma cultura de conteúdo vasto e complexo, que pressupõe uma educação adequada ao que se vivia em sua época.

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais ao conjunto das quais damos o nome de educação (JAEGER, 2013, p.1).

Para Marrou (1975, p.22): “Homero interessa-se pela psicologia de seus heróis na medida suficiente para que saibamos de que maneira foram eles educados, de que maneira puderam chegar a essa flor do cavaleirismo”. Vale lembrar que a figura típica do educador para Homero era Quirão, “o sapientíssimo centauro” que além de educar Aquiles também o fez por outros heróis.

Na origem da educação grega havia um tipo instrução que prezava a formação do jovem nobre, que recebia conselhos de alguém mais velho a quem havia sido confiado, para formá-lo segundo modelos exemplares, extraídos da poesia épica. Para Cícero, este tipo de educação tendo o mais velho por guia era correto. “É dever dos moços respeitar os de idade avançada, e entre estes escolher os que têm boa reputação, e prender-se a eles para conduzir-se por seus exemplos, pois a inexperiência dos jovens precisa ser conduzida pela sabedoria dos velhos” (CÍCERO, 1965, p74). A educação antiga conservava muitos traços de sua origem aristocrática e cavalheiresca como parte importante do processo.

Eis por que convém examinar um pouco mais de perto o conteúdo da educação homérica e seu destino. Nela se distinguirão, como em toda educação digna deste nome (a distinção encontra-se já em Platão), dois aspectos: uma técnica pela qual a criança é preparada e progressivamente iniciada em determinado modo de vida, e uma ética, algo mais que uma simples moral de preceitos: certo ideal de existência, um tipo ideal de homem a realizar (uma educação guerreira pode contentar-se em formar bárbaros eficazes ou, ao contrário, colimar um tipo refinado de “cavalheiros”) (MARROU, 1975, p.25).

Por técnica se entendia o manejo de armas, a preparação para jogos e esportes dentro do ideal cavalheiresco, artes musicais (canto, dança e uso de instrumentos) e a oratória, que traria possibilidades de contato com outros, o bem viver e a sabedoria. Segundo Jaeger (2013, p.1): “Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual”. A soma de uma educação voltada ao corpo e à mente, formando um homem mais apto às necessidades da comunidade é um ideal que faz parte daquilo que se almejava na educação antiga. “Importa, mais ainda, analisar a ética cavalheiresca, o ideal homérico do herói, e constatar-lhe a sobrevivência na época clássica” (MARROU, 1975, p.26).

Homero foi quem melhor narrou e interpretou o ideal por trás do espírito cavalheiresco, isso acabou por dar-lhe a glória almejada pelos heróis. Ele sobreviveu através de sua obra, usada como base para a educação na antiguidade grega, não só por ser uma obra-prima da literatura, mas porque sua epopeia possuía um conteúdo que a tornava uma espécie de manual ético de seu tempo. Sua obra demonstrou que “muitos homens valorizam” e “procuram a guerra, porque ambicionam a glória”, mas foi importante para a educação porque “as armas são impotentes quando não são acompanhadas de sábios conselhos” (CÍCERO, 1965, p.55).

Se mais a adiante a relação entre poesia e filosofia vai ser conflituosa, como já vimos, ainda assim será possível observar na obra homérica “todo um manual de moral prática,

ensinando, através de exemplos, todos os preceitos, a começar pelos da civilidade pueril e virtuosa; melhor ainda: pela prática da exegese alegórica, Homero era utilizado para ilustrar a própria filosofia”... (MARROU, 1975, p.27-28).

O poeta se destacava não só como tal, seu papel na educação também foi tão importante, que o próprio Platão, que não o via com bons olhos, reconhecia sua capacidade como educador. Uma vez que, segundo Jaeger (2013, p.60): “Conta Platão que era opinião geral no seu tempo ter sido Homero o educador de toda a Grécia. Desde então a sua influência estendeu-se muito além das fronteiras da Hélade”.

Na narrativa épica, o poeta criava uma atmosfera que fazia seus heróis atuarem dentro de uma perspectiva ética que condizia com o estilo de vida que os gregos levavam. Como não poderia ser diferente, a ética homérica se baseava na honra. Deste modo, “o herói homérico vive e morre por encarnar em sua conduta certo ideal, certa qualidade da existência, que esta palavra simboliza” (MARROU,1975, p.29).

Para o herói grego descrito por Homero, a glória era o fim mais importante a ser alcançado, mesmo que para isso também fosse encontrada a morte. Assim, o herói despertava no homem grego o espírito de excelência, a busca por ser feliz através da distinção e da superioridade. Aquiles atingiu a nobreza e a grandeza de forma trágica. Para ele era melhor uma vida breve e gloriosa a uma existência longa e melancólica. Enquanto a narrativa poética glorificava os feitos dos heróis do passado, educava o homem dentro de um tipo de ética que serviria para a posterioridade.

O heroísmo sobre-humano de um jovem magnífico que prefere, em plena consciência, a dura e breve ascensão de uma vida heroica a uma longa existência sem honra, cercada de prazeres e de tranquilidade, um verdadeiro *megalopsykhos* que, sem indulgência para o adversário de igual condição, só atenta no único fruto da sua luta: a glória pessoal (JAEGER, 2013, p.73).

Aos olhos do pensamento moderno, alguém que agisse em nome da glória não seria considerado virtuoso. Essa busca mais parece destinada a alguém que fosse egoísta e megalomaniaco o suficiente para só pensar em si. A meta desse tipo de herói é ser sempre melhor e manter-se superior aos demais. “Sim, uma ética da honra, por vezes bastante estranha para uma alma cristã; implica na aceitação do orgulho, que não é vício, mas o desejo elevado de quem aspira a ser grande, ou, no herói, a tomada de consciência de sua superioridade real”... (MARROU,1975, p.31).

Baseado em um ideal de honra, a poesia homérica coloca o ódio e a hostilidade como possibilidades para atingir um nobre fim, desta forma estes dois conceitos, vistos em nosso

mundo como negativos, seriam na verdade algo positivo nas circunstâncias narradas pelo poeta. Foi em função das ideias de honra e glória que o papel do poeta foi definido como algo pertencente à ordem educativa. A sua obra serviu à finalidade de imortalizar a figura do herói. Algo que pode ser confirmado nas palavras de Marrou (1975, p.31), para quem: “É em função desta alta ideia de glória que se define o papel do poeta, que é de ordem educativa”. Essa glória buscada pelo herói, figura exemplar na poesia, nem sempre é atingida pelo homem, já que se o primeiro pode suportar muitos infortúnios, não há garantias de que o segundo também o fará. “Há homens que não são os mesmos, quando a sorte lhes é contrária; desprezam soberanamente as volúpias, mas não podem moderar a dor; desprezam a glória, mas uma afronta os abate; e certamente são incapazes de provar grande constância” (CÍCERO, 1965, p.54).

A História é testemunha de como as lições de Homero foram ouvidas, aprendidas e difundidas para as gerações posteriores, já que o exemplo de seus heróis povoou a alma dos gregos, como anteriormente mencionado, o poeta ensinou que valia mais a pena uma vida breve e gloriosa a uma existência longa, sem nenhum brilho, pois ao morrer, o homem de vida longa seria lançado ao esquecimento. Homero nos legou modelos idealizados de *areté* heroica, algo que só foi possível pela perenidade de sua obra, através da qual a glória se manifestava como uma espécie de recompensa suprema. O exemplo heroico é o maior segredo por trás da pedagogia homérica, pois foi através de sua poesia que se transmitiu à Grécia clássica a imitação do herói. “É nesse sentido profundo que foi Homero o educador da Grécia” (MARROU, 1975, p.32).

Quando os gregos começaram a se desenvolver como povo, a educação teve um papel primordial, já que foi por ela que os helênicos buscaram atingir a plenitude física e espiritual, para com a evolução do processo, atingir o desenvolvimento intelectual que os levaria a criar a filosofia. Foi a busca pelo entendimento do mundo interior e exterior que se passou a demarcar as fronteiras da existência humana. Desde a Antiguidade a dicotomia existente entre corpo e alma dimensionaram as condições que levaram ao progresso humano e à constituição do processo ao qual se deu o nome de educação.

A educação participa tanto no crescimento individual quanto coletivo. Por um lado, se busca o desenvolvimento espiritual e intelectual do homem e por outro o caráter social de um povo. O fundamento deste progresso se deve às necessidades vitais, variadas sim, mas que serviram de base às mudanças projetadas através do tempo e como estas afetaram as sociedades que se dedicaram a satisfazê-las. A base para a educação moderna veio da Grécia, e a ela foram somadas outras necessidades características de cada tempo. “O mundo grego não é só espelho

onde se reflete o mundo moderno na sua dimensão cultural e histórica ou um símbolo da autoconsciência racional” (JAEGER, 2013, p.7).

O mundo grego é isto e muito mais. Os helênicos foram os primeiros a olhar para a natureza e tentar encontrar sentido nos fenômenos naturais e na vida humana, assim foram desenvolvendo “pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte” (JAEGER, 2013, p.9). Foi através do desenvolvimento da filosofia que estas questões foram sendo pensadas, discutidas e até esclarecidas. “O povo grego é o povo filosófico por excelência. A “teoria” da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e à sua poesia. Não contém só o elemento racional...” (JAEGER, 2013, p.10). Foram também os gregos os primeiros a observar a importância da educação, dando a ela um valor maior diante de outras ações humanas. “Sem dúvida, os verdadeiros representantes da *paideia*” (JAEGER, 2013, p.16).

A história da educação na Grécia está diretamente ligada à literatura, já que foi esta que originalmente trabalhou no processo de formação do homem grego, sendo que para isto, poetas como Homero e Hesíodo foram os primeiros mestres.

Com a formação da pólis haverá a separação do processo educativo de acordo com as classes sociais, isso levaria uma certa “democratização” do ensino, já que anteriormente o processo era voltado para a aristocracia. Assim, segundo Manacorda (2010, p.58):

Encontraremos antes de tudo, a separação dos processos educativos segundo as classes sociais, porém mesmo rígido e com um evidente desenvolvimento para formas de democracia educativa. Para as classes dominantes uma escola, isto é, um processo de educação separado, visando preparar as tarefas do poder, que são o “pensar” ou o “falar” (isto é, a política) e o “fazer” a esta inerente (isto é, as armas); para os produtores governados nenhuma escola inicialmente, mas só um treinamento no trabalho[...]

Com este tipo de formação, os jovens aristocratas eram educados e treinados para ser guerreiros, mas ao chegarem à velhice se tornariam conselheiros, exercendo funções políticas. De certa maneira, na poética de Homero a educação era como uma obra dos deuses ou de seres fantásticos como o centauro Quirão. Apesar disso, o poeta muitas vezes colocava os deuses e heróis em acontecimentos bem parecidos com os vividos pelos humanos. “Homero muitas vezes ridicularizava os deuses colocando-os em situações cômicas. Como personagens irracionais, eles amavam, odiavam e brigavam... o mundo dos deuses, apesar de estar sempre hierarquicamente superior, assemelha-se ao mundo dos homens” (EYLER, 2014, p.46-47). Os deuses possuíam poderes e virtudes que os homens não tinham, e isso obrigava os mortais a desenvolver e manter a sua *areté*, mesmo sabendo que nem desta forma poderiam ser superiores aos seres divinos em qualidades.

Para o povo grego a realização educativa se baseava em modelos, neste caso os heróis eram as figuras exemplares, mesmo em alguns momentos aparecendo em suas ações com falhas características dos seres humanos, algo que também acontecia aos deuses. Pode parecer estranho falar de uma educação modelar, pois esta foi justamente a forma com os regimes totalitários do século XX ordenaram suas ações a partir da escola, levando jovens a cultuar figuras de ídolos de suas pátrias ou seus líderes políticos, mas na Grécia o fenômeno não aconteceu de forma a criar um futuro governo autoritário. O ideal cavaleiresco, que induzia o olhar para o outro como igual, baseado na moral heroica da honra, que despertava no homem valores coletivos e, portanto, deveria haver dentro da comunidade a solidariedade tanto na guerra quanto paz, nos deixou ensinamentos que parecem haver caído em desuso atualmente.

[...] toda essa grande abertura em relação aos outros, esse grande protesto contra a intolerância, penetrou a tradição europeia, nosso pensamento e nossos hábitos. Só temos a ganhar se voltarmos de vez em quando, o mais frequentemente possível, a essa tradição. Pois o momento atual prova que ainda temos muita necessidade de tais lições.

Desta forma, entre os gregos homéricos, as normas de conduta, longe de prescreverem condutas rígidas e estereotipadas, delimitavam uma área de liberdade, ou melhor, de indeterminação dos comportamentos a partir das relações de força entre o indivíduo e o grupo social.

A sociedade mostrada na epopeia dependia dos seus heróis para garantir os ritos sociais e religiosos de toda a comunidade (EYLER, 2014, p.42-43).

Assim, podemos observar que embora, com um olhar mais atual se possa ter a ideia de que uma educação através de modelos nos leve a pensar em algo impositivo, contrariando princípios democráticos, na verdade não foi bem isso o que ocorreu na Grécia antiga, pois foi através de uma educação baseada em modelos heroicos de honra e ideais cavaleirescos que houve um avanço que conduziu ao surgimento da democracia e ao progresso na maneira de pensar o homem e sua relação com o outro e o mundo, que levou à consolidação do saber filosófico. Foram o estudo e o conhecimento que levaram a Grécia a se destacar no passado, assim sendo, a educação foi a principal ferramenta nesta ascensão grega, onde o pensamento e a ação deveriam visar o bem do grupo como deveres dos mais valiosos. Para Cícero (1965, p.89): “Quando se trata de determinar diferentes deveres, deve-se preferir os que melhor servem à sociedade”. Foi pensando no coletivo que os gregos desenvolveram o senso ético, vindo da poesia homérica, passando para a filosofia, onde seria amplamente debatido por homens como Sócrates, Platão e Aristóteles.

Dentro da poesia e da filosofia frequentemente haveria espaço para se pensar em um motivo pelo qual a humanidade não possuía certas respostas. Se seria um desafio dos deuses ou se eles queriam ensinar aos humanos uma lição de humildade. O conhecimento pode ser obtido

através de respostas, mas entender o que elas significam é o que pode gerar sabedoria. Infelizmente, mesmo na Grécia, houve governantes que não entenderam os significados trazidos dentro das respostas, se entre os poetas e filósofos esta busca foi contínua, foram os governantes, com seus desejos de guerra e conquista, para perpetuarem seu nome através do tempo que levaram tão brilhante civilização ao declínio e posterior ruína, exatamente como aconteceu com tantas outras civilizações. O que nos restou dos gregos foi o seu vasto legado cultural, onde o herói ocupou lugar de destaque por ser aquilo que inspirava o ser humano a desejar ser alguém de valor elevado, inestimável.

1.3 O HERÓI VIVO NO IMAGINÁRIO

Como já vimos anteriormente, o primeiro uso da palavra herói era uma referência aos antepassados mortos que deveriam ser cultuados pela família, visando a manutenção de sua memória e acesso a seus favores. Isso se deu muito antes da formação das cidades antigas. Os heróis nasceram de necessidades espirituais, como uma maneira do ser humano enfrentar o medo do desconhecido. O herói era usado como símbolo para enfrentar o que incomodava o homem. Há diferentes tipos de relatos que se referem a enfrentamentos contra governos autoritários, contra injustiças sociais, como modelo para elevar o moral de um povo e incentivá-lo a lutar por ideais considerados justos. Assim, temos tanto heróis fictícios e literários quanto heróis do cotidiano.

Nas narrativas de Homero, os relatos acerca dos heróis eram feitos verbalmente e foram sendo passados de uma geração a outra, influenciando a literatura através do tempo. Mais adiante, com a invenção da imprensa e muito depois, do cinema, continuaram sendo propagados, mas os avanços da tecnologia trariam novas características, que somadas ao valor do caráter⁶ e ao pensamento e a ação visando o bem coletivo, resultaria em um novo olhar sobre as figuras chamadas heroicas.

Como os heróis surgiram da evolução da imaginação, eles acabaram se destacando por representar ideais de coragem, sabedoria, astúcia e bravura, entre tantos outros. Ao usar tais virtudes em suas ações, o herói acaba por beneficiar uma comunidade, tendo a justiça como pano de fundo. Para se tornar um herói é preciso além de tudo não ter medo do auto sacrifício em favor de uma causa maior. Através de suas atitudes o herói conquista a admiração, tornando-se um modelo de respeito perante seu povo. Foi desse modo que o herói épico ficou conhecido

⁶ “Conjunto das disposições psicológicas (inatas ou adquiridas) e dos comportamentos habituais de um indivíduo permitindo-lhe ter um controle sobre si e agir com firmeza, retidão e honestidade” (JAPIASSU, 2006, p.39).

através da poesia, dando razão às aspirações coletivas, ampliando suas características através do mito e assim, sendo reconhecido por seu povo. Segundo Kothe (1987, p.15), “o herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história, o herói trágico é a verdade do destino humano”.

Mesmo morto, o herói continua vivendo no imaginário daqueles que o relembram a cada evento em que se necessita de alguém que tenha seus valores para lutar. Uma de suas muitas características é também a de seguir ensinando algum tipo de lição aos que lhe sucedem, consolidando sua capacidade de educar pelo exemplo.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal -, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (CAMPBELL, 2007, p.28).

Ao longo dos séculos surgiram heróis que atendiam às necessidades de cada momento histórico, isso os faria ter mais características humanas, já que “à medida que o herói épico decai em ‘epicidade’, ele tende a crescer em humanidade nas simpatias do leitor/espectador” (KOTHE, 1987, p.14). Aqui temos um contraponto com a ideia inicial de herói, já que antes ele era quase um ser divino, que ao morrer teria seu nome gravado na memória dos que lhe sucedessem. O herói trágico ao contrário, seria aquele que travaria uma luta constante contra o destino, tendo mais atributos humanos ele seria a representação viva das falhas, vícios, fraquezas e incertezas da vida.

Apesar disso, o herói desde os primórdios mesclava características reais e imaginárias que o fizeram tornar-se referência na cultura de diferentes povos, aparecendo muitas vezes como seu pai fundador. Assim, é possível observar que o caráter do herói é a sua principal força, aquilo que o mantém vivo através dos tempos. “Homens fortes, intrépidos e belos de alma, mente e corpo; mesmo que não tenham sido assim, da maneira como queria a fantasia humana naqueles tempos antigos e míticos, de todo modo eles existiram” (STEPHANIDES, 2015, p.6).

O ser humano reforça figuras heroicas ou divinas desde a Antiguidade, porque quando tem que enfrentar momentos difíceis, tende a clamar por algum tipo de força imaginária ou sobrenatural que o ajude a superar diferentes tipos de situação problemática. Isso explica o culto

inicial ao herói familiar e sua posterior manutenção em níveis diferentes segundo o momento vivido.

Há uma segunda versão de herói, atribuída a Hércules, filho de Zeus com a mortal Alcmena, sendo, portanto, fruto de uma traição, assim, ao nascer teria o nome de Alceu ou Alcides, mas o oráculo de Delfos sugeriu o nome de Hércules, cujo significado segundo o Dicionário Etimológico da Mitologia Grega (p.136), seria “glória de Hera” ou “aquele que obtém a glória através de Hera”, seria para aplacar a fúria da rainha do Olimpo. Platão já havia sugerido que herói seria uma variação de Eros, já que tratava de um ser cujo nascimento estava relacionado a um deus ou deusa e uma ou um mortal. Deste desejo nasciam os chamados semideuses, que por suas ações seriam vistos e cultuados como heróis. A palavra herói ainda é dirigida ao ser humano que realiza feitos excepcionais, valendo-se de sua coragem e bravura, para enfrentar problemas grandiosos, baseando-se em princípios éticos e morais, lutando em favor da coletividade.

Sempre houve e sempre haverá heróis, pois enquanto houver covardia haverá também bravura; enquanto houver maldade, haverá também virtude; enquanto houver mesquinhez, haverá também grandiosidade. O mal gera o bem, assim como o inverno traz a primavera. Os homens simples adoram os heróis, acreditam neles e com isso adquirem força. E essa é a força que impele para frente as gerações humanas (STEPHANIDES, 2015, p.6).

E é justamente no quesito virtude que o herói se apega como modelo de algo positivo. Se na Grécia o herói clássico estava ligado à virtude da coragem e da astúcia, ele também estava unido à força e outras qualidades. Platão, foi um dos primeiros a discutir as virtudes do ponto de vista da filosofia, colocando-as lado a lado com a ética, mas foi Aristóteles quem de fato sistematizou os estudos sobre as práticas humanas diante da relação de convivência com os outros. Ambos destacaram a importância das virtudes nas ações humanas. Veremos então, como Platão destacou estas importantes características que podem ser tanto literárias quanto reais, colocadas em pauta ao se falar dos heróis e sobre a sua influência sobre o comportamento humano.

1. 4. VIRTUDES CARDINAIS

Devido à diferença de tempo existente entre os escritos de Platão e os dias de hoje, tentar esclarecer a origem e o valor do conceito de virtude sob um olhar atual não é tarefa das mais fáceis, e tentar fazê-lo em associação com outro conceito como o de super-herói é algo ainda

mais difícil.

Para tentar chegar a um esclarecimento, podemos dizer que virtude é uma palavra de origem latina, cujo correspondente grego é *areté*. “A *areté* é o atributo próprio de nobreza. Os gregos sempre consideraram a destreza e a força incomuns como base indiscutível de qualquer posição dominante” (JAEGER, 2013, p.24). Desta forma associar virtude e super-heróis se torna algo possível justamente pelas questões de habilidade, força, coragem e um caráter nobre. Assim, complementando tais ideias, podemos mencionar o que disse Cícero, (1965, p. 70), para quem: “Todas essas considerações nos ensinam que cada um deve tratar de conhecer seu caráter, tratando de o disciplinar, e que não se deve preocupar com o caráter dos outros, pois aperfeiçoar seu caráter é sempre melhor”. O aperfeiçoamento do caráter demonstra uma elevação moral do indivíduo, que saberá estabelecer um juízo de valor correto entre o que se considera bom ou mau.

A ideia de virtude traz consigo uma gama de análises, mas partimos daquilo que Platão escreveu, assim podemos notar que este é um conceito presente por quase toda a sua obra, já que em seus primeiros diálogos cita Sócrates falando com um ou mais interlocutores, discutindo a natureza das virtudes. Por se tratar de diálogos aporéticos, não podemos afirmar que são conclusivos no que se refere à definição de tal tema. Antes mesmo de Platão, a literatura exaltava os heróis e suas virtudes, colocando em alguns momentos a coragem e a valentia em segundo plano diante de valores como prudência e astúcia, algo que pode ser visto na *Odisseia*, por exemplo. Mas no geral, a ideia de coragem permanecia em constante destaque.

A significação da palavra na linguagem comum penetra, evidentemente, no estilo poético: mas a *areté*, como expressão da força e da coragem heroicas, estava tão fortemente enraizada na linguagem tradicional da poesia heroica, que esse significado havia de permanecer ali por muito tempo (JAEGER, 2013, p.25).

De início se entendia através da literatura que as virtudes estavam muito mais ligadas a características físicas, mas com o avanço do tempo a *areté* passou a ser usada para definir qualidades morais e espirituais.

Em geral, de acordo com a modalidade de pensamento dos tempos primitivos, designa por *areté* a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no sentido de ação moral e separada da força, mas sim intimamente ligado a ela (JAEGER, 2013, p.25).

Com tudo isso, o conceito de virtude viria a evoluir, e na filosofia platônica passaria a ser considerado como o bem mais precioso para o homem, sendo, portanto, “a imitação ou

assimilação de Deus” (VALLS, 1994, p.26). Assim sendo, a ação dos seres humanos deveria ser permeada por “bondade, humanidade, justiça e liberalidade”, pois eram virtudes que elevavam e engrandeciam a alma. “Desatender a essas virtudes é ser ímpio com os próprios deuses [...]” (CICERO, 1965, p.143).

As reflexões desenvolvidas por Platão e Aristóteles acerca das ações humanas nos serviram como fonte de análise dos problemas éticos de seu tempo e também para o nosso, mesmo com a citada diferença temporal existente entre eles e nós. Com seus diálogos, Platão parte da ideia de que os seres humanos buscam a felicidade, e essa busca é colocada como o objetivo de suas ações éticas. Se o homem conseguisse ordenar sua vida para a contemplação das ideias e para o Bem, deixando-se levar pelas virtudes, estas o conduziriam à harmonia e ao equilíbrio, seria este homem um sábio, pois sábio é aquele que se assemelha aos deuses, em especial nos limites da sua própria humanidade. “O sábio não é, então, um cientista teórico, mas um homem virtuoso ou que busca a vida virtuosa e que assim consegue estabelecer, em sua vida, a ordem, a harmonia e o equilíbrio que todos desejam” (VALLS, 1994, p.26). A contemplação é importante, mas só se torna plena de valor quando vem acompanhada da ação, “e a ação que mais convém, seguramente, é ter por finalidade o bem do homem” (CICERO, 1965, p.83).

Se Platão e Aristóteles tinham uma visão sobre as virtudes que provinha de um ideal de nobreza, as mesmas foram se atualizando através do tempo, assim, nossa visão sobre o tema pode usá-los como referência, mas deve levar em conta os tempos atuais, nos quais o conceito já passou por muitas mudanças.

Desta maneira, deveria haver a junção entre dialética e virtude, já que a primeira seria o caminho da contemplação e a segunda a modelagem da vida do indivíduo às ideias superiores, o que leva à afirmação de que “Deus é a medida de todas as coisas” (VALLS, 1994, p.27). O homem que adere ao divino é, portanto, o sábio, pois faz de sua vida algo inspirado na própria divindade, sendo assim, correto e bom naquilo que pratica.

Foi também através de seus diálogos que Platão nos deixou as ideias acerca das principais virtudes existentes, as chamadas virtudes cardeais, que na sua visão seriam as seguintes: justiça, prudência ou sabedoria, coragem ou valor e temperança. Mas, como a ideia de *areté* já foi exposta anteriormente, a palavra usada para fazer-lhe correspondência, também precisa ser devidamente esclarecida para causar um melhor entendimento de sua função na linguagem e no pensamento filosófico.

Em sentido ético, a virtude é uma qualidade positiva do indivíduo que faz com que

este aja de forma a fazer o bem para si e para os outros. Platão considerava a virtude como inata, com uma qualidade que o indivíduo traz consigo e que, portanto, não pode ser ensinada. Contrariamente a Platão, Aristóteles considerava que a virtude podia ser adquirida, sendo na realidade resultado de um hábito (JAPIASSU, 2006, p.278).

Em A República, Platão (1993, p.10) vai dizer que a felicidade se consegue com a renúncia aos prazeres e riquezas, além da necessária prática da virtude, algo que ele também viria a dizer no Fédon. Para o filósofo, felicidade e justiça são conceitos que andam unidos. Ele ainda compara a virtude à felicidade e o vício à infelicidade. Para ele “é justo restituir a cada um o que se lhe deve”. Este é o tipo de justiça chamado de distributiva, embora haja outras versões sobre o mesmo tema, inclusive a que se refere à regulação através da lei.

Justiça distributiva: princípio ético-político que estabelece a atribuição a cada um do que lhe é devido. Justiça comutativa: conjunto de princípios e leis que regulam as relações entre os indivíduos em uma sociedade e que devem ser cumpridos de modo rigoroso e igualitário (JAPIASSU, 2006, p.157).

A ideia de justiça como uma das virtudes mais importantes começou a ser discutida nos diálogos platônicos, como mencionamos, foi também discutida por Aristóteles e ao longo da história por tantos outros filósofos, dentre os quais Cícero, para quem: “a justiça, a mais esplêndida das virtudes, primeira qualidade do homem de bem [...] . O primeiro dever imposto à justiça é não fazer o mal a ninguém [...]” Para o pensador romano, o justo se faz quando os bens são empregados em comunhão e que “ o fundamento da justiça é a boa-fé, ou seja, a sinceridade nas palavras e a fidelidade nas convenções” (CÍCERO, 1965, p.83-84).

Se as virtudes são o que conduz o homem a praticar boas ações e se sua alma já as possui, aplicando-as à vida através do uso da inteligência, é preciso observar atentamente suas definições para entendê-las e relacioná-las ou não. As virtudes cardeais se tratam daquelas que Platão citou em A República e são as que Aristóteles denominou de virtudes morais.

Platão (1993, p.180) definiu a coragem como “opinião reta e legítima, relativamente às coisas temíveis [...]”. Para Aristóteles (1996, p.162), “ela é um meio termo entre o medo e a temeridade. Para o Estagirita, a coragem é ainda a principal das virtudes. Ela também é tratada como valor, e este “significa bravura, o caráter do homem [...]. Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta” (JAPIASSU, 2006, p.275).

A sabedoria ou prudência por sua vez se refere ao comportamento racional, dando ao homem a capacidade de discernir entre o bem e o mal. Embora comumente associadas, há um pequeno grau de diferença entre ambas, fazendo a prudência se referir mais ao evitar riscos e

perigos desnecessários e a sabedoria ao saber, erudição ou um grau elevado de instrução. A sabedoria é tratada em sentido genérico como “sinônimo de conhecimento, ciência. Na tradição filosófica, a sabedoria significa não só o conhecimento científico, mas a virtude, o saber prático [...]” (JAPIASSU, 2006, p.245). Sobre tal tema, Cícero (1965, p.83-84), se expressa da seguinte maneira:

A mais nobre de todas as virtudes é essa sabedoria que os gregos chamam de “prudência”, e nós entendemos, o conhecimento do que é preciso evitar, e do que é preciso procurar; ao passo que a sabedoria, para mim a primeira das virtudes, compreende o conhecimento das coisas divinas e humanas, naquilo que encerram as relações dos deuses e homens, e da sociedade dos homens entre eles. Assim, homens que se dedicam inteiramente às ciências e à sabedoria, trazem para o bem da sociedade o que têm de luzes e conhecimento.

A temperança seria uma das virtudes éticas de Aristóteles, que via nela uma moderação no que se referia aos prazeres físicos ligados aos apetites, fosse no ato de alimentar-se, o beber ou o sexo. Para Platão a temperança estava ligada ao controle dos prazeres físicos, visando evitar que estes dominem, escravizem e subvertam a vida. Ela seria a “virtude caracterizada pelo domínio de si e pela moderação dos desejos” (JAPIASSU, 2006, p.265).

Desta forma, a ética platônica seria a soma de ideias como o Sumo Bem, uma vida divina levada pelo homem prudente, a contemplação filosófica e outras virtudes, como parte da harmonia universal. Se as boas qualidades só são possíveis ao homem pela alma, responsável pela inteligência, deve-se observar que “a virtude também é uma purificação, através da qual o homem aprende a desprender-se do corpo com tudo o que este tem de terreno e de sensível, e desprender-se do mundo do aqui e agora para contemplar o mundo ideal, imutável e terno” (VALLS, 2014, p.26).

Embora o uso da palavra virtude se aproxime bastante do grego *areté*, não traduz exatamente o que pensamos acerca dela, já que como dissemos, usamos virtude mais como um conceito próprio da moral e *areté* é a excelência, não apenas no campo do comportamento, envolve questões físicas, como a força por exemplo.

Desde a Antiguidade se discutia se as virtudes compunham um conjunto, ou seja, se quem possuísse uma também teria as demais e o que levava à distinção e não à separação delas. Por outro lado, também se analisava as formas de aquisição de tais qualidades. De qualquer modo, quando se buscava uma definição concreta do que seriam ditas virtudes, o que se fazia era a descrição de um determinado tipo de conduta por parte do homem. Em *A República*, Platão (1993, p.51) descreveu a justiça como algo próprio da alma, que se expressava através de ações justas, ao dizer que “a alma justa e o homem justo viverão bem [...]”. Desta maneira,

a alma seria a fonte de onde provinham as virtudes, fosse a coragem, a justiça ou qualquer outra qualidade positiva existente no homem. Assim, a mesma alma poderia praticar atos usando uma virtude e não outra, como ao praticar uma ação corajosa que não seria necessariamente justa, ou vice-versa.

Em A República o que se pode observar é que as virtudes, em especial a justiça, se tornam importantes quanto à questão da educação, visando através dela a constituição da pólis ideal. Assim sendo, as virtudes são fundamentadas na sabedoria e no conhecimento, levando o homem ao desenvolvimento de outras características positivas. Isso por si só não poria fim às discussões sobre o tema, já que algumas virtudes nada tem a ver com o fato de ser sábio ou não. A coragem seria uma delas, pois para ser corajoso não necessariamente se tem que ser sábio ou vice-versa.

Se a pólis necessitava de pessoas virtuosas para tornar-se um lugar ideal para a vida em sociedade, a educação teria um papel fundamental em tal desejo, já que ela “converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelagem do homem integral de acordo com um tipo fixo. A importância de um tipo dessa natureza para a formação do Homem esteve sempre presente na mente dos gregos” (JAEGER, 2013, p.44). Como já vimos, Cícero e Maquiavel têm ideias que são similares a esta, no que se refere a usar um homem virtuoso como modelo exemplar, mesmo não alcançando as mesmas glórias, já que o importante seria ao menos seguir o exemplo ou reproduzir seus princípios.

Ainda assim, é necessário se questionar sobre a valorização da alma na filosofia de Platão e entender que para ele, esta é a parte imortal de nossa existência, sendo, portanto, a morada da inteligência, e esta por sua vez seria responsável por originar as ações e os valores morais. Platão relacionava alma e virtudes, em um período em que as preocupações antropológicas passaram a dominar o discurso filosófico, marcado por temas morais, que neste caso viriam a se refletir em sua metafísica. “Parece-nos que só há verdadeira grandeza d’alma e verdadeira coragem nos homens que são ao mesmo tempo bem formados, sinceros, amigos da verdade e incapazes de enganar: todas essas qualidades são do homem justo” (CÍCERO, 1965, p.50-51). Homens justos formavam parte de uma cidade justa, fundada sobre bases positivas também se tornaria boa e, portanto, “sábua, corajosa, temperante e justa” (PLATÃO, 199, p.176). Ou seja, para Platão uma cidade era virtuosa se seus habitantes também o fossem, já que eles a formavam.

As ideias primeiro trabalhadas pelos poetas, foram aprofundadas pelos filósofos e acabaram por se destacar no modo de fazer a educação de seu tempo, a *paideia*. Esta por sua vez desejava fazer a formação integral do homem, levando-o a melhorar tanto seus atributos

físicos quanto intelectuais. Era a concretização do ideal de “mente sã em corpo sã”.

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. [...] Da educação nesse sentido, distingue-se a formação do Homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser (JAEGER, 2013, p.21-22).

No caso específico dos gregos, é sabido que a nobreza foi a fonte de onde proveio o espírito que conduziu à formação da nação, mas a ideia de educação provinda da *paideia* não fazia parte do contexto inicial da criação dos primeiros agrupamentos humanos. Essa ideia se consolidou juntamente com a pólis, especificamente no século V a.C., já que segundo Jaeger (2013, p.23), a palavra *paideia* “tinha o simples significado de ‘criação de meninos’, em nada semelhante ao sentido elevado que adquiriu mais tarde, e que é o único que nos interessa aqui”.

O conceito de *areté* foi o primeiro a denominar o processo que resultaria no fazer educativo chamado *paideia*, já que é anterior à formação da pólis. “Na sua forma mais pura, é no conceito de *areté* que se concentra o ideal de educação dessa época” (JAEGER, 2013, p.23). No que se refere ao pensamento ético, as ideias de Platão e Aristóteles estão fincadas na ética aristocrática, provinda da Grécia arcaica, época em que a pólis começava a ser formada. Quando os dois filósofos fizeram suas análises, a pólis já vivia seu esplendor e começava a entrar em decadência, mesmo assim, em decorrência de sua herança cultural ainda mantinham um vínculo emocional forte com aquilo pelo que “nos sentimos essencialmente unidos a eles: o heroísmo” (JAEGER, 2013, p.34).

A *areté* helênica era a distinção do “heroísmo grego do simples desprezo selvagem pela morte. É a subordinação do físico a uma ‘beleza mais’ elevada” (JAEGER, 2013, p.34). Desta forma, para um grego seria melhor viver brevemente a ter uma longa vida tediosa e indolente, que o levaria a ser insignificante e não possuir uma elevada autoestima.

Os grandes heróis da Antiguidade se esforçavam para combater ou morrer e assim alcançariam a glória perene, tornando-se exemplo a ser seguido por aqueles que criaram obras para também ser imortais: os poetas. A imortalidade seria o fundamento da metafísica, já que se tornaria o reflexo das ações humanas e suas consequências na busca pela honra e pela realização do dever de ser melhor naquilo que concretamente realizasse. A imortalidade dos heróis da Antiguidade foi conseguida pela literatura e foi através dela que eles se tornaram modelos virtuosos.

A aceitação do mito herói, mesmo com as muitas indagações que o conceito é capaz de provocar, não deixou de ocupar seu devido lugar no imaginário dos povos. Em momentos de crise eles retomam sua força habitual. No século XX, em um contexto de crise social, econômica e política lá estavam novamente estes personagens fantásticos, movendo-se para ocupar seu velho lugar, mas com nova roupagem, atendendo outros anseios, sendo propagados inicialmente através de “tirinhas” de jornais, passando depois para as revistas e trilhando outros meios fornecidos pela indústria cultural. “A literatura moderna se dedica, em larga medida, à observação corajosa e atenta das imagens enjoativamente fragmentadas que abundam diante de nós, ao nosso redor e em nosso interior” (CAMPBELL, 2007, p.33). Foi através das revistas em quadrinhos, uma mescla de literatura e imagem, que os heróis retomaram seu caminho, mais ainda, tornaram-se cheios de atributos que o herói clássico não possuía e assim surgia o super-herói.

A sociedade urbanizada do século XX, dentro da perspectiva capitalista, viu acontecer a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos. Assim surgiu a chamada Indústria Cultural, que por sua vez gerou a cultura de massa. Foi dessa maneira que primeiro a imprensa e depois o rádio e o cinema, se apropriaram da figura dos super-heróis, oferecendo-os como produtos, que além de serem facilmente percebidos, podem do mesmo modo ser descartados, já que esta difusão acaba nivelando tudo por baixo, favorecendo a sedução e a alienação por parte de seus consumidores. Se na Antiguidade as ações do herói eram narradas, no século XX elas passaram a ser estampadas em revistas e depois projetadas nos cinemas e na televisão. Isso tudo popularizou demais a figura do super-herói. Foram os muitos problemas surgidos no contexto do século passado que serviram para dar origem aos chamados superseres, mas eles não se desvincularam totalmente dos heróis do passado, haverá assim uma espécie de simbiose entre o que foi e o que se tornou o herói.

CAPÍTULO II - FILOSOFIA E SUPERAVENTURAS: UMA TEMÁTICA CONTEMPORÂNEA

Desde o surgimento do Racionalismo⁷, o desenvolvimento das ciências colocou os mitos como algo que servira aos povos antigos e, portanto, não teriam como contribuir para uma melhoria da sociedade que estava se desenvolvendo do ponto de vista tecnológico. Porém isso não pode ser tido como verdade absoluta, uma vez que os mitos ajudaram inclusive no batismo de muitas descobertas científicas e continuam nos encantando com narrativas carregadas de imaginação. No início do século XX, em um momento de crise, o que se viu foi um ressurgimento dos mitos sob uma nova roupagem. A cultura pop se caracterizou por provocar tal fenômeno, trazendo com isso um novo sentido ao mundo contemporâneo. “A crise é apontada como causa de infindáveis problemas identificados e como consequência da própria condição da vida moderna” (GALLO, 2012, p.8). Nos anos 30 os Estados Unidos viviam uma crise econômica e moral, com a máfia atingindo lucros exorbitantes por causa da Lei Seca, que proibia a produção, comércio e consumo de bebida alcoólica naquele país, algo que a organização criminosa obviamente não cumpria.

Naquele momento em que as forças da ordem e da lei eram corrompidas e os gângsteres conviviam com a opulência enquanto milhões viviam na miséria, as Histórias em Quadrinhos (HQs) passaram a ser a representação viva de um novo tipo de mitologia, e assim como na Antiguidade, os superseres seriam vistos como modelo ideal de ação. Eles começaram lutando contra o que havia de errado em seu país, mas logo se tornariam populares no mundo inteiro, levando o “ideal de justiça” aonde fosse necessário. Desta forma se constituiu um novo tipo de narrativa, onde texto e imagem se completavam, transmitindo uma mensagem que deveria ser interpretada e decifrada.

Vale ainda como comparação o fato de que os mitos que inspiravam os povos antigos falavam entre outras coisas de restauração da vida, usando para isso os ciclos da natureza, caracterizados por suas estações, e nas HQs muitos super-heróis já morreram e ressuscitaram. O Superman foi um deles, enquanto outros mantiveram viva a lembrança de entes queridos que se foram, fazendo-lhes juramentos de que seriam praticantes de boas ações em nome de sua memória, casos do Batman e do Homem-Aranha, que perderam os pais e o tio respectivamente, o que lhes levou a lutar por justiça.

A mitologia moderna existente nas HQs está carregada de símbolos provindos da cultura

⁷ Doutrina filosófica que privilegia a faculdade humana da razão, colocando-a como capaz de conhecer o real e de atingir a verdade sobre a natureza das coisas.

secular. Assim, o mundo contemporâneo produz seus próprios mitos e através de narrativas fictícias, esbarra não só na capacidade imaginativa do ser humano, mas também serve de incentivo à prática de ações positivas em um mundo tão conturbado como o atual. “Assim, o fantástico e a imaginação satisfazem aspectos inconscientes dos indivíduos, permitem ultrapassar a vida cotidiana repressiva ou repetitiva, abre espaço para o extraordinário” (REBLIN, 2008, p.14).

Por outro lado, se os mitos do passado foram postos de lado no mundo da ciência e tecnologia, estas também contribuem para a criação de outros mitos, assim vários super-heróis se destacam pelo uso da citada tecnologia para ajudar outros seres humanos, um exemplo disso seria o Homem de Ferro.

Com a popularização das superaventuras, estas passaram a fazer parte do cotidiano e do imaginário das pessoas. Como já dissemos antes, foram os cenários de crise que ajudaram na criação dos superseres e assim se abriu espaço para que eles se tornassem modelo de ensinamento de valores éticos e morais. Os super-heróis desde o seu surgimento estiveram presentes na 6^a, 7^a e 9^a artes, que são respectivamente a Literatura, o Cinema e as Histórias em Quadrinhos.

Identificamo-nos com a definição de arte esboçada por Van Gogh que, em junho de 1879, escreveu a seu irmão Théo: “ A arte é o homem acrescentado à natureza, à realidade, à verdade, mas com um significado, com uma concepção, com um caráter que o artista ressalta e aos quais dá expressão, resgata, distingue, liberta, ilumina”. Cada filósofo, lidando com os problemas de seu tempo, cria um quadro conceitual através do qual olhamos a realidade (GALLO, 2012, p. 8).

Assim como o filósofo observa e analisa o seu tempo, a literatura o fez do mesmo modo ao longo da história, como mencionado anteriormente. As HQs e os super-heróis também retratam muito do seu tempo, as buscas humanas nele existentes e acrescenta a tudo isso uma dose de imaginação, através de conceitos que podem ser usados em sala de aula para associar estes diferentes tipos de saberes na construção de novas formas de refletir a realidade.

Os quadrinhos e os super-heróis, mais especificamente, são uma satisfação para o leitor, um ultrapassar das limitações constituídas por uma sociedade repressiva, que inclusive reprime a imaginação e a fantasia, o extraordinário, em favor da razão instrumental, do rendimento, da seriedade. Daí também, uma das determinações da desvalorização das histórias em quadrinhos enquanto objeto de estudo (REBLIN, 2008, p.14).

Porém, vale lembrar que mesmo uma atividade como a leitura de HQs, que supostamente foram criadas para entreter e divertir, não pode ser vista como algo inocente, sem

nenhum tipo de ideologia por trás, pois se assim o fizéssemos, cairíamos em um relativismo ao analisar sua influência sobre seus leitores. Mas isso tampouco impossibilita o uso deste tipo de conhecimento como um guia para o aluno rumo ao saber filosófico.

Ora, as histórias em quadrinhos (e por conseguinte, o gênero superaventura) são produções humanas e, tal como qualquer outra produção cultural, estão envolvidas nas relações sociais; são constituídas socialmente e exercem uma influência nos indivíduos e, por conseguinte, também nas relações sociais. Assim, observar os valores e ideias manifestados nas histórias em quadrinhos é tão importante quanto analisar qualquer outra produção cultural, além de que a análise do processo social de constituição das histórias em quadrinhos também ser importante. Assim, é extremamente relevante a análise das histórias em quadrinhos, inclusive para compreender a sociedade e suas manifestações culturais. O mundo dos quadrinhos é um objeto de estudo tão legítimo quanto qualquer outro [...] (REBLIN, 2008, p.12-13).

Da mesma forma que as civilizações da Antiguidade criaram heróis baseados em seus valores morais, demonstrando neles claros exemplos de virtudes, é preciso que se observe que os super-heróis estão recheados das máximas morais e ideais existentes nos Estados Unidos, já que nosso objeto de pesquisa está centrado nas virtudes de super-heróis que foram criados naquele país e depois difundidos pelos variados países do mundo. Nesse aspecto é possível entender que a interpretação sobre o tema também traz consigo algumas polêmicas, mas não se pode ignorar as contribuições que os temas abordados nas superaventuras podem ser usados para enriquecer uma análise filosófica e até metodológica em sala de aula.

Mas qual a possibilidade de pensar e unir super-heróis, filosofia e educação? Para responder uma pergunta como esta é preciso analisar que os super-heróis estão presentes em muitas salas de aula espalhadas pelo país, em especial nos materiais escolares usados pelos alunos não só do ensino básico como no médio também, em forma de cadernos, mochilas e outros tipos de acessórios. Isso apenas demonstra que os superseres são uma referência social e cultural, e como os alunos reconhecem estes super-heróis com um simples olhar, é de alguma forma interessante usar este reconhecimento como algo que pode auxiliar no processo educativo, através de metodologias que vão de certas leituras à projeção de filmes que possibilitem apurar o olhar dos aprendizes sobre as ações realizadas pelos super-heróis, em especial no que se refere ao aspecto de agir corretamente diante da sociedade na qual estão inseridos.

Mas esse fato traz algumas questões interessantes. Uma delas é o racionalismo dominante que contesta os sentimentos e a fantasia, colocando em seu lugar uma dicotomia inaceitável entre razão e sentimentos, razão e imaginação, separando em instâncias autônomas e independentes um universo mental que é único. A separação

é apenas um passo para a desvalorização e a defesa da soberania, primazia e superioridade da razão. Porém, é uma razão instrumental e fria [...] Outro elemento é o elitismo de setores mais intelectualizados da população, que erigem seus valores como sendo superiores. [...] Nesse contexto, as histórias em quadrinhos também são desvalorizadas e tidas como “inferiores” (REBLIN, 2008, p.12).

Os super-heróis são exemplos de inspiração, divertem, entretêm e diante da massiva difusão de imagens, trazem valores positivos que podem ser associados à formação de seus leitores/espectadores, contrariando as tentativas de marginalizar os saberes envolvidos em suas narrativas. Os jovens acabam se identificando com eles porque alguns também são sinônimo de aspirações de liberdade, ousadia e rebeldia, algumas características que fazem com que ditos jovens se vejam neles.

O Adolescente passa por uma verdadeira revolução em sua vida, é uma pessoa em movimento, seu corpo se transforma, suas ideias se transformam, seus sentimentos se transformam... Muitos dos que são mais velhos já estão acomodados na vida, e não desejam - na maioria das vezes – mudanças que perturbem sua situação. E é por isso que o jovem incomoda. Ele representa o novo, que traz em si o antigo do mundo “pronto” em que ele nasce lutando contra o velho que já passou por esse processo de ser novo. O jovem é a força do movimento, reagindo contra toda a acomodação e, portanto, “incomoda” os acomodados – que se esquecem que já passaram por isso (GALLO, 2012, p. 11).

Neste ponto, a filosofia, a literatura e as HQs podem ser comparadas, já que em algum momento causaram incômodos ou continuam causando, uma vez que estes três saberes se caracterizaram ou se caracterizam pelo inconformismo. A filosofia, em especial, surgiu da insatisfação de alguns homens, os primeiros filósofos, com as explicações existentes sobre a realidade que havia em sua época. A filosofia, assim como os jovens, continua incomodando os acomodados com seus questionamentos e atitudes. Mas o que não se pode fazer é esperar que a filosofia solucione as situações de incômodo, pois o que ela pode fazer é gerar mais incômodo e questionamentos. Ela “ajudará a perceber que o incômodo não é ruim, ao contrário, é o inconformismo que move o mundo, permite que cada um construa sua vida buscando seus próprios caminhos” (GALLO, 2012, p.12).

Se fosse realizada uma minuciosa busca através das HQs, muitos conceitos trabalhados por diferentes disciplinas escolares poderiam ser ali encontrados. ⁸Biologia, Geografia, Química, Física, Sociologia, Astronomia, História e Literatura estão presentes na criação, desenvolvimento e explicação acerca das ações narradas nas histórias dedicadas a contar a

⁸ SCALITER, Juan. A ciência dos superpoderes: ficção e realidade sobre os poderes e proezas dos heróis, anti-heróis e vilões no universo dos quadrinhos. São Paulo: Cultrix, 2013. A obra trata de questões referentes aos superpoderes e sua possibilidade ou não segundo as diferentes ciências.

origem, os fatores que deram poderes e como um super-herói se torna modelo de ação que busca favorecer o coletivo.

Porém, pelo fato de ser a base dos variados tipos de conhecimento desenvolvidos pela espécie humana, a filosofia se faz presente nas narrativas por diferentes temas, como a tolerância, a opressão, o anseio pela liberdade, o respeito, a diversidade, questões ambientais, sociais, históricas, éticas, raciais e até o empoderamento feminino, tão bem retratado pela amazona grega conhecida como Mulher Maravilha, que cada vez mais se torna um modelo de luta em torno das aspirações das mulheres que pertencem a diferentes sociedades. Nas páginas das HQs bem como nos filmes e seriados, o leitor/espectador encontrará entretenimento, mas nem por isso deixará de visualizar reflexões filosóficas acerca da conduta humana. Ali as questões existenciais ganham uma importância necessária, pois as citadas reflexões são demonstradas abertamente. “Os super-heróis são produtos históricos e sociais como qualquer outra produção cultural. Este caráter social e histórico dos super-heróis é pouco abordado nos estudos sobre quadrinhos e sobre esses personagens, mais especificamente” (VIANA, 2011, p.15). Aí reside a importância do gênero superaventuras, abordam temas existenciais por serem um produto cultural, mas são pouco estudados, mesmo assim tem grande popularidade e apelo junto aos jovens, enquanto geram lucros aos seus detentores. E aqui é onde reside o perigo de uma análise superficial sobre o tema.

O uso de filmes ou HQs como recurso didático-filosófico não é algo impossível do ponto de vista pedagógico, pois pode servir de apoio ao trabalho dos professores e como ferramenta apropriada ao estudo da ética das virtudes, como veremos adiante.

Os super-heróis, como já dito, são produtos históricos e sociais, assim carregam componentes ligados à cultura e à filosofia de seu tempo, mas sem deixar de olhar para a mitologia clássica⁹. Talvez por questões de preconceito ou de desconhecimento, o tema seja pouco abordado, mas isso não desvaloriza a amplitude do uso de tais figuras inclusive para auxiliar em processos como leitura e ensino de diferentes áreas do conhecimento.

O mundo dos super-heróis e o universo de suas superaventuras são a representação imaginária da complexidade existente no mundo real, pois nele se fundem valores, cultura, sociedade, comportamentos, crenças, esperanças, tragédia e imaginação entre outros sentimentos humanos. Dentro de uma narrativa como a dos quadrinhos a fantasia é o combustível que mantém acesa a percepção e o desejo de fazer as coisas de forma heroica e

⁹ Exemplos claros são as guerreiras amazonas, personificadas pela Mulher Maravilha, Thor, o deus trovão, e Shazam, cujas iniciais se referem Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio. Isso também acontece com outros personagens.

também de manter valores ligados à ética e ao dever.

2.1 OPOSIÇÃO ÀS SUPERAVENTURAS

Por estarem ligadas a questões de arte que abrangem imagem e texto, as histórias em quadrinhos, como já dissemos, em muitos momentos acabam por se inspirar em acontecimentos cotidianos e em figuras míticas, já que o próprio conceito de herói gerou na modernidade o de super-herói, e com sua popularização criaram um novo tipo de mitologia. Já que segundo Viana (2001, p. 19):

Os super-heróis, tal como conhecemos e com suas características definidoras são produtos da sociedade moderna. Os heróis - tanto fictícios quanto os reais - são seres habilidosos, corajosos e excepcionais, mas sem superpoderes. A formação dos super-heróis só foi possível através da conjugação de diversas determinações, entre as quais estão os avanços tecnológicos, o individualismo, a necessidade de homens fortes em períodos de crises, etc.

A Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial contribuíram de forma fortuita para o surgimento dos superseres, já que os problemas reais foram enfrentados através da ficção e os super-heróis seriam aqueles com potencial para criar as ideias de vitória, esperança e felicidade em um mundo marcado pelo conflito. Foi na ficção que a vitória se tornou garantida e onde os “justos” passaram de fato a vencer, afinal quando se está em guerra qualquer dos lados se considera justo e digno da vitória. Se a imaginação produzia ânimo aos que liam tais histórias, também foi vista com algo fútil e de pouco valor em termos práticos, e foi aí que nasceu a oposição ao gênero em questão. Vale lembrar que os super-heróis entraram na guerra antes mesmo que os Estados Unidos o fizessem. É histórica a primeira edição da revista do Capitão América, na qual aparece golpeando Adolf Hitler. Também é preciso que se diga que os primeiros artistas a trabalhar nas editoras do país eram de origem judaica e de certa forma tentavam atrair os olhares do mundo para a situação de seu povo. As revistas do Capitão eram compradas pelo governo e distribuídas aos soldados no campo de batalha, para nos momentos de pausa serem lidas por eles. Segundo Viana (2001, p. 23), os superseres “surgem para fazer os homens comuns suportarem a crise e a guerra, os soldados lutarem e o heroísmo ser um ponto de apoio para a investida bélica”. Mas com o fim do conflito o que se vê é um retrocesso neste tipo de produção cultural, fruto do período de paz que se segue ao fim da guerra.

Com isso, as aventuras de super-heróis passaram a ser vistas de forma preconceituosa. Inicialmente eram analisadas como algo infantil, mas os críticos parecem ter se esquecido que

em algum momento as crianças crescem e tornam-se adultas. Então, se de fato gostam do universo dos super-heróis, se manterão fiéis a este tipo de gênero. Se de início esse tipo de narrativa era visto como um passatempo, depois passou a ser tratado como algo negativo. Isso levou a uma atitude de discriminação em muitos países, inclusive o próprio país de onde procede a maioria destes superseres. Nos anos 50, o livro *The Seduction of the Innocent*, de Frederick Wertham, colocou as aventuras dos super-heróis como grandes vilãs, especialmente no que se referia ao comportamento dos jovens que liam tais histórias. “É coisa de criança e não de adulto, é da instância sentimental e não da racional. Logo, é algo a favor da reprodução desse sociedade repressiva e, por isso, deve ser reprimido” (REBLIN, 2008, p.14). Aversão e incompreensão com relação aos super-heróis foram constantes, mas Wertham e Joseph McCarthy deram início a tempos sombrios para as superaventuras.

O psiquiatra Wertham chegou a tais conclusões porque visitando presídios e reformatórios, observou que muitos criminosos tinham por hábito ler revistas em quadrinhos e isso seria uma influência negativa levando tais leitores à prática de crimes.

O mais eloquente cruzado contra as revistas em quadrinhos foi *Frederick Wertham* (1895-1981), um judeu alemão... que foi para os Estados Unidos em 1922 para trabalhar como psiquiatra. Sua obra beneficente junto a delinquentes juvenis e criminosos infantis convenceu-o de que revistas em quadrinhos violentas exerciam efeito destrutivo sobre a mente dos jovens. Ele começou uma campanha contra as revistas em quadrinhos em 1941, mas recebeu pouca atenção antes do aumento das vendas dos títulos sobre crime. Em 1954, publicou seu tratado monumental contra revistas em quadrinhos, *The Seduction of the Innocent...* Wertham atacou os super-heróis, dizendo que a violência e o aspecto justiceiro de suas histórias incentivavam um comportamento antissocial, perversões sexuais e impulsos fascistas (KNOWLES, 2008, p.157).

É importante notar que a pressão exercida pela obra acabou gerando a criação de uma comissão no Senado para averiguar o tema, em uma época em que o macartismo¹⁰ estava no auge nos Estados Unidos. As editoras por sua vez se autocensuraram, criando o *Comics Code Authority* (CCA, ou Código de Ética dos Quadrinhos)¹¹, a partir desta criação todas as revistas deveriam passar pelo crivo do órgão para ter sua circulação permitida.

O livro de Wertham gerou uma verdadeira caçada às revistas em quadrinhos, fazendo com que pais e professores passassem a perseguir tais obras, inclusive queimando-as. Ele

¹⁰ Foi um polêmico movimento político norte-americano para tentar combater o comunismo no país nos anos 1950 – mesmo que isso significasse violar o direito civil à opinião política, previsto na Constituição. Motivado pela paranoia da Guerra Fria, entre EUA e URSS, o macarthismo foi personificado pelo senador republicano Joseph McCarthy – daí seu nome.

¹¹ Criado na década de 1950 pelas editoras como uma forma de autocensura no conteúdo das revistas em quadrinhos, em resposta a uma recomendação do Congresso e à cruzada moralista incentivada pelo psiquiatra Fredric Wertham, autor do livro *Seduction of the Innocent*

descrevia os potenciais danos que a leitura de Histórias em Quadrinhos poderia causar aos jovens leitores, levando-os a realizar atos negativos à sociedade. Somente muitos anos depois o psiquiatra reconheceu que havia exagerado em seus comentários sobre as aventuras dos super-heróis. Se há os que até hoje criticam os quadrinhos, também há pesquisadores que desenvolvem análises mais aprofundadas sobre o tema, inclusive acreditando que se houvesse mais obras dentro das academias brasileiras, haveria consequentemente, mais entendimento sobre o valor do gênero.

O mundo sempre precisou de “histórias de encantamento”, de histórias que envolvessem as pessoas e que preenchessem seus vazios existenciais, de histórias que fornecessem um sentido de direção para o qual cada um (de mãos dadas com os outros) pudesse dirigir seu caminhar. As “histórias de encantamento” oferecem princípios que podem constituir a identidade, proporcionar um senso de coletividade, transmitir valores e normas morais (REBLIN, 2008, p.17).

As superaventuras e seus personagens foram acusados de servirem para alienar a juventude levando-os a cometer atrocidades, levantando em pais, professores e na imprensa tais suspeitas, já que se pensava entre outras coisas que o gênero não seria útil para o incentivo à leitura, dificultando a capacidade de abstração e entendimento, retardando o desenvolvimento mental de seus leitores. A censura da época contribuiu para o recuo da produção e do consumo do gênero denominado superaventura. Com a vitória dos Estados Unidos na guerra e a sua posterior consolidação com superpotência, as HQs tinham que se enquadrar em uma nova realidade. Sobre o *Comics Code*, a percepção que ficou foi a seguinte, segundo Viana (2001, p. 153):

Assim, apesar do sucesso da iniciativa, os super-heróis em geral eram apresentados aos leitores em histórias de pouca profundidade, adequadas ao momento vivido pelo país, garantindo a preservação dos bons costumes e colaborando para reforçar o modo de vida americano.

Os super-heróis, a partir da criação do código, passaram a ser defensores dos “bons costumes e da moralidade”, sendo expostos em suas histórias como auxiliares das forças legalmente constituídas, até mesmo os vilões mais violentos passaram a ser retratados como figuras bem-comportadas. É preciso que se diga que estes “bons costumes” eram determinados pelas autoridades, já que em função da Guerra Fria, os Estados Unidos passaram por uma onda de conservadorismo representada pelos republicanos, nos anos 50. Foi um momento em que eram defendidos valores tradicionais como o individualismo, a tradição judaico-cristã e o anticomunismo. Começava ali um período de perseguição a quem “se opusesse” a estes

valores, mesmo que não houvesse provas concretas de tal oposição. E esta paranoia causada pela Guerra Fria, gerou violações ao direito civil à opinião, previsto na Constituição, foi o que fez as superaventuras também serem censuradas. Como foi o senador republicano Joseph McCarthy, o principal defensor dos “bons costumes”, o movimento conservador acabou sendo batizado em sua homenagem, como já mencionado.

Com a “caça às bruxas” dos anos do macartismo e do *Comics Code*, as histórias dos super-heróis só voltariam a ter alguma liberdade a partir dos anos 60. Foi neste período de auge da Guerra Fria que surgiram superseres que carregavam em suas origens os resquícios do conflito ideológico existente entre as duas superpotências, fosse a corrida espacial, a radioatividade, o mau uso da ciência ou mesmo a corrida armamentista. Além disso eles traziam problemas ligados às dificuldades existenciais, fossem elas motivadas por questões emocionais, psicológicas, étnicas, sociais ou econômicas.

Graças a esta antipatia pelos quadrinhos, duas coisas ficaram marcadas. A primeira foi que Wertham mentiu, e a segunda, que os super-heróis, assim como os heróis da Antiguidade, resistiram e sobreviveram aos ataques.

Em 2010, os dados da pesquisa original de Wertham, que formaram o alicerce de suas afirmações em *Seduction of the Innocent* e do ataque ao conteúdo das revistas em quadrinhos, ficaram disponíveis para pesquisadores. Investigando o material usado por ele, Carol Tilley, professora assistente da Graduate School of Library and Information Sciences da Universidade de Illinois, descobriu que “Wertham manipulou, exagerou, comprometeu e inventou provas – especialmente as que atribui à pesquisa clínica com jovens – para ganho retórico” (ROBB, 2017, p.109).

Foi esse tipo de ataque ao conteúdo que deu sobrevida ao gênero. Ao censurar e tentar marginalizar as superaventuras, estas acabaram se superando e ganhando novo fôlego.

[...] sempre que existe censura, repressão, recalçamento, existe o que Freud denominou “retorno do reprimido”; logo, existe a resistência e a negação da repressão. Assim, por mais que busquem silenciar a fantasia e a imaginação, ela retorna; por mais que se queira abafar o estudo desse fenômeno, ele insiste em insurgir e ressurgir (REBLIN, 2008, p.14).

2.2 ANOS REBELDES E O RESSURGIR DOS QUADRINHOS

Se os anos 50 quase decretaram a falência das editoras e o fim do gênero das superaventuras, os anos 60 vieram recheados de temas bem explorados pelas HQs, os problemas existenciais refletiam as dificuldades cotidianas e as mudanças do período: Guerra do Vietnã, a rebeldia da juventude, caracterizada pela contracultura, pelo movimento hippie, pela liberação

feminina, pela luta em favor dos direitos civis e também pela música, com destaque para o rock.

Tudo isso levava os jovens a contestarem os valores mais apreciados nos Estados Unidos e seu *American way of life*, desafiado naquele momento por vários grupos e movimentos sociais. Assim, em meio a este turbilhão, as HQs voltariam a ganhar alguma liberdade e a tocar em temas profundamente humanos que vão desde a questão das drogas ao surgimento de super-heróis negros e um novo olhar sobre as super-heroínas. Mais uma vez será o descontentamento dos jovens com o conservadorismo que imperava na sociedade estadunidense que causará diferentes tipos de mudança no gênero superaventuras e fará surgir uma nova safra de super-heróis. Como o macartismo marcou um período de censura, violações de direitos e perseguições injustas, a opinião pública vai ser manifestada de maneira violenta em alguns casos. Geralmente eram as minorias e os jovens que se incumbiam de lutar, já que eram os mais afetados. A indústria de HQs não perderia tempo em começar a expor estas reivindicações nas páginas de suas revistas. Dentro deste contexto se destacaria a figura criativa de Stan Lee para quem, “embora seus heróis tivessem superpoderes, eles também seriam pessoas reais, gerando identificação com os leitores, ao contrário de figuras poderosas como o Super-Homem” (ROBB, 2017, p.131).

Com o renascimento dos super-heróis nos anos 60, aquele que vai mais se popularizar é o Homem Aranha. Como se tratava de um jovem cheio de problemas típicos da idade, em um momento em que a população juvenil voltava a crescer no mundo, já que a Segunda Guerra havia deixado suas marcas na população mundial, serão muitos de seus jovens leitores os que protestarão contra o conflito no Vietnã e farão parte de *Woodstock*. Ainda na esteira das mudanças que o gênero enfrentaria, surgiram figuras grotescas como o Coisa e o Hulk. Até então os super-heróis pareciam seguir a percepção platônica de aliar beleza e bondade, mas com estes personagens a percepção parece muito mais romântica, deixando claro que nestes casos a importância vinha do interior e principalmente das boas ações que eram capazes de fazer. Mas se nos anos 60 houve um enfrentamento às determinações do *Comic Code*, este código de ética só passaria a ser visto como obsoleto nos anos 70, quando as histórias começaram a abordar mais abertamente os problemas sociais e até colocar em dúvida a honestidade das autoridades.

Ainda nos anos 60, muitos dos super-heróis criados naquele período eram pertencentes a grupos excluídos, mas eles não eram os únicos. Seus leitores também o eram. Foi a época em que surgiram os *geeks* e *nerds*¹², grupos de jovens que não se enquadravam no sistema, sendo

¹² Os *geeks* podem ser descritos como entusiastas ou fanáticos por coisas “legais” e modernas (alta tecnologia), enquanto os *nerds* são mais intelectuais e se concentram em adquirir conhecimento profundo sobre um tema ou área específica.

excluídos por terem “problemas mentais”, o que era demonstrado por seu gosto literário: os quadrinhos. Dentro deste contexto surgiu um supergrupo formado por pessoas estranhas e que tinha em suas narrativas a presença de questões raciais e de intolerância: os X-Men. Os jovens excluídos se identificaram rapidamente com suas histórias. Segundo Irwin (2009, p.51), “a série X-Men pede continuamente a seus leitores que pensem no modo como as pessoas tratam os que são diferentes”. Estes personagens são claramente comparados aos judeus, e alguns literalmente o são, como a personagem Kitty Pride, que faz parte do mencionado grupo. Até mesmo alguns vilões como Apocalipse e Holocausto têm referências judaicas em seu contexto criativo. Magneto é outro, pois quando criança foi prisioneiro em Auschwitz, campo de concentração nazista localizado na Polônia.

Foi o aumento do número de jovens engajados em movimentos sociais que fez com que naquele momento houvesse uma juventude bastante ativa em questões políticas e isso iria se refletir também no modo de construir as histórias do gênero. “O público juvenil dos períodos anteriores torna-se adulto, e parte continua lendo super-heróis, o que também reforça a tendência de reformulação dos super-heróis. Isto é reforçado por uma maior politização da juventude” (VIANA, 2011, p.37).

O abrandamento da censura e a permissão para que as HQs pudessem tocar em temas considerados proibidos é parte do que Nildo Viana denomina como “contrarrevolução preventiva”, o próximo passo seria o surgimento dos super-heróis negros¹³, causado principalmente pelo fortalecimento do movimento de luta pelos direitos civis a partir dos anos 60. Assim, se confirma que uma maior politização da juventude somada ao “processo de lutas sociais forçam a concessões, novas temáticas, novos personagens, que estão ligados ao processo de contrarrevolução preventiva, que permeará a cultura dos anos 1970” (VIANA, 2011, p.41).

Nos anos 80 e 90, com a queda nas vendas, as editoras passaram a tratar mais seriamente o tema morte, já que vários super-heróis foram mortos nas histórias por eles vividas, sendo que alguns acabaram ressuscitando. A comoção causada pela morte destes superseres servia para aumentar as vendas, foi então que ainda nos anos 80 tais editoras decidiram criar as chamadas *Graphic Novels*¹⁴. “A intenção das *Graphic Novels* é atrair os setores mais intelectualizados e

¹³ O Pantera Negra, príncipe da nação fictícia de *Wakanda*, foi o primeiro super-herói negro. Depois dele viriam o Falcão, que seria ajudante do Capitão América e Luke Cage, um jovem negro preso por um crime não cometido, que aceitou submeter-se a uma experiência que lhe daria liberdade condicional além de deixá-lo com a pele dura como o aço. Estes dois últimos eram provenientes dos próprios Estados Unidos. Todos criados entre o fim dos anos 60 e início dos anos 70, no auge da luta pelos Direitos Civis.

¹⁴ De uma maneira geral a *Graphic Novel* (Romance Gráfico) é considerada uma história mais longa e elaborada, semelhante às obras literárias compostas no gênero conhecido como prosa. Sua narrativa é mais complexa que a dos tradicionais gibis.

daí a maior complexidade das histórias, acompanhadas por questões éticas, existenciais, políticas entre outras” (VIANA, 2011, p.45).

A morte e ressurreição de alguns dos super-heróis mais famosos dos quadrinhos (*Superman* foi um deles), trouxe ainda outros temas às HQs, humanizando os superseres, mostrando que eles também passariam por crises de identidade e processos psíquicos mais acentuados, colocando as incertezas e inseguranças no mesmo nível que qualquer leitor possa ter, tirando do herói muito daquilo que o tornava superior ao humano comum. Com o advento dos grandes filmes houve um resgate do espírito dos super-heróis, popularizando-os a um nível não visto anteriormente e em alguns casos mantendo a ideia de moralismo e defesa da ordem vigente presente em suas narrativas.

Apesar de haver enfrentado tantas opiniões contrárias, as histórias deste universo fictício permitem aos jovens o acesso à cultura de nosso tempo, influenciando-os a procurar entender as complexas relações sociais em que estão inseridos e principalmente a buscar compreender seus próprios dilemas psicológicos, uma vez que mesmo os super-heróis passam por momentos de autodescoberta, onde o “conhece-te a ti mesmo” se faz mais visível. Desta forma, o que se pode analisar é que as histórias dos super-heróis transmitem cultura, caracterizam e referenciam as questões humanas de nossa época. Segundo Weschenfelder (2013, p.4-5):

A Mattel do Brasil, em conjunto com o Instituto de Pesquisa GFK Indicador, realizou uma pesquisa com crianças, para entender qual a função que a fantasia e, em particular, os heróis ocupam no imaginário infanto-juvenil. Desenvolvido sob a consultoria da psicóloga Lídia Aratangy, o estudo revelou, entre outras conclusões, que esses personagens exercem uma função essencial em sua formação. Os heróis estimulam no leitor/espectador virtudes, como a coragem de enfrentar desafios, de vencer os medos, de proteger os mais fracos, de defender ideais e de combater o inaceitável. Os super-heróis representam virtudes que as pessoas mais admiram. No entanto, são desprovidos de medo e, justamente por isso, são fonte de coragem. Mais do que outros ídolos, são modelos a serem respeitados e imitados. As HQs podem vir a ser um importante elemento, portanto, para desenvolver o pensamento filosófico e para compreensão da filosofia aristotélica em sua ética das virtudes.

As relações culturais, existenciais, sociais, históricas, antropológicas e filosóficas entre outras, aparecem com frequência nas aventuras vividas pelos super-heróis. Se a princípio isto era feito por um tipo de literatura que vinha acompanhada de imagens, as chamadas revistas em quadrinhos, também conhecidas por Histórias em Quadrinhos (HQs) ou superaventuras, a popularização destes superseres acabou conduzindo-os a outros tipos de mídia, em especial com

o avanço da cultura de massa. Assim dos quadrinhos os super-heróis foram inicialmente passados para o rádio, onde havia narrativa de suas aventuras e posteriormente ao cinema, aos seriados e hoje estão retornando à literatura, mas desta vez, sem o acompanhamento de imagens. Volta-se a trabalhar com a imaginação, assim como era feito na época áurea do rádio.

Os roteiros dos filmes, tão populares hoje, são previamente escritos para as HQs. Dependendo do sucesso alcançado, estes roteiros acabam sendo adaptados e transpostos para os filmes exibidos com grande êxito nos cinemas do mundo e também nos seriados projetados tanto em canais de tv aberta como em outros tipos de canais ou plataformas.

As aventuras de ditos super-heróis geram o surgimento de análises e conclusões provocadoras nos espectadores/leitores, e assim causam o prazer de uma leitura que em muitos momentos foi vista como algo transgressor, pois pode levar a reflexões críticas, conduzidas por meios produzidos pela própria indústria cultural, que encaminha à discussões profundas sobre o ser humano e sua vida em sociedade, exatamente como já faziam os poetas e filósofos na Antiguidade, cada um à sua maneira.

2.3 A ÉTICA

Neste trabalho discutimos como primeiro os heróis, depois os super-heróis¹⁵ podem ser importantes para auxiliar na construção do saber filosófico, em especial por provocarem uma reflexão mais crítica sobre questões éticas e até a conscientização do aluno para o exercício da vida em sociedade em um país em que estas relações se tornam cada dia mais complexas.

Segundo Irwin (2009, p.11):

As melhores histórias em quadrinhos de super-heróis, além de divertirem, introduzem e abordam de forma vívida algumas das questões mais interessantes e importantes enfrentadas por todo ser humano – questões referentes à ética [...] à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas [...] ao papel da fé na aspereza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem [...].

As histórias dos super-heróis são capazes ainda de falar sobre temas que abordam as

¹⁵ Não abordamos aqui a figura do anti-herói, pois se trata de um personagem que tradicionalmente devolve o mal com o mal, agindo à margem da lei, praticando a justiça com as próprias mãos. Por atuarem de acordo com suas motivações, normalmente não se importam com as consequências de seus atos, utilizando métodos questionáveis para combater o crime e seus praticantes. O super-herói se caracteriza por valorizar a manutenção da vida, mesmo em momentos que tem que fazer o uso da força para atingir seu objetivo, sua preocupação é com o coletivo, assim, luta para ajudar o maior número possível de pessoas.

virtudes clássicas como coragem, temperança e a já citada amizade. Com isso acabam atraindo a atenção de muitos leitores e espectadores, que ficam presos à teia narrativa de suas aventuras, demonstrando que tais seres acabaram tornando-se extremamente populares desde que o primeiro super-herói surgiu em 1938: o *Superman*.

A experiência estética é algo que herdamos dos antigos gregos via filosofia. Se Platão fala da relação entre o belo e o bom, Aristóteles, seu aluno, destacará em *A Poética*, que ao ter a experiência de sentimentos intensos e acontecimentos trágicos, esperava-se que as pessoas purgassem as suas emoções, isso faria com que o espectador refletisse sobre os principais problemas da condição humana.

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego de grande influência sobre a civilização ocidental, é considerado o criador da filosofia prática ou ciência da práxis humana que abrange a política e a ética com o intuito de atingir a excelência moral, ou virtude, que vem a ser o tema central da obra “*Ética a Nicômaco*”. Aristóteles define a virtude como sendo a disposição estabelecida que leva à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina” (WESCHENFELDER, 2013, p.5).

O saber prático tem por objetivo o conhecimento de uma determinada realidade, o que facilita o estabelecimento de critérios e normas que levam a uma conduta considerada correta, conduzindo o homem rumo à felicidade (*eudaimonia*), tal situação só é possível através da virtude, já que esta está ligada à conduta dos homens, e através delas o homem atinge a finalidade de sua existência individual e social, já que se trata de um “animal político”. A virtude seria alcançada através do hábito, para Aristóteles, uma vez que para Platão ela era algo inato. Segundo a concepção de ética existente nos escritos aristotélicos o homem se torna bom da mesma maneira que se torna bom em outras coisas, através da prática e da repetição. Observando tal afirmação e pensando na comparação que poderia ser feita no contexto das superaventuras, as ações praticadas pelos super-heróis e a filosofia aristotélica seria factível dizer que é pela prática constante de ações justas que os superseres se tornariam justos. Assim, a virtude moral é fruto do hábito, ou como disse Aristóteles (1996, p.137).

[...] a pedra, que por natureza se move para baixo, não pode ser habituada a mover-se para cima, ainda que alguém tente habituá-la jogando-a dez mil vezes para cima; tampouco o fogo pode ser habituada a mover-se para baixo, nem qualquer outra coisa que por natureza se comporta de certa maneira pode ser habituada a comportar-se de maneira diferente.

Para Aristóteles o hábito ou a prática constante de algo leva a aprendizagem e ao

aperfeiçoamento, assim a leitura das HQs pode ser útil ao processo de aprender a ler, mas não só a isso pode servir. Em muitas das aventuras podemos encontrar temas religiosos, históricos, filosóficos e culturais, e se os personagens praticam atos justos, ali já estão ensinando ao leitor o valor desta virtude em suas ações. Já que para Aristóteles (1996, p.137): “É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”. Assim, o hábito é adquirido pela prática e pode conduzir a outros hábitos e conhecimentos advindos de tal prática.

Se para Aristóteles o ser humano aprende pelo exemplo, pois usaria um modelo para praticar boas ações, nada mais justo que a observação das atividades executadas pelos super-heróis, pois há um fundo educativo que levaria à prática de ações similares e nesse processo, o leitor/espectador passaria a adquirir as virtudes morais.

Como seria possível praticar a ética das virtudes na atualidade, onde se pode ver situações de puro desrespeito, intolerância, preconceito e violência nas relações humanas? As histórias dos super-heróis podem servir de exemplo positivo, pois eles usam sua força e coragem na prática de uma vida ética, cheia de virtudes e colocando-se como exemplo para tais ações, combatendo atitudes negativas não só pela força, mas também pela inteligência e perseverança.

Assim, as HQs tantas vezes acusadas de corromper os jovens ou aliená-los em sua vida escolar, podem vir a ser um instrumento de aproximação dos mesmos com a atividade leitora e também uma maneira para que temas colocados por diferentes filósofos possam ser analisados através das superaventuras, contribuindo para uma boa formação estudantil, ajudando no desenvolvimento do gosto pela leitura e pela análise filosófica, mas isso pode ser estendido a outras disciplinas do currículo escolar.

O super-heróis dos quadrinhos eram criados – e ainda são, em sua raiz - como uma fantasia adolescente de poder. Em termos de construção literária, eles não precisam ser muito complexos; em suas vestimentas coloridas, lutando contra vilões extravagantes e ameaças hiperdramáticas nada sutis, eles têm o intuito de excitar a imaginação das crianças com o mesmo fogo e a mesma energia dos mitos e contos de fada do passado (IRVIN, 2009, p.17).

Mas então onde se encaixaria a ética nestas superaventuras? Ela se encaixa nas atitudes praticadas pelos super-heróis, já que estas são determinadas pelo desejo de realizar ações virtuosas, colocando as necessidades de outros acima das próprias, tornando o praticante destas ações alguém de destaque diante de seu grupo, como acontecia nas histórias dos heróis épicos. Assim, o ensino de ética pode se mostrar importante na medida em que ajude na concepção de

uma prática estimulante que atue dentro daquilo que já é conhecido pelo aluno, fazendo-o mergulhar mais profundamente no entendimento do que é massificado e, portanto, pouco analisado. Deste modo, segundo Viana, (2013, p.20): “Entender mais adequadamente a mensagem de um universo ficcional pressupõe processos analíticos oriundos de alguns elementos teóricos [...]” Assim, para se entender o que há ou não de discussão ética por trás das ações dos personagens, há uma carência teórica que precisa ser anteriormente solucionada.

Na atualidade, a ética é um conceito comentado frequentemente nos noticiários, em especial no que se refere à vida pública, quando alguém comete algum tipo de ação negativa sendo uma autoridade. A prática de ações que não levam em conta a ética provoca incômodo nas pessoas, mas há também casos em que gera audiência massiva diante de programas de gosto duvidoso, os chamados *reality shows* seriam um exemplo de alienação produzida pela mídia, os super-heróis também podem alienar, por isso é que propomos uma análise consciente acerca de tais personagens e sua capacidade de uso em práticas educativas. Há que se pensar na questão dos valores, já que estes são constituídos socialmente e expressam as determinações existentes nas relações sociais. Mas havendo diferentes camadas dentro da sociedade, “os valores não são equivalentes ou igualmente válidos, isto seria relativismo ético” (VIANA,2013, p.38). Há valores que são autênticos, como a liberdade, por exemplo, outros inautênticos, com a submissão. Dentro do universo fictício dos super-heróis estes valores são mostrados em contraste, exatamente como ocorre na sociedade.

Diariamente nos deparamos com situações que nos levam a questionar o nível de respeito das pessoas, já que não é incomum vermos alguns condutores desrespeitando o sinal vermelho, avançando numa esquina onde há uma placa de pare, pessoas tentando furar uma fila ou simplesmente buscando levar vantagem com o dito “jeitinho¹⁶”, atribuído à maneira de agir de alguns brasileiros.

O trabalho de um professor de filosofia nada mais é que o de tentar auxiliar seus alunos a refletir sobre tais ações, que além de não serem corretas, podem vir a colocar em risco a vida de quem desrespeita certas normas e também de pessoas que possam ser vitimadas por tal desrespeito. É na escola onde se educa e se conscientiza o homem para a vida em sociedade, conduzindo-o ao desenvolvimento de seu senso moral, com isto, ajudando a construir uma sociedade menos injusta, exatamente como se imagina que um dia possamos atingir.

Do ponto de vista da etimologia, se sabe que a ética é um substantivo feminino,

¹⁶ O jeitinho envolve a quebra de normas que são aplicáveis a todos, visando a obtenção de alguma vantagem ou privilégio, caracterizado por prejudicar alguém ou mesmo a coletividade com a prática de tal ato.

originária do grego *ethikós*, derivada de *ethike*. Segundo Japiassu (2006, p.97), ética é:

Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral (finalidade e sentido da vida humana, os fundamentos da obrigação e do dever, natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral etc.), mas fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas. Diferentemente da moral, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme à sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa.

Ainda pelo mesmo caminho, *ethos* seria a definição grega para hábito ou caráter. Assim, a ética é um dos assuntos mais presentes tanto no cotidiano quanto no que se refere aos estudos, em especial no campo das Ciências Humanas. Infelizmente, embora sejam muito comentadas, as ações corretas parecem ser pouco praticadas na atualidade, precisando assim, de mais análise e reflexão sobre o que tem sido praticado na vida em sociedade.

Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento (VALLS, 2016, p.7).

Como a ética é algo temporal, isto é, feita em um determinado espaço e tempo, ela pode ser mutável e variável, mesmo assim, ela é uma análise reflexiva acerca do comportamento humano, já que procura explicar racionalmente a nossa conduta moral. Por ser produto de uma reflexão e não um tipo de lei, as pessoas ao ignorarem (alguns preceitos) da ética não serão necessariamente punidas.

Olhando desta forma, é possível observar que os estudos sobre ética se centram em reflexões teóricas sobre o modo de agir de cada sociedade. Se os gregos foram os pais dos estudos sobre a organização social existente na pólis àquela época, as diferentes pessoas que formavam aqueles grupos foram dando ao agir coletivo uma feição mais parecida com aquilo que se pensava sobre sua conduta. Então a reflexão ética tem muito a ver com a cultura de cada sociedade.

Mas, por haver diferentes modos de pensar e de agir, muitas vezes o fazer ético das sociedades mais antigas chegará até nós não como forma de código de conduta, mas através das artes, seja pela tragédia, comédia, pintura ou pelos costumes e práticas que difundiram, e claro, por estarmos em um momento histórico diferente não teremos o mesmo olhar sobre o fazer

deles que eles tinham. “Não são apenas os costumes que variam, mas também os valores que os acompanham, as próprias normas concretas, os próprios ideais, a própria sabedoria, de um povo a outro” (VALLS, 2016, p.13).

Hoje, apesar do advento da informática e a globalização da economia, há costumes locais que prevalecem, mesmo havendo uma grande interação entre diferentes sociedades. Mas o que seria uma boa teoria ética, aquela que pudesse tornar comum as práticas das diferentes sociedades? Na verdade, isso é algo praticamente impossível, pois a cultura de diferentes povos está baseada em fundamentos que podem sim ser mudados, mas não totalmente, pois de algum modo restará algo do que foi sobrepujado. Adaptações podem ocorrer, mas eliminar traços culturais é algo bem mais difícil. “Uma boa teoria ética deveria atender à pretensão de universalidade, ainda que simultaneamente capaz de explicar as variações de comportamento, características das diferentes formações culturais e históricas” (VALLS, 2016, p.16).

Dentro do atual contexto cultural, a globalização parece atuar como forma de persuasão e exportação de valores oriundos das nações economicamente mais poderosas. “É nessa dinâmica entre as diversas culturas que surge a pergunta sobre a incorporação, a adaptação ou mesmo a rejeição da linguagem simbólica do gênero narrativo da superaventura” (REBLIN, 2008, p.79). Dessa maneira, o que se vê é que as superaventuras estão na moda e seu público sofre um crescente aumento, assim os valores dominantes nos Estados Unidos são passados através dos super-heróis, mas isso não quer dizer que os produtores do gênero estejam de acordo com o *status quo* e com a dominação que pode ser exercida do ponto de vista cultural, mesmo assim, o que se comprova é “que os Estados Unidos possuem de fato uma rede de símbolos de entretenimento fantástica e que seu poder exercido sobre outros países deve-se também a uma estratégia semelhante àquela utilizada pelo Império Grego no passado: o domínio cultural” (REBLIN, 2008, p.79).

O estudo dos valores e da ética é mais complexo e variável do que se imagina, já que as ações humanas muitas vezes não acontecem da maneira esperada pelo grupo social do qual os indivíduos fazem parte, deixar de analisar e refletir sobre tais ações, praticadas individualmente, poderia levar a humanidade ao relativismo e assim o pensamento seria o de que tudo é permitido, tudo é válido, então o “jeitinho” tantas vezes condenado, seria socialmente melhor aceito. “Há muito pensador importante, principalmente hoje em dia, que considera que o estudo da ética é a região mais difícil, e aquela para a qual o pensamento, reflexivo e discursivo, está atualmente menos preparado” (VALLS, 2016, p.22).

É justamente para evitar que uma forma de atitude que não anda bem, piore, que o saber e principalmente o agir realizado pelo homem, permitem uma reflexão ética sobre sua conduta,

já que a análise surgida na Grécia, era feita a partir de conjecturas sobre as formas de conduta ali existentes e como isso poderia gerar o bem coletivo e a felicidade. Neste aspecto, é possível dizer que “a ética aristotélica é finalista e eudemonista, quer dizer, marcada pelos fins que devem ser alcançados para que o homem atinja a felicidade (*eudaimonia*)” (VALLS, 2016, p.29).

Se o bem viver e o bem agir são os passos para atingir a finalidade da vida, que é a felicidade, como seria possível alcançar tal objetivo? Para Aristóteles a felicidade verdadeira é alcançada pelas virtudes, sendo, portanto, a consequência do desenvolvimento de bons hábitos por parte do homem, algo que o levaria a uma conduta virtuosa ou excelente. Assim, a virtude é adquirida por ações habituais. Desse modo o ser humano aprenderia a ser bom e justo praticando a bondade e a justiça. Este bem agir deve ser final, já que é escolhido não como um meio para atingir outras coisas.

Na poesia homérica vimos que os heróis estavam destinados a ser paradigmáticos, já que serviam de inspiração à audiência, praticando assim boas ações para atingir a meta de tornar-se virtuosos. Nas HQs, desde seu início até os dias de hoje, de diferentes maneiras é possível notar algumas influências desse ideal de condutas virtuosas e exemplares. Aristóteles destacava o esforço humano por adquirir bons hábitos e realizar boas ações. “O homem precisa converter suas melhores disposições naturais em hábitos, de acordo com a razão; virtudes intelectuais” (VALLS, 2016, p.33).

Este tipo de educação que o homem se autoimpõe, está baseado em um esforço voluntário, assim se compreende que a virtude se origina na liberdade, pois é desta que partem a reflexão e a escolha racional. A virtude é adquirida pela razão livre, uma espécie de bom senso que se reflete na prática. Deste modo, reiterando o que já dissemos, a virtude “é um hábito adquirido, voluntário, deliberado, que consiste no justo meio em relação a nós, tal como o determinaria o bom juízo de um varão prudente e sensato, julgando conforme a reta razão e a experiência” (VALLS, 2016, p.33-34).

O pensar sobre ética nos conduz a relacioná-la com a liberdade, e ambas podem ocasionalmente entrar em contradição, pois a primeira nos lembra normas e responsabilidades, já que somos parte de um coletivo, e a segunda seria a expressão de não viver sob nenhum tipo de jugo. Então como conciliar coisas que parecem se excluir? A perda de parte da liberdade é o preço a ser pago por vivermos em grupo, afinal ao fazê-lo o homem se submete àquilo que é acordado como correto para aquele coletivo, cedendo parte de sua liberdade em troca de proteção e comunhão com outros, mas há também traços de liberdade que são inalienáveis, como o livre pensar. Vale destacar a ideia dos filósofos estoicos, para quem “o sábio é livre

sempre, mesmo que esteja aprisionado e acorrentando”, já que mesmo assim seu pensamento continua sob seu domínio. Mas se há contradição, há motivos para a discussão e reflexão.

A ética se preocupa, podemos dizê-lo agora, com as formas humanas de resolver as contradições entre necessidade e possibilidade, entre tempo e eternidade, entre o individual e o social, entre o econômico e o moral, entre o corporal e o psíquico, entre o natural e o cultural e entre a inteligência e a vontade (VALLS, 2016, p.56).

Mas, diante da complexidade da vida cotidiana, como deveria se comportar o ser humano com tantas oportunidades para tomar atitudes inadequadas em nome de uma possível “vantagem”, já que se não for comprovada tal ação poderá ficar impune?

Por mais que variem os enfoques filosóficos ou mesmo as condições históricas, algumas noções, ainda que bastante abstratas, permanecem firmes e consistentes na ética. Uma delas é a questão da distinção entre o bem e o mal. Agir eticamente é agir de acordo com o bem. A maneira como se definirá o que seja este bem, é um segundo problema, mas a opção entre o bem e o mal, distinção levantada já há alguns milênios, parece continuar válida (VALLS, 2016, p.67).

Em tempos tão complicados, talvez o melhor a se fazer diante dos dilemas da vida seja consultar a própria consciência, refletindo criticamente antes de agir e assim escolher aquilo que não nos causará danos e nem o fará aos outros. “E o que seria esta consciência moral? Aquela voz interior que nos diz o que devemos fazer, em todas as ocasiões, o bem e evitar o mal” (VALLS, 2016, p.63). Uma atitude correta está ligada ao caráter de seu praticante, numa demonstração de nobreza e virtuosidade. Assim: “A excelência moral se relaciona com as emoções e ações, somente as emoções e ações voluntárias são louvadas e censuradas...” (ARISTÓTELES, 1996, p.151).

Pensando na proximidade entre reflexão e ação, ética e moral, poderíamos analisar a questão da seguinte maneira.

A moral é uma ciência prática, cujo objeto é o estudo e a direção dos atos humanos em ordem a conseguir o último fim, ou seja, a perfeição integral do homem, no que consiste a felicidade. Os atos humanos são particulares, e assim, enquanto ciência prática, a moral deve atender e descer ao particular (VALLS, 2016, p.68).

De qualquer modo, o que se deve ter em conta é que a ética se liga à reflexão e a moral mais a ação em si. Também temos que analisar que os seres humanos estão sujeitos a falhar, mas nossas falhas não devem ficar restritas apenas ao campo da análise, já que elas são a representação viva da prática e às vezes uma falha pode conduzir a uma conscientização que melhoraria as nossas ações futuras, contrariando assim a máxima popular que diz que “é errando

que se aprende”, dando a ele um novo sentido no qual o aprendizado se faz a partir da correção dos erros, havendo portanto, uma elevação moral. Ainda devemos destacar que ações trágicas foram a causa do surgimento dos heróis antigos. Foi também da tragédia que surgiram os superseres, que ao serem vitimados por tais ocorrências, passaram a ter uma conduta adequada e preocupada com o coletivo, tentando evitar que novos erros se repetissem e causassem novas tragédias. Se isso fosse pensado e colocado em prática na realidade, muitos seriam os erros que poderiam ser evitados. Mas a história tem provado que a sociedade não tem aprendido muito com a História, algo que precisa ser mudado, já que só pela reflexão, ação correta, aprendizado e esforço coletivo chegaremos ao que se deseja em termos de um futuro melhor para a nossa nação. Deste modo, as boas ações serão frequentes, não algo capaz de causar surpresa nas pessoas.

Como já vimos, há duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. Em grande parte a excelência intelectual deve tanto o seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto à existência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra “hábito” (ARISTÓTELES, 1986, p.137).

O que Homero, Platão e Aristóteles tiveram de mais comum foi o fato de serem visionários, analisando e colocando em destaque a educação como instrumento de evolução de um povo. Seria excelente se em todos os tempos e lugares essa prerrogativa fosse respeitada, visando o crescimento intelectual e moral das pessoas.

2.4 OS “ELEITOS”

As superaventuras são um gênero artístico e literário que fazem parte de um mercado que além de mover altas cifras, envolve milhões de leitores e espectadores em diferentes lugares do planeta. Desde o seu início as HQs foram sendo melhoradas, ampliando horizontes e se transformando em verdadeiras narrativas de cunho social e cultural, ocupando cada vez mais espaço e ganhando dos críticos o título de nona arte.

Se no início havia, como já dissemos, muitas críticas às superaventuras, por ser consideradas infantis e de pouco valor instrutivo, “encaradas por muitas pessoas como uma literatura descartável, uma leitura que não contribui em termos intelectuais, o que acaba por provocar seu descaso” (VIANA, 2011, p.93). Hoje as superaventuras se popularizaram tanto que boa parte das críticas já desapareceu, porém das que permanecem, uma é bastante intrigante, pois se refere ao distanciamento que o mundo acadêmico mantém com relação ao

tema, faltando até mesmo mais análises sobre ele em nível superior. “As histórias em quadrinhos são partes da totalidade que representa a sociedade, e devido a isso, devem ser encaradas como uma rica fonte de pesquisa e leitura”. (VIANA, 2011, p.93). Foi esse amadurecimento das histórias e a possibilidade de falar sobre questões ligadas ao conhecimento de forma mais lúdica que provocaram a ascensão e popularização das superaventuras, isso pelo lado positivo, como instrumento educativo. Mas há também o outro lado;

“Os super-heróis não são meras fantasias para crianças, e sim um profundo revelador de nosso inconsciente e, ao mesmo tempo, produção social e histórica que mostra cabal e principalmente em determinados momentos históricos, o exercício do poder através da axiologia, dos ideogramas, de sentimentos negativos” (VIANA, 2011, p.13).

Os super-heróis, por serem parte da cultura de massa, acabaram por tornar-se presente em vários campos em que possam ser propagados e vistos, induzindo ao consumo de suas diferentes “formas de existir”. Seja nas livrarias, nas bancas de revistas, nos canais de televisão, nos *videogames* ou nos cinemas, os super-heróis são inegavelmente parte da cultura popular, algo que já está devidamente consolidado.

O país inteiro está aprendendo o segredo que é mantido vivo há anos por um grupo de fãs de histórias em quadrinhos – as históricas clássicas dos super-heróis, que continuam sendo produzidas por alguns dos melhores escritores e artistas ainda vivos, podem ser muito divertidas, cheias de suspense, excitantes, além de estimular o pensamento. [...] Um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura *pop* da atualidade é o forte ressurgimento do super-herói como ícone cultural e de entretenimento (IRWIN, 2009, p.9).

Vale reiterar que as narrativas das superaventuras colocam diante do leitor/espectador muitos dos problemas cotidianos que estão bem mais ligados à reflexão filosófica que a outras áreas do saber, o que não quer dizer que estas outras áreas não possam ser encontradas dentro do gênero.

O universo dos super-heróis é a expressão da pluralidade complexa da vida humana: sociedade, valores, religião, cultura, comportamento, crenças, aspirações; tudo é encontrável nas histórias dos super-heróis em dimensões distintas e variáveis pela finalidade narrativa (VIANA, 2001, p.9).

Logo, podemos pensar que o uso das superaventuras como recurso didático poderia gerar condições de conduzir a uma nova maneira de ler, assistir ou de se apreciar o universo fantástico dos super-heróis. Há diversas maneiras de tornar esse processo possível segundo a disciplina escolar e seus temas. Desta forma, segundo Reblin (2008, p.91):

Não há dúvidas de que os super-heróis são um fenômeno de grande impacto cultural. Diversos pesquisadores lançam seu olhar sobre eles: sociólogos, antropólogos, psicólogos, filósofos e pedagogos, todos tentando entender o poder de atração que tais personagens exercem em, pelo menos uma etapa da vida do ser humano moderno.

Embora haja uma aparente contradição, sobre a já mencionada questão de poucas fontes de estudo sobre o tema, já que Reblin fala de diversos pesquisadores, na verdade há relativamente pouca pesquisa no Brasil, mas no país berço destes personagens há muitas análises acadêmicas sobre o tema, nada mais natural.

Os heróis que seguem, foram eleitos em função de suas disparidades, já que a dupla da DC (Superman e Batman) e a da Marvel (Capitão América e Homem de Ferro) já se estranharam por terem modos pensar e agir diferentes, como veremos mais adiante.

2.5 O SUPERMAN

Foi o surgimento do Superman¹⁷ em 1938 que deu início ao gênero das superaventuras. O personagem foi criado por dois jovens de origem judaica, no contexto da Grande Depressão vivida pelos Estados Unidos, Jerome (Jerry) Siegel e Joseph (Joe) Shuster. Eles retrataram a história de um alienígena que se tornaria um herói, sendo que muitos de seus atributos o colocam em um patamar superior ao dos heróis clássicos.

O Superman ainda era um bebê e já enfrentava a sua primeira tragédia; de uma só vez perdeu seu planeta natal, Krypton, que explodiu, e também os pais que sucumbiram diante de tal cataclisma. Vale notar que essa orfandade será recorrente, já que muitos outros personagens terão essa característica em suas narrativas. O Superman logo passou a ser conhecido como o Homem de Aço, e se tornou o personagem mais importante das superaventuras, já que foi o primeiro a ser criado e serviu de modelo a outros super-heróis. Segundo Vergueiro (2004):

Isto é descrito minuciosamente por Richard Reynolds, em seu livro *Super-Heroes: a modern mythology* (p. 12-16). Segundo ele, as características que iriam prevalecer, durante muitos anos, na grande maioria dos super-heróis dos quadrinhos, são estabelecidas nas 13 páginas da primeira história do herói, a saber:

- 1) a perda dos pais: o super-herói é alguém que está fora da sociedade, ou seja, ele raramente atinge a maturidade a partir de um relacionamento normal com seus pais;
- 2) o homem-deus: quando considerados seus atributos extraordinários, uma boa parte dos super-heróis dos quadrinhos são como que deuses descidos à terra;

¹⁷ As edições publicadas no Brasil atualmente, mantém o nome original do personagem: Superman. Quando aparece a versão em português, Super-Homem, é fruto de como o autor o denomina ou por motivo de tradução das obras usadas no trabalho.

- 3) a justiça: a devoção do herói à justiça está acima de sua devoção à lei;
 - 4) o normal e o superpoderoso: a natureza extraordinária do herói é contrastada com a normalidade que existe ao seu redor;
 - 5) a identidade secreta: esta natureza extraordinária será também contrastada com a natureza mundana de seu *alter-ego*, cujas ações são governadas por vários tabus;
 - 6) superpoderes e política: apesar de se situarem, em última instância, acima dos ditames da lei, os super-heróis são capazes de considerável patriotismo e lealdade ao estado;
 - 7) a ciência como magia: as histórias utilizam a ciência e a magia de forma indiscriminada, para criar um sentido de deslumbramento no leitor.
- A partir dessas quase, digamos assim, "especificações" para o gênero, bem como do enorme sucesso atingido por seu *molde-mestre*, pode-se afirmar, parodiando um famoso locutor futebolístico, que, de uma certa forma, com o Super-Homem "abriram-se as portas dos quadrinhos e começou o espetáculo dos super-heróis".

Dentre todas estas características mencionadas, uma chama a atenção em especial, a de número 3, que na verdade está mais para caracterizar ao chamado anti-herói, já que este, diferentemente dos super-heróis, não leva em conta o ato de poupar vidas para atingir sua meta. Se tiverem que matar, o fazem, sem que haja uma linha que delimite a justiça, a vingança ou o arrependimento. Para ele o ideal é manter a sociedade livre dos criminosos. Não nos aprofundaremos neste tipo de personagem por não ser o objetivo do nosso trabalho.

Por primar por “aquilo que movimenta o universo dos super-heróis e suas raízes: o sentido do heroísmo e os valores atinentes à ética e ao dever” (VIANA, 2011, p.9), os super-heróis se mantêm atuando dentro dos limites da lei, por isso, há situações em que não podem atuar para evitar causar incidentes internacionais ou piorar conflitos com sua presença. Quando acontece este tipo de coisa, o Superman, atua como o jornalista Clark Kent, denunciando os fatos para que as autoridades legalmente reconhecidas possam agir. O Batman atua de outra forma, através de suas fundações que destinam ajuda financeira e humanitária em casos de necessidade. Desta forma eles demonstram a possibilidade de ajudar de uma maneira ou outra, sem se omitir ao dever.

Se engana quem pensa que um alienígena, que ganha seus poderes do sol amarelo que ilumina a Terra não poderia oferecer qualidades virtuosas que o colocassem como modelo de ação correta. O Superman faz parte da consciência coletiva universal, já que é conhecido nos quatro cantos do planeta e apesar disso, sofre mudanças que o adaptam à realidade temporal, pois ele veio sofrendo várias transformações ao longo de seus 81 anos de existência. Exemplo destas mudanças não faltam. Se de início não voava, com o avanço da aeronáutica passou a fazê-lo, se antes era motivo de chacota por usar a cueca sobre a calça, uma inspiração vinda dos lutadores de luta livre, sua versão mais atual não usa este tipo de combinação, mas o que importa não é o que muda, e sim o que permanece de seu caráter através do tempo; um defensor dos

oprimidos, que se dedica a ajudar os que precisam, defende a verdade, a justiça¹⁸ e pratica ações nobres e altruístas, assim, suas narrativas ajudam a colocar em destaque questões importantes, pois apesar de poderoso, ele procura ser cuidadoso, já que se algo lhe escapar ao controle poderia provocar catástrofes diante de tamanho poder.

O Superman é produto de sua época. Era a resposta americana ao nazismo e a sua ideologia de “raça superior”, e, ao mesmo tempo, um apelo ao homem comum para que seja forte suporte todas as situações desfavoráveis (a crise da época), bem como um grito de liberdade inconsciente. A criação do Superman cumpria uma função parecida com a de um herói forte e que suporta as dores e pressões de um mundo em guerra, já que, tal como o filósofo alemão Nietzsche (assimilado pelo nazismo) pregava, era o protótipo de homem-forte, que suportava as misérias do mundo. Aliás, o Superman foi um nome apontado por Nietzsche, mas em outro sentido, embora havendo semelhança. Também era a resposta fictícia dos americanos ao nazismo: precisamos de soldados, heróis de carne e osso, e os heróis fictícios são exemplos a ser seguidos, são inspiradores e amados pelo público. Mas tem também um lado intencional, que revela, para utilizar a linguagem psicanalítica, o desejo inconsciente de liberdade, de ultrapassar os limites de uma sociedade burocrática, mercantil, sem aventuras, uma cotidianidade vazia e sem sentido, manifestação do inconsciente coletivo (VIANA, 2011, p.20-21).

Vale ressaltar que em um mundo onde as pessoas quanto mais obtêm algum poder, mais ávidas se tornam na busca pela satisfação de seus próprios interesses, as histórias do Superman o colocam em um patamar onde o egoísmo dá lugar ao mencionado altruísmo, demonstrando que suas virtudes são colocadas em prática para benefício de outros. Apesar disso: “Muitas pessoas têm dificuldades para se identificar com o Super-Homem, referindo-se a ele como excessivamente perfeito, nobre e bom. Entretanto, essas qualidades apenas fazem dele um ideal, não algo a rejeitar, mas sim aspirar” (IRWIN, 2014, p.7). O Superman é o modelo exemplar de super-herói por ter sido o primeiro e ter dado início a esta tradição cultural, associou a ideia de beleza à de bondade porque “é comum na cultura ocidental, unir fealdade e maldade” (VIANA, 2011, p.21). E essa união entre o feio e o mal ficou para os vilões das superaventuras, o que não exclui o fato de vez por outra aparecerem super-heróis grotescos como o Hulk.

Apesar de tudo, o Superman tem suas complexidades registradas em sua narrativa através dos diferentes meios, levantando assim uma série de questões filosóficas que passam pelo conceito de identidade, procura evitar usar a violência, se dedica à justiça e à verdade, claro que aqui temos que entender que por se tratar de um personagem fictício criado nos Estados Unidos, verdade e justiça atende a parâmetros culturais daquele país, especialmente os

¹⁸ Por ser um produto criado nos Estados Unidos o Superman é defensor da "verdade, justiça e o jeito americano". Essa frase foi usada a partir dos anos 40, já que anteriormente ele era “o campeão dos oprimidos que luta pela verdade e justiça”.

determinados pela cultura pop e seus desejos mercantis. “A recepção do Superman foi resultado de tendências da época e das necessidades inconscientes dos indivíduos presos no mundo burocrático e mercantil” (VIANA, 2011, p.21). Embora seja cheio de valores morais, inculcados por seus pais adotivos, com quem viveu na simplicidade do campo, o que acaba distinguindo-o de outros super-heróis, tem muitos superpoderes, mas não é o super-herói com quem as pessoas normalmente se identificam, ele continua colocando as necessidades alheias acima das próprias e se mantém firme no propósito de não desistir, algo que é próprio de sua narrativa.

2.6 BATMAN

Devido ao sucesso alcançado pelo Superman, a *National Comics*, futura *DC Comics*, decidiu investir em personagens que tivessem alguma semelhança com ele. Foi quando em 1939, os artistas Bob Kane e Bill Finger, criaram um super-herói sem superpoderes, mas que mesmo assim se tornou um símbolo de sucesso.

Bruce Wayne é um garoto que vive em *Gotham City*. Uma noite vai ao cinema com seus pais e ao sair, são assaltados no Beco do Crime, onde além disso, seus genitores são assassinados e ele se torna órfão. Desde a perda de seus pais, Wayne dedicou-se de corpo e alma ao juramento que lhes fez diante dos seus túmulos.

Sem os pais, Bruce precisa de um novo centro de gravidade no mundo, e essa promessa que mudou sua vida é exatamente isso. Para cumpri-la ele passa anos estudando, treinando e viajando, adquirindo habilidades e o conhecimento que serão necessários se ele tiver alguma chance de realizar a intimidadora tarefa a que se dispôs. Tire a promessa e ele é ainda um garoto em choque, ajoelhado diante dos corpos dos pais. O juramento lhe dá algo para fazer e, mais importante, alguém para ser. Nossos compromissos e projetos nos dão forma e definem nosso caráter (IRWIN, 2008, p.89).

No desenho animado *O Cavaleiro da Trevas*, a família estava assistindo ao filme *A Marca do Zorro*, e muitos dos atributos do Batman são inspirados naquele personagem. Ambos trazem uma visão romântica em suas narrativas, são “cavaleiros”, se inspiram em animais de hábitos noturnos, (raposa e morcego), são oriundos de famílias abastadas (heróis burgueses), lutam pelos mais fracos e contam com o apoio de ajudantes na retaguarda (Bernardo e Alfred), têm uma caverna como base de atuação, entre outras características.

O Superman e o Batman estão marcados por características históricas da humanidade, sendo que o primeiro carrega a soma de muitos seres mitológicos da Antiguidade, dentre eles a

força similar à de Hércules e a fraqueza inspirada em Sansão, mas que neste caso é caracterizada por kryptonita, fragmentos de seu planeta natal após a sua destruição, além de valorizar a vida como Jesus Cristo, enquanto o segundo tem um forte apelo medieval. Diferentemente do Superman, Batman teria o desejo de tornar as ruas de *Gotham* mais seguras como um mecanismo que o impulsiona em sua luta. Para amenizar um pouco o tom sombrio do personagem e para atrair mais o público jovem, o herói se fez acompanhar do jovem Robin, cujo nome seria inspirado no do herói medieval *Robin Hood*.

Quando se fala de Batman, o seu maior sucesso foi a HQ *O Cavaleiro das Trevas*, que virou filme e desenho animado de longa-metragem. Ali se demonstra o lado sombrio de sua personalidade, atacando os criminosos com extrema fúria. Ali o Batman está muito mais para um anti-herói, pois deixa os valores da lei de lado e faz justiça com as próprias mãos. Essa fase foi produzida pelo escritor e desenhista Frank Miller. Foi uma fase polêmica que elevou em muito as vendas do personagem, explorando características coléricas de sua personalidade. Temos que recordar que *Gotham City* tem seu nome inspirados nos povos góticos (visigodos e ostrogodos), e que estes destruíram violentamente o Império Romano, dando origem a Idade Média, época marcada pela violência, também conhecida como Idade das Trevas, marcada pelas Cruzadas, guerras travadas entre cristãos (cavaleiros cruzados) e muçulmanos. Estes ingredientes combinados levaram à concepção das narrativas do Batman. Em *O Cavaleiro das Trevas* o personagem chega a enfrentar o Superman, que defendia o uso da razão no tratamento aos criminosos de *Gotham*.

Quando lhe perguntaram sobre as implicações fascistas de seu novo Batman, Miller explicou que Batman “precisa ser uma força que, de certo modo, fique acima do bem e do mal”, uma força moral que é “simplesmente superior e maior que a dos homens comuns e perfeitamente capaz de julgar e aplicar penas (KNOWLES, 2008, p.168).

É preciso ter em mente que “*O Cavaleiro das Trevas* foi uma forma pioneira de apresentar os gibis de super-heróis para um público mais velho e erudito, bem como trazer sucesso comercial e respeito da crítica para os quadrinhos” (ROBB, 2017, p.93). A série foi um sucesso de vendas e de críticas, já que trouxe à tona essa discussão sobre o caráter vingativo do Batman, que o tornaria um justiceiro fascista. Por ser dedicada a um público mais adulto, esta questão foi debatida de forma polêmica, já que Frank Miller estava desconstruindo um personagem que até então, se guiava pela razão.

Enquanto o Superman se caracteriza por sua bondade, idealismo e superpoderes, o Batman é um ser humano vitimado pela tragédia, que defende a sua cidade com unhas e dentes,

muitas vezes apoiando ou sendo apoiado pelas forças da lei, depois de haver passado anos de sua vida treinando o corpo e a mente para elevar a um alto nível suas qualidades físicas e psicológicas.

Vale destacar que Bruce Wayne é herdeiro de um império milionário, que ao tornar-se o Batman passa a combater o mal e a violência, levando a justiça ou a vingança, conforme o olhar que se possa ter sobre suas ações. Também é preciso pensar o que leva um jovem milionário a defender os mais fracos. No caso dele parece ser algo natural, já que seu pai havia perdido quase tudo durante os anos da Grande Depressão ajudando os pobres de Gotham. O garoto via seu pai se preocupando com os outros, pois era um filantropo, com isso, tinha nele um modelo positivo, já que Thomas Wayne acreditava que ao combater a pobreza atrairia outros ricos da cidade para sua causa, mas se nisso ele fracassou, deixou uma semente plantada em seu filho, pois tanto como Bruce Wayne quanto como Batman, o jovem luta pela causa daqueles que são vitimados pela tragédia ou pela pobreza, ajudando-os da melhor forma possível.

Batman então parece ser um bom exemplo do que Aristóteles tinha em mente quando sugeriu que olhássemos para a pessoas virtuosas para nos orientarmos sobre como nos tornar moralmente melhores. Em Gotham City, no universo DC em geral, e mesmo em nossa realidade mundana, muitas pessoas consideram Batman um ser humano moralmente exemplar. E, ao que parece, com boas razões: ele é sem dúvida corajoso e inteligente. Tem um forte senso de justiça, é capaz de se manter controlado mesmo em meio a uma luta e está disposto a sacrificar sua própria vida e felicidade para fazer do mundo um lugar melhor (IRWIN, 2008, p. 229).

Para entender um pouco dessa obsessão por “justiça” que caracteriza o personagem, precisamos ter em mente o fato dele haver sido criado e desenvolvido por artistas de origem judaica, que vinham de um momento de “diáspora”, causado pela ascensão do nazismo na Alemanha. Batman teria sido inspirado no mito do golem, ser criado por rabinos, feitos de barro e trazidos à vida pela magia da Cabala. “Os gólens protegiam os judeus e puniam seus inimigos” (KNOWLES, 2008, p.163). Isso viria a caracterizar o espírito de luta do Batman, um personagem cheio de mistério e extremamente criativo e inteligente, algo que podemos ver nos instrumentos que usa em suas ações.

Para atenuar o lado duro do Batman, a sua equipe de criação decidiu dar-lhe um ajudante. O jovem Dick Grayson, órfão como Wayne, se tornaria o primeiro e mais famoso dos Robin. Ao adotá-lo, Bruce Wayne lhe deu algo que ambos não tinham: uma família. “A chegada do Robin serviu para humanizar o Batman” (ROBB, 2017, p.65). Estava assim formada a Dupla Dinâmica. “O uniforme do Robin – túnica vermelha, capa amarela, luvas verdes e botas – foi propositalmente inspirado no Robin Hood (também a fonte de seu nome como super-herói)

(ROBB, 2017, p.93).

A dupla de super-heróis mais famosos da DC (Superman e Batman) foi criticada por sua capacidade de alienar seus leitores, já que suas histórias não teriam nada de reflexivo a oferecer aos mesmos. No caso específico do Batman há um destaque muito visível às suas habilidades físicas e mentais, que o colocam em um nível muito acima das pessoas comuns.

O argumento é que os personagens fictícios são inapropriados como modelos, não porque lhes falta virtudes, mas porque seus autores podem dar a eles tanta virtude que ninguém poderia realmente alcançar seus padrões impossíveis. Da mesma forma, embora nenhuma figura histórica tenha demonstrado coragem, justiça e outras virtudes semelhantes, do modo como Batman faz, ainda podemos nos tornar pessoas melhores imitando traços de caráter que ele exhibe. Batman, embora não histórico, é um modelo moral (IRWIN, 2008, p.115-116).

Uma das causas da atração que o público tem em relação ao Batman reside no fato dele ser apenas um “ser humano”, alguém que fez um juramento e que vai até o fim para cumpri-lo. É palpável que ele serve de modelo virtuoso a seus admiradores, mas também é preciso que estes pensem por si só, assumindo responsabilidades para não viver sob a sombra de um ser fictício, desenvolvendo assim a sua própria autonomia. Batman e sua outra metade, Bruce Wayne, continuam sua vida de combate ao que consideram como mal e de luta contra as injustiças. Se em um momento de desconstrução do personagem como em O Cavaleiro das Trevas, mergulhou em uma maré de vingança, tornando-se uma espécie de anti-herói, enfrentando vilões perigosos e vencendo-os, suas características de inteligente, engenhoso e humano são o que o fazem ser um super-herói dos mais populares e identificados com os jovens, mas há que se ressaltar que Bruce Wayne é um modelo de sucesso econômico, uma imagem que o capitalismo vende, mas por se tratar de um tipo de sociedade excludente, poucos de seus membros conseguem “comprar” ou atingir. Apesar disso, pode proporcionar momentos de leitura descontraída e também reflexiva.

2.7 CAPITÃO AMÉRICA

A sociedade busca por heróis que sejam modelo de ação e que com isso encarnem as virtudes na sua própria imagem. O Capitão América surgiu no período da Segunda Guerra, um supersoldado extremamente patriota e idealista, já que como o Superman, ele acredita na capacidade humana para fazer o bem.

Surgido no contexto da Segunda Guerra Mundial, ele é um soldado preparado para

lutar contra o nazismo, carregando a bandeira estadunidense em seu traje e em sua arma (um escudo, que demonstra que os Estados Unidos têm em sua defesa o seu ataque) [...]. Além disso, a própria personalidade é marcada pelo “espírito de liderança”, o “bom senso” a “moral” e a “manutenção do sistema”. Assim, o herói representa as aspirações, os ideais e as crenças humanas. Ele reflete o próprio sentido de identidade do ser humano, sobre o qual o próprio heroísmo é moldado (REBLIN, 2008, p.41).

Essa questão de lutar pela manutenção do sistema caiu por terra entre o final dos anos 60 e a metade inicial dos anos 70. Naqueles anos turbulentos de Guerra do Vietnã, lutas pelos Direitos Civis e a renúncia do presidente Richard Nixon, o Capitão passou a contestar o sistema que defendeu de forma intensa no início de suas aventuras, justamente por ser um herói patriótico que queria defender seu país de possíveis agressões externas. Mas com o fim da Segunda Guerra, sua “morte” e posterior reaparecimento, ele passou a contestar o próprio governo e suas atitudes. Nesta época, o Capitão América descobre uma conspiração para manchar sua imagem diante do povo de seu país e, ao investigar o que havia por trás disso, se depara com um grande esquema de corrupção que chega às mais altas esferas do governo. Com alusões ao famoso Caso *Watergate*¹⁹, que levou à mencionada renúncia de Nixon. Sentindo-se traído pelo seu governo, Steve Rogers abandona sua identidade como Capitão América.

Voltando aos anos iniciais, ele é um herói criado pela ciência para enfrentar o fascismo e suas variantes. Sua primeira revista o trazia na capa esmurrando o próprio Hitler, como era uma edição de dezembro de 1940, mas chegou às bancas com a data de março 1941, ela acabou antecipando algo que aconteceria no ano seguinte; a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

As revistas do Capitão América acompanharam os soldados no campo de batalha. Ele era o exemplo ideal de luta e de superação que inspirava uma multidão de soldados comuns a lutar contra o nazifascismo. Também serviu como modelo para a propaganda militar incentivando os jovens a se alistarem nas forças armadas e participarem do conflito. Curiosamente o Capitão era mais um herói criado por descendentes de imigrantes, a dupla Joe Simon e Jack Kirby, ambos haviam servido ao exército durante a Segunda Guerra. A ideia inicial era conceber um personagem de cunho patriótico batizado de “Superamericano”, mas já havia vários seres que tinham denominação começada por “super”, então acabaram chamando-o de Capitão América porque não havia nenhum super-herói cujo nome se iniciava de tal forma.

¹⁹ O Watergate foi o escândalo político que resultou na renúncia do presidente Nixon. Era o nome do edifício onde funcionava a sede do partido democrata. O caso começou com a prisão de cinco homens, que foram flagrados instalando equipamentos de espionagem e fotografando documentos que estavam no prédio. A prisão deles ocorreu durante a campanha eleitoral que conduziu Nixon, membro do partido republicano, ao poder.

“Simon tinha certeza de que o Capitão América era uma criação explicitamente política: ele queria refletir a própria repulsão ao regime nazista” (ROBB, 2017, p.90).

Assim como a maioria dos criadores de super-heróis, Steve Rogers, o *alter ego* do Capitão América levava uma vida de dificuldades, causada tanto por sua condição física quanto pela econômica. Ele era um jovem franzino e doentio, que preocupado com o avanço do nazifascismo tenta se alistar no exército de seu país, mas justamente por sua saúde frágil, acaba sendo rejeitado. Sua insistência em tentar alistar-se é notada por um oficial e ele é escolhido para fazer parte do projeto de criação do supersoldado.

[...] Capitão América era filho de imigrantes pobres, irlandeses em vez de judeus. Steve Rogers ficou órfão quando jovem e estudava belas-artes quando a Segunda Guerra começou. Ao tentar se alistar, Rogers é rejeitado por não satisfazer as exigências físicas. Então ele se inscreve no misterioso “Projeto Renascimento”, uma tentativa experimental de criar um “supersoldado” para lutar contra as potências do Eixo. Um soro formulado por um cientista é testado voluntariamente em Rogers e transforma o jovem frágil em um humano perfeito, que exibe força, inteligência, resistência e vigor extremos. O soro é perdido quando um espião nazista mata o cientista, um ato que Rogers vinga com seu primeiro feito como o super-herói patriótico Capitão América (ROBB, 2017, p.90-91).

Tanto o soro quanto o canhão de raios-vita que dão vida ao Capitão América foram criados pelo bioquímico e físico alemão Josef Reinstein, que seria um codinome usado por Abraham Erskine. Independente dos nomes usados, tratava-se de um cientista judeu de origem alemã que trabalhava para o governo dos Estados Unidos durante a guerra, algo que aconteceu de fato no Projeto Manhattan, com o cientista Albert Einstein.

Enquanto a guerra acontecia o Capitão América era sinônimo de sucesso e suas HQs eram lidas no *front*, mas com o fim do conflito ele perdeu o sentido de sua existência. Assim, durante duas décadas não se falava dele. Desaparecido ao final da guerra, atirado nas águas do Ártico, onde caiu ao tentar deter o avião em que estava o vilão Barão Zemo, um nazista, ficou congelado, em animação suspensa, sendo “recontrado” em 1964, retornando à vida graças ao soro do supersoldado, que lhe deu resistência para sobreviver ao congelamento. Era o herói ideal para ressurgir no período áureo da Guerra Fria, reencarnando os valores da pátria e do capitalismo contra o inimigo “vermelho”.

Porém era preciso atualizá-lo. Então ele passou a fazer parte do grupo de super-heróis denominado Vingadores, foi envolvido em temas recorrentes dos anos 60, em especial com a luta pelos Direitos Civis, tocando em questões como intolerância, preconceito e o movimento de contracultura, tendo como auxiliar o Falcão, um dos primeiros super-heróis negros. Há que se ressaltar que o Capitão América é um super-herói que ao encarnar os valores da pátria, traz

consigo ideais como Liberdade, Igualdade e Fraternidade, presentes na formação política do país quando de sua independência. O reconhecido “Sentinela da Liberdade”, mesmo sendo um herói patriótico, viverá momentos de discordância com o governo de seu país, especialmente quando este atua de maneira a ferir os direitos individuais.

Por ter sido lançado durante a Segunda Guerra, quando o país vivia o êxtase patriótico, o Capitão América foi um super-herói de grande êxito. Um famoso editor da época, *Gardner Fox*, foi perguntado sobre a razão de criar um super-herói com características ligadas à pátria, ao que prontamente respondeu: “Se eu fosse capaz de conseguir isso com um gesto, eu pararia a guerra e toda essa idiotice de matar pessoas. Usei os poderes dos super-heróis para realizar aquilo de que não era capaz como pessoa. Os heróis eram as figuras para a realização do meu desejo de ajudar o mundo” (ROBB, 2017, p.96).

O Capitão é desde sua criação um mito inspirador, carregando em si os ideais que formaram seu país, representando a coragem necessária a um modelo virtuoso, usando como imagem um dos símbolos considerados mais sagrados de um Estado: a própria bandeira nacional, e embora seja um soldado, não usa armas de fogo para enfrentar seus oponentes.

2.8 HOMEM DE FERRO

O Homem de Ferro é um super-herói que surge no contexto da Guerra do Vietnã. Sua equipe de criação contava com Stan Lee, Larry Lieber, Jack Kirby e Don Heck. A missão que eles tinham, era a de criar um personagem que fosse odiado, mas com o tempo ele tornou-se extremamente amado pelo público, sendo um dos super-heróis mais populares da atualidade. Desta maneira, nascia mais um personagem que deveria tocar no tema Guerra Fria, comprometendo-se com a ideologia anticomunista. Mas neste contexto a Marvel era com frequência ambígua. A sua concorrente DC, era mais fiel aos valores presentes na política de seu país.

Anthony Stark teria sido enviado a um internato aos seis anos pelo próprio pai. Quando começa o ensino médio se destaca, demonstrando ser um gênio em potencial. Tão precoce foi o seu sucesso que se formou em engenharia elétrica e física, vindo a tornar-se um grande pensador e produtor de inovações tecnológicas. Aos 21 anos, seus pais morrem em um acidente automobilístico, com isso se torna herdeiro de uma grande fortuna. Tempos depois, quando for vítima de espionagem e roubo industrial, preocupado com o que isso poderia acarretar, Stark se tornará alcoólatra, um vício do qual lhe custará muito sair, além de levá-lo a perder seu patrimônio.

Na versão original, Tony Stark, como é mais conhecido o empresário, vai ao Vietnã averiguar como estão sendo usadas as suas criações no campo de batalha, em especial os transistores inventados para fins bélicos.

Durante uma visita ao citado campo de batalha, Tony é atingido no peito por fragmentos de uma granada que se alojam próximo ao coração, sendo em seguida capturado pelo vietcongue Wong-Chu. Quando recobra a consciência está encarcerado e recebe uma proposta nada sedutora do vilão. Ele pede que *Stark* use sua inteligência para produzir uma arma poderosa e que assim que a concluir será operado, o que salvaria sua vida.

Sabendo que era difícil confiar em alguém como Wong-Chu, Stark se coloca a trabalhar para construir não só a armadura para proteger seu corpo, mas também dotá-la de mecanismos que pudessem manter os estilhaços da granada longe de seu coração. Para realizar seu intento *Stark* conta com a ajuda do cientista Yinsen, um físico que era opositor ao governo comunista do Vietnã. Ambos foram mantidos prisioneiros e deveriam desenvolver a arma ordenada.

A dupla de inventores acaba criando uma placa peitoral que serviria para proteger e manter em funcionamento o coração de *Stark*. Antes que possa energizar a armadura, vê Yinsen ser morto e jura vingança. Em seguida luta contra os guerrilheiros e seu líder e os vence. Estava criado um super-herói controverso, que estaria profundamente ligado aos problemas da Guerra Fria e da Corrida Armamentista por ela desencadeada. De início Tony dizia que o Homem de Ferro era seu guarda-costas, não assumindo sua identidade heroica e com o tempo ele deixa de produzir armas, já que ele mesmo havia se tornado vítima delas. Passa a usar o intelecto para produzir invenções que estivessem mais ligadas ao pacifismo, algo que combina mais com um super-herói.

Nas histórias de superaventuras, a tecnologia aparece de forma clara – aparece no cenário das histórias através das máquinas e de outras invenções humanas (meios de transporte, arquitetura, mercadorias, etc.), nas armas e nos equipamentos utilizados pelos super-heróis; aparece também, e é uma das causas da origem dos poderes dos personagens [...] (VIANA, 2011, p.105).

A questão tecnológica, objeto de variadas e complexas pesquisas, é um dos grandes fenômenos sociais da nossa época, afinal se antes se falava em exclusão étnica e financeira, por exemplo, hoje se fala de exclusão digital ou tecnológica. Desta maneira, a tecnologia representa apenas uma parte daquilo que forma a sociedade, mas no mundo atual é uma ferramenta importante na solução de muitos problemas, e como tal não deixa de ser observada e usada dentro do universo das superaventuras, já que há muito super-heróis que usam a tecnologia na resolução de problemas, em suas vestimentas, comunicações, etc. “Com Tony Stark, Lee criou

um personagem aparentemente invulnerável que tem tudo- dinheiro, mulheres, fama ... (ele era a realização do bem-sucedido homem de negócios americano e capitalista)” (ROBB, 2017, p.150). Apesar de tudo isso, ficou limitado pelos ferimentos causados pelo conflito no Vietnã.

O Homem de Ferro é possuidor de uma armadura *high tech*, já que a mesma está em constante evolução. Se antes usava transistores, hoje utiliza chips e nanotecnologia em sua composição, portanto, é um dos super-heróis que acaba mudando mais de visual, sendo este atualizado com a evolução tecnológica. E quando Tony Stark se diz “gênio, bilionário, playboy e filantropo” ao Capitão América, acaba parecendo arrogante aos olhos de leitores e espectadores, mesmo assim se populariza cada vez mais, em especial por causa dos filmes que o têm como um de seus principais personagens.

Nos anos 80, Stark descobriu que havia sido vítima de espionagem industrial e que sua tecnologia fora vendida de forma criminosa ao governo, que comprou principalmente armas e armaduras, que se caíssem em mãos erradas poderiam causar muitos estragos. Isso o levou a atacar instalações governamentais visando destruir tais armas, algo ilegal, pois se tratava de propriedade estatal. Diante de tal situação ele vai acabar enfrentando a representação patriótica em forma de super-herói: o Capitão América. Algo que viria a se repetir nos anos 2000, quando foi criada a saga Guerra Civil, que se tornou um sucesso de vendas tão grande que acabou sendo lançada em versão cinematográfica.

A Guerra Civil coloca os dois heróis em rota de colisão, já que diferente de outros momentos o Homem de Ferro se alinha às determinações governamentais, pedindo que outros super-heróis revelassem a sua identidade secreta e se registrassem junto ao governo, atendendo àquilo que o Estado determinasse quanto às suas ações. O Capitão América vai se opor a isso, pois ao revelar a identidade de seu *alter ego*, os super-heróis poderiam colocar em perigo seus parentes e amigos e porque esta questão fere um dos pilares constitutivos dos Estados Unidos: a liberdade.

Ainda nos cinemas como parte das constantes atualizações a que um super-herói tem que ser submetido, o Homem de Ferro tem sua origem recontada no contexto da guerra do Afeganistão, caindo em poder dos radicais jihadistas ali existentes, o resto segue um *script* similar ao roteiro original da HQ dos anos 60.

O que levou um super-herói cujo *alter ego* era famoso por ser um mulherengo, frequentador de festas, genial e arrogante a mudar de atitude e se comportar como um homem de ações mais corretas foi a tomada de consciência de que as armas que produzia, embora pudessem ajudar a manter o seu país na dianteira política e econômica frente a outros povos, causavam a morte de muitos inocentes e foi também isso que o conduziu ao alcoolismo como

uma forma de expiar a sua culpa pelos próprios atos. Depois que resolveu seus problemas, *Stark* passou a ter atitudes melhores, mesmo que algumas ainda sejam controversas, o que o colocou entre os grandes super-heróis das HQs e do cinema.

Quando há um aprofundamento no estudo de temas como ética e superaventuras, é possível perceber que a história das ideias que as destacaram e buscaram uni-las, tiveram o cerne na questão da violência e que meios empregar para evitar e controlar tal mal. Infelizmente também há violência quando se trata de combatê-la, mas há que se dizer que os heróis aqui mencionados não usam armas de fogo e tradicionalmente lutam pela preservação e respeito à vida. Aqui também podemos perceber a relação das ações dos personagens que destacamos neste trabalho e sua forma de combater a violência, na tentativa de criar um mundo menos injusto, onde o fraco não seja submetido pelo mais forte.

O mundo da superaventura é tomado pela violência, semelhante ao que acontece na sociedade. Porém, nos quadrinhos, a solução dessa violência é facilitada com a presença dos super-heróis. Nesse sentido, a insegurança vivida na prática pelas pessoas torna-se segura no mundo da superaventura, onde o super-herói sempre aparece naqueles momentos de desespero de uma pessoa. O que não quer dizer que seja suprido o desejo da maior parte da sociedade pela solução prática da violência, mas é proporcionada uma falsa sensação de segurança quando é criada a ideia de que não se está sozinho frente às profundas contradições dessa sociedade, pois o super-herói sempre aparecerá para salvá-la do crime ou de situações que coloque sua vida em risco (VIANA, 2011, p.106).

No combate à violência, mesmo o super-herói teria certas limitações, pois não poderia abusar de seus poderes nem burlar a lei. “Esta circunscrição da consciência possibilita interpretar a ação dos super-heróis como conservadora, quando enfatizam a manutenção da ordem” (VIANA, 2011, p.106). Muitas vezes ao criar uma história o roteirista não concorda com as ocorrências diárias de sua sociedade, então temos uma segunda possibilidade de visualização do tema, já que: “Por outro lado, a ação dos super-heróis pode ser, ao mesmo tempo, contestadora, no momento em que demonstra ser possível uma solução para problemas sociais que não seja fruto da ação do Estado” (VIANA, 2011, p.106). Vemos então que nos quadrinhos, a solução dos problemas passa pela ação do super-herói, e muitas vezes não só, como já citamos o exemplo do Superman, que luta contra o mal, e seu *alter ego*, Clark Kent trabalha como repórter, informando e ajudando de maneira diferente do super-herói por ele vivido.

Claro que isso, infelizmente, fica no plano ideal, uma vez que hoje é possível ver a figura dos super-heróis gerar bilhões em lucros às suas empresas, mas também sua imagem sendo usada para atitudes positivas, como campanhas para ajudar crianças enfermas, campanhas de

vacinação e até mesmo a sua possibilidade de uso para difundir o conhecimento sobre ações positivas seja nas HQs, no cinema e até mesmo na escola, já que esses personagens permitem uma gama de usos para tratar de questões ligadas ao campo das ações humanas.

Como criações das indústrias culturais, os super-heróis contêm elementos arquetípicos, como a força e o reconhecimento à justiça que defendem e restauram com afinco. Os super-heróis encarnam medos e ideias das sociedades contemporâneas, pois retomam formas míticas, que, mediante algum sortilégio tecnológico, conjuram as forças destruidoras que põem em perigo a existência humana e a ordem cósmica (VIANA, 2011, p.122).

Através das superaventuras se pode notar também, que para que haja uma conduta ética, precisamos despertar em cada um de nós a própria consciência, já que é ela que nos leva a discernir entre o bem e o mal, o permitido e o proibido, o correto e o incorreto, a virtude e o vício. Nossa consciência moral reconhece as diferenças e é capaz de julgar o valor de cada ação e conduta, permitindo que nossas ações estejam em conformidade com os valores morais existentes na sociedade em que vivemos. É exatamente a consciência moral destes personagens fictícios que nos permite analisar seus erros, acertos e tê-los ou não, como exemplo a ser seguido, não porque possamos replicar seus poderes, mas porque podemos tomar atitudes cada vez mais corretas em nossas ações cotidianas. Assim, o que pode se desenvolver é o conceito de autonomia, usando os super-heróis como exemplo, praticando e imitando o que é bom, com o intuito de também se tornar uma boa pessoa.

Em um mundo onde abundam exemplos de maldade, o idealismo é o primeiro passo para rumar em direção à prática, como se uníssemos Platão a Aristóteles e as virtudes encontradas nos diferentes super-heróis. Procurando associar a conduta destes superseres à prática educativa fica demonstrado que o sentido da ética e da moral é de complemento entre teoria e prática, já que elas guiam as ações humanas, determinando entre outras coisas o caráter e as virtudes de cada um, levando as pessoas a fazer escolhas certas, já que nos ensinam a melhor forma de atuar e de nos comportar frente às vicissitudes cotidianas. Assim é possível confirmar tais ideias nas palavras de Viana (2011, p.130), para quem:

Os super-heróis dizem respeito a todos nós: a nossos medos, a nossas habilidades, e nos trazem alento principalmente nos dias atuais, em que vivemos momentos de mudança de valores, fragmentação do conhecimento e perda das instituições sociais tradicionais. Os relatos dos super-heróis nos dizem muito sobre que tipo de sociedade temos, pois como indivíduos excepcionais e dignos de admiração eles personificam as qualidades que mais admiramos ou desejamos em nós mesmos.

As superaventuras congregam elementos naturais e sobrenaturais, reais e míticos e esta

associação acaba oferecendo aos seus leitores e espectadores uma visão que dá a possibilidade de analisar as ocorrências cotidianas de forma crítica. Esta, entre outras questões, seria uma das justificativas do sucesso e admiração despertados pelos super-heróis, gerando a possibilidade de diferentes olhares sobre suas ações, demonstrando seu valor em um mundo tão cansado de maldade e intolerância.

CAPÍTULO III - O HEROÍSMO: UM MODELO DE VIRTUDE LITERÁRIA E REAL

As virtudes eram apresentadas em destaque no pensamento grego. Inicialmente a poesia épica as destacava como aquilo que qualificava e marcava a presença do herói e a sua jornada. Com o advento da pólis e o engrandecimento da cultura grega, veremos muitos setores ligados ao pensamento se desenvolverem de forma mais intensa. Desta maneira, a filosofia passaria a analisar esse avanço, tratando de temas ligados à política, as artes e a convivência coletiva. Foi através do estudo de ética que Platão estabeleceu em seus diálogos que as virtudes serviriam para levar o homem a caminho de ações que segundo fins e valores, formavam parte daquilo que se almejava como a prática da excelência humana, a *areté*, para a qual o homem era educado e formado integralmente.

Na época da poesia homérica o ideal buscado era ser um *áriston*, ou um excelente guerreiro, com isso alcançar a *areté* e possuir um corpo perfeito e ter a coragem com sua maior virtude, mas tudo isso se devia ao fato de ser uma sociedade baseada na nobreza e na guerra. Com o advento da pólis esta *areté* teria novos valores acrescentados, afinal se tratava de uma sociedade urbana, onde a preocupação era formar bons cidadãos. São os tempos em que a educação grega passa por alterações. Platão foi “o primeiro a encarar a essência da filosofia como formação de um novo tipo de Homem” (JAEGER, 2013, p.190). E será essa importância pedagógica de Platão e sua ética, baseada nas chamadas virtudes cardeais, que nos importam para pesquisar e questionar os alunos acerca de como veem tais características.

A coragem, a temperança, a sabedoria e a justiça eram as virtudes destacadas por Platão em sua época, mas vale também lembrar que o mundo atual aparentemente se torna mais carente de pessoas virtuosas. Essa força, chamada virtude, que segundo Platão surgia da alma e levava o homem a praticar boas ações, desde o advento da Revolução Industrial e a consolidação do sistema capitalista vem colocando em pauta na vida humana a necessidade de possuir bens materiais, relegando a um segundo plano as concepções de bondade e cuidado com o outro, já que o ser hoje é de pouca valia frente ao ter. Platão dividia a alma em três partes, colocando a parte racional, situada na cabeça, como aquela que domina o conhecimento, como sendo a mais importante. As outras duas seriam a função colérica e a apetitiva, a primeira ligada à ira e a segunda aos prazeres. A tarefa ética da parte racional seria “dominar as outras partes e harmonizá-las com a razão” (CHAUÍ, 2002, p.295).

Assim, a tarefa da filosofia na atualidade é oferecer aos jovens um modelo de educação que ajude a reforçar os valores existentes no interior humano, seu caráter, aquilo que marca sua conduta e neste quesito os super-heróis podem ser usados como modelo devido às suas

ações virtuosas e por serem objeto da cultura de massa. As práticas escolares podem utilizá-los como instrumento de apelo à reflexão e à prática do que é considerado correto. Neste contexto, as aulas de filosofia, no campo da ética, devem ter a preocupação de “formar bons corações” e instigar a mente dos estudantes à prática do correto, mesmo em um mundo em que parece que o sentido de ser humano se perdeu, por isso está cheio de problemas relativos a questões éticas e morais.

Se analisarmos o que já foi dito ao longo deste trabalho acerca do pensamento de Platão e Aristóteles, entenderemos que a educação deve formar para a prática do bem comum, colocando em destaque o exemplo moral, algo que encontramos nas superaventuras, onde os super-heróis se destacam por pensar e agir em favor do coletivo. Este gênero literário permite a união entre o pensamento, a palavra e ação, e se torna marcante na formação humana dos jovens, já que está cheio de bons exemplos.

A escola, assim como suas práticas pedagógicas podem permitir o uso das superaventuras em diferentes disciplinas, uma vez que se trata de um gênero que mescla aquilo que o homem produz de melhor, seja na história, na filosofia, na literatura ou em outras áreas do saber. Através delas poderemos fazer análises acerca das virtudes, seja voltando no tempo passado e no que diziam os filósofos, seja nos dias de hoje, nos quais o jovem observa os acontecimentos cotidianos e precisa tomar posições frente a estes.

Na Antiguidade as virtudes eram vistas como algo que se devia ter, e ao possuí-las o homem engrandecia o seu caráter, tornando-se digno de servir de exemplo aos outros. Assim Homero e Hesíodo destacaram heróis e deuses em seus poemas, a *paideia*, o ideal grego de formação íntegra do homem serviu aos preceitos da pólis, a literatura em momentos posteriores criou os seus heróis, desta maneira, no século XX, com o avanço da tecnologia, as guerras e a decadência moral dos povos, o que se viu foi o surgimento de super-heróis destinados a mostrar aos leitores e espectadores tudo aquilo que a humanidade pode ter de melhor em seu interior e também colocar em prática seus bons ideais.

Trabalhar com os jovens e suas percepções acerca das virtudes e dos valores morais é mergulhar na tarefa central da educação: auxiliar na formação do caráter do homem para o convívio em sociedade. É como usar um antídoto para combater as “trevas” do momento em que vivemos, onde os vícios se destacam mais que as virtudes, assim, o uso das superaventuras serve ao propósito de inculcar bons modelos, mesmo que estes sejam advindos da ficção, pois o mundo real na atualidade tem oferecido muito pouco nestes termos.

Ao se fazer uma proposta de trabalho como esta, em que se destaca a figura dos super-heróis, precisamos analisar o que este conceito representa no imaginário humano, desde a

Antiguidade, pois lá se destacavam deuses, semideuses e heróis, que eram reconhecidos por sua bravura, astúcia e total desprezo pela morte, quando chamados a cumprir um dever.

Quando se analisa as superaventuras é possível observar que estas estão povoadas de seres, que através da ficção carregam muitos dos dilemas, desejos, sofrimentos e tragédias vividos cotidianamente por pessoas comuns. Como já dito, desde os tempos antigos, as histórias que narravam os feitos dos heróis trouxeram consigo um padrão psicológico e de conduta moral, que muitos homens gostariam de possuir. Assim, um dos que aparentemente melhor descreveu essa situação foi Maquiavel (2014, p. 57), que em seu *O Príncipe*, disse: “[...] os homens trilham sempre os mesmos caminhos trilhados por outros, agindo por imitação; mas é impossível seguir à risca os caminhos daqueles que os precederam ou equiparar a virtude daqueles que se procura imitar”. Em consequência deste pensamento, se torna difícil negar o apelo da mensagem transmitida pelos super-heróis aos jovens, uma vez que eles trazem consigo uma fantasia adolescente de poder que inspira e causa admiração em muitas pessoas, inclusive nos adultos, pois a visão que se tinha antigamente de que se tratava de um passatempo de adolescente foi evoluindo com o passar do tempo e hoje as superaventuras são feitas pensando em um público que do ponto de vista etário, já amadureceu. No entanto, nossa perspectiva está centrada no jovem, já que “ênfatisa que o desenvolvimento moral implica no desenvolvimento das capacidades emocionais e sociais” dele, e assim lhe permite diferenciar “uma conduta boa de uma má”, desenvolvendo “hábitos corretos” e amadurecendo “o interesse e a consideração em direção à responsabilidade para o bem-estar e aos direitos dos demais, expressando afeto, atenção, compaixão e amabilidade para com todos” (VIANA, 2011, p.134).

Na Antiguidade o que se via através da poesia era que o papel de figura que instruía e inspirava recaía sobre os heróis mitológicos. Quando os poetas narravam suas façanhas, muitos se detinham a ouvi-las. Mas a invenção da escrita e o avanço do pensamento racional, como já dissemos anteriormente, fizeram ocorrer a queda dos mitos como forma de ensinamento. Mesmo assim, o homem constantemente precisou de símbolos para manter ideais vivos em si. Com o avanço da tecnologia surgiram os mitos em versão mais atualizada, trazendo consigo a defesa de ideais mais pertinentes ao mundo moderno. Ideais que mantêm acesos os valores humanos mais básicos e altruístas, como ajudar o mais fraco diante das injustiças do cotidiano. Assim, “este processo caracteriza-se pela transmissão de elementos culturais e de valores imprescindíveis, como a justiça, a liberdade, a igualdade, a solidariedade e toda e qualquer forma democrática de convivência” (VIANA, 2011, p.134).

O heroísmo, assim como a filosofia, teve seu berço na Grécia antiga. Por isso, ao procurar definir tal conceito, encontramos uma variedade de qualidades que se aplicam na

definição de tal ideal. Na sua obra *Crátilo*, Platão (1973, p.139) define o herói como provindo de Eros, “tendo havido apenas uma pequena modificação no nome”. Partindo deste princípio, os heróis seriam semideuses, já que: “Todos nasceram ou do amor de um deus a uma mulher mortal, ou do de uma deusa a um homem”. Aristóteles (apud ABBAGNANO, 2007, p.498), dizia que “deuses e heróis se diferenciavam dos homens pela valentia física e pelas qualidades da alma”. Para Reblin (2008, p.110): “Heróis são seres humanos com habilidades extraordinárias, dentre as quais se destaca a coragem”. Neste caso o autor se refere aos heróis da história, alguém como Tiradentes, por exemplo. “Já o super-herói possui poderes sobre-humanos - é considerado, na maioria dos casos, sobre-humano – e está inserido num gênero chamado de superaventura” (REBLIN, 2008, p.110).

Outras definições ainda poderiam ser somadas a estas, já que os heróis possuem muitas qualidades. Retomando o que disse Maquiavel anteriormente, poderíamos comparar os heróis do mundo real às fontes de inspiração literária, já que temos vários exemplos positivos de pessoas que se dedicam a melhorar a vida em comunidade, oferecendo seu sacrifício pessoal em favor de outros, caso por exemplo de professores, médicos, bombeiros, entre tantos outros profissionais. Se eles se tornam exemplos, acabam por auxiliar na elevação intelectual, moral e até espiritual de outros seres humanos.

No mundo atual as pessoas acabam colocando interesses individuais sobre os coletivos, já que é preferível levar uma vida de prazer e conforto a fazer qualquer tipo de sacrifício em favor da coletividade, então, se em algum momento se imaginou que ter heróis é a demonstração de fraqueza ou idolatria por parte de um povo, se sabe que na verdade estes homens são necessários, porque eles são capazes de inspirar e conduzir a humanidade na busca pela formação de uma sociedade mais consciente e esclarecida. Os heróis do cotidiano são importantes na realização da tarefa de criar um mundo mais humano.

Nas aventuras em quadrinhos, no cinema ou nos seriados, as ações dos chamados super-heróis são similares às dos seres humanos altruístas, que se preocupam com a melhoria da convivência em sociedade. Os superseres foram criados no intuito de ajudar os outros, fazendo sacrifícios por pessoas que nem conhecem. Eles ainda se destacam pela luta em favor do bem e do correto.

Ainda sobre o tema do sacrifício de heróis e super-heróis, podemos observar que esta é uma virtude pouco usual em nossa sociedade, não porque não haja pessoas que desejam e praticam o melhor, mas porque a mídia e as redes sociais parecem valorizar mais os acontecimentos trágicos que qualquer situação humanitária. As pessoas veem o sacrifício como algo custoso, que pode reduzir momentos de descanso e lazer, quando na verdade o que vale é

o prazer para uma sociedade egoísta, consumista e hedonista. Sacrifício não combina com uma sociedade mergulhada em seu próprio comodismo, que pensa que o melhor a fazer é omitir-se quando o dever chama. Um sacrifício requer autodisciplina, e esta unida a ele compõe parte do importante “arsenal das qualidades humanas desejáveis”. Já que “poder sem autodisciplina ou é desperdiçado ou é perigoso” (IRWIN, 2009, p. 27). O poder é complexo de se analisar, justamente porque é algo que parece que quanto mais se obtém, mais se deseja “ter”, tornando os homens mais ávidos por sua posse e busca, fazendo-os defender apenas interesses próprios e ignorar as necessidades alheias.

Os super-heróis são personagens que inspiram e motivam, por isso, parafraseando Platão, podemos dizer que o bem é atraente por natureza, e que as boas ações dos personagens servem de guia para leitores e espectadores.

Segundo Irwin (2009, p.28):

[...] desde a nossa infância até a idade adulta, os super-heróis podem nos lembrar da importância da autodisciplina, do auto sacrifício e de nos devotarmos a algo bom, nobre e importante. Eles podem ampliar nossos horizontes mentais e apoiar nossa determinação moral, enquanto nos entretêm.

Quando falamos de questões éticas, temos que analisar e até concordar com o que disseram alguns filósofos, em especial Aristóteles, de que somos criaturas de hábitos, e é por meio de bons exemplos que aprendemos e difundimos o que é bom e correto. Como os super-heróis se caracterizam por suas ações corretas e solidárias, acabam por se tornar modelos positivos. Nesse contexto, segundo Viana (2011, p.181):

Poderíamos dizer que a jornada do herói dramatiza o percurso da reflexão ética, isto é, elabora em termos psíquicos e sociais o processo reflexivo sobre as moralidades, seja pela reafirmação do significado dos códigos vigentes (atitude moral), ou pela contestação dos mesmos (atitude imoral).

3.1 ESTUDO DAS VIRTUDES CARDEAIS NOS SUPER-HERÓIS PELO OLHAR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Com a popularização de figuras fictícias tão cheias de virtudes, o que se pode fazer para analisar questões de ética, justiça, bondade e respeito pelo outro é aproveitar-se do momento favorável e do acesso frequente que os alunos têm aos super-heróis, seja através das histórias em quadrinhos, tv ou cinema, auxiliá-los na observação das ações destes personagens e se de alguma maneira eles podem ajudar na formação moral dos estudantes, uma vez que tais

personagens são amplamente conhecidos. Desta forma, as superaventuras, mesmo trazendo personagens que têm um apelo mercadológico, podem servir de instrumento de apoio pedagógico, de início incentivam o processo de leitura, depois podem ser usadas como ponto de reflexão, já que muitas destas aventuras trazem vários tipos de questionamentos sociais, históricos e filosóficos. Para Campaner (2012, p.67), “o aspecto principal do ensino de Filosofia é o incentivo à reflexão autônoma. O que fazemos é fornecer aos alunos os instrumentos para que possam desenvolver em si mesmos esse comportamento”.

A difusão de ideias positivas em um mundo em que os alunos são informados diariamente de ações negativas que acontecem dentro dos diferentes grupos sociais, o surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação, que levam a questionamentos sobre como se deve usar tais ferramentas, a crescente necessidade de evolução dos procedimentos didáticos que atendam os sujeitos que formam parte do processo educativo, são ocorrências que fazem com que o profissional de educação tenha que explorar diferentes abordagens que permitam a apropriação do conhecimento de forma mais concreta e alicerçada dentro de parâmetros que estimulem simultaneamente várias instâncias da consciência do discente, provocando constantes construções e desconstruções de saberes a partir da interação com problemas dinâmicos, que permitam testar e avaliar soluções diversas diante de um mesmo problema. O estudo de ética permite que tais ocorrências se tornem realidade na sala de aula, pois a sociedade é muito dinâmica e plural, o que eleva o nível de consciência dos estudantes com relação aos acontecimentos do cotidiano. A abordagem que propomos é temática. Mas também sabemos que esta não está isenta de problemas, já que como dissemos anteriormente, as superaventuras não tiveram vida fácil. Já foram acusadas de infantilizar e alienar, já foram censuradas em muitos momentos, mas ajudaram a manter viva a ideia por trás do heroísmo, mesmo com uma versão mais atualizada. Essa negatividade no tratamento ao tema pode vir da superficialidade com que sempre é tratado ou da falta de mais estudos em diferentes níveis. Assim, entramos na casa dos desafios que movem o ensino de filosofia, já que como disse Campaner (2012, p38): “Ensinar Filosofia não é somente transmitir os conteúdos filosóficos prontos, mas ensinar a filosofar”. E ensinar a filosofar não tem uma maneira pronta, há sim uma ampla gama de possibilidades para se chegar ao ponto desejado.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) também ressaltam a importância dos recursos didáticos tendo como enfoque a aprendizagem sob um ponto de vista mais amplo, que leve o aprendiz a superar a fixação pura e simples de conteúdo e valorizem a sua capacidade de aprender, bem como argumentar sobre algo que se reflete em sua vida cotidiana. O delineamento de estratégias didáticas deve contribuir para que o estudante possa ampliar sua

cultura geral a partir de seus conhecimentos prévios, com isso, o aprendiz desenvolverá suas capacidades de problematização, conceituação, argumentação e entendimento do que é trabalhado em sala de aula, em especial quando se usa metodologia em que ele é ativo no processo de aprendizagem.

Será preciso conceber estratégias didáticas que facilitem a superação da distância existente entre as exigências teórico-epistemológicas do saber filosófico e a formação educacional de boa parte dos alunos oriundos dos segmentos sociais menos favorecidos, justamente os que mais precisam de ajuda ou intermediação com vistas ao seu aprimoramento intelectual (RODRIGO, 2009, p. 3-4).

A Filosofia, como disciplina, tem a prerrogativa de servir de suporte para que o discente melhore sua capacidade reflexiva, observando mais atentamente detalhes do cotidiano. Dentre estes detalhes, a ética é aquilo que mais pode ajudar no aperfeiçoamento da convivência em grupo, sendo um facilitador para o entendimento de questões cruciais, muitas vezes abordadas em obras fictícias e também em situações da vida real. Assim, o saber filosófico para ser verdadeiramente construído precisa da participação intensa de alunos e professores, para que os reflexos deste trabalho possam ser sentidos futuramente na sociedade.

Portanto, do ponto de vista instrumental, a didática da filosofia deve perseguir, em termos gerais, uma dupla finalidade:

- Criar mediações pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem;
- Promover a transição para a construção da capacidade de pensar por conta própria, de modo que o estudante consiga gradativamente dispensar mediações heterônimas, construindo, ele próprio, suas mediações com a filosofia (RODRIGO, 2009, p. 26).

Foi pensando nisto que decidimos usar com os alunos uma metodologia de questionário para que pudéssemos ver seu nível de opinião acerca da presença ou ausência das virtudes cardeais nas ações dos super-heróis e se eles de fato se identificavam com as mensagens passadas por tais personagens. Durante este processo, solicitamos aos alunos das 1as séries A e B que participassem voluntariamente para a elaboração de um entendimento que poderia ser observado a partir de suas respostas. A escolha se deu com estas salas por dois motivos: primeiro, que em uma escola técnica, não sendo Etim (Ensino Técnico Integrado ao Médio), os alunos não têm aulas de Ética e Cidadania Organizacional, já que são parte do ensino regular. Segundo, pelo fato de que as Bases Tecnológicas (conteúdos), que se referem ao ensino de ética estarem entre os 2os e 3os anos, assim, pudemos usar o questionário em salas que não tinham visto tal parte do conteúdo da disciplina de Filosofia.

A proposta curricular da escola sugere que sejam discutidas questões socioculturais e

usadas variantes metodológicas que se centrem na reflexão sobre conhecimentos prévios por parte dos alunos. A partir disso, os professores podem sistematizar em suas práticas e na explicitação da natureza dos processos de aprendizagem que eles próprios vivenciam, situações que criem condições para aprimorar sua atuação na sala de aula, facilitando a absorção e produção do conhecimento por parte do estudante.

Apesar disso, se sabe que é bom adotar novos recursos pedagógicos frente aos desafios que permeiam o ensino da filosofia, algo que se contrapõe à crescente necessidade de observar o aluno como sujeito principal no processo de ensino e aprendizagem, que agora, pertencente à geração da interatividade e informação, não consegue ser satisfeito com a mera recepção de conteúdo, mas necessita ser conduzido a um contínuo processo desafiador, motivador, que o encaminhe à experimentação, especialmente àquelas que de alguma forma se relacionam à sua vida cotidiana. Assim, a função do trabalho com filosofia no Ensino Médio tem como prerrogativa a formação de alunos motivados e ativos diante do processo educativo. Uma vez que não basta transferir conhecimentos, é necessário saber motivar a construção de novos saberes, ou como disse Freire (1996, p. 52):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Se partimos desta ideia, devemos analisar que o importante não é só o saber do professor, mas como ele pode ajudar o aluno a construir o conhecimento com o saber que já possui. Neste caso, as atividades que desenvolvemos visavam fazer uso deste conhecimento prévio por parte do aluno, pois sendo membro de uma sociedade tecnológica e apreciador daquilo que a cultura de massa propõe, este estudante tem um certo grau de maturidade para analisar o que lhe é proposto. Um tema como as superaventuras pode ajudar nessa maturação do aluno, pois o desenvolvimento da reflexão tem, segundo Rodrigo (2009, p.56): “a capacidade de problematização filosófica diante do real, na medida em que permite ir além do sentido comum e aparente das coisas, assim como colocar em questão a multiplicidade e variação das opiniões humanas”. Desse modo, o ensino de filosofia deve se preocupar em despertar no aluno uma atitude de indagação, não de aceitação de tudo sem o exercício da reflexão e da pergunta.

Neste sentido, pensando no foco deste trabalho: ensino de filosofia e de conceitos existentes na ética por meio do uso da figura dos super-heróis, buscamos atrair a atenção do estudante para os problemas discutidos pela disciplina, que se encontram em pauta neste tipo

de arte. Dessa maneira, se faz necessário atribuir ao aprendiz um juízo de valor sobre o ensino de ética e de como esta se faz presente em sua vida cotidiana.

O processo de ensino, ilustrado por meio do uso de filmes ou histórias em quadrinhos, cria um novo ambiente de interação que pode estimular, tanto o professor no que tange à pesquisa e diversificação de suas técnicas, quanto o aluno, no que se refere ao vislumbre de uma maior possibilidade de aplicação do conhecimento.

Partindo desta dificuldade em ultrapassar a barreira imposta pelos desafios que permeiam a utilização de novas metodologias, é possível averiguar se elas ajudam a aumentar a confiança por parte de professores e alunos na execução de atividades que engrandeçam o processo de construção do conhecimento.

Por se tratar de uma escola técnica, que possui modalidades de Ensino Médio regular e técnico, os conteúdos ministrados em Filosofia devem ter uma visão relacionada às questões antropológicas e às distintas visões sobre o ser humano. Dentro desta perspectiva, o pensamento filosófico de Sócrates, Platão e Aristóteles se faz bastante presente. Os alunos da variante de Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM), como mencionamos anteriormente, ainda contam com aulas de Ética e Cidadania Organizacional durante o 1º ano, disciplina mais voltada para a questão ética no exercício da profissão.

3.2 RESULTADOS DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho de pesquisa com os alunos, contamos com duas classes de Ensino Médio regular (1ºs A e B). No total foram consultados 73 alunos destes grupos, no dia 07 de novembro de 2019. Em primeiro lugar vamos analisar os dados quantitativos, que são os que seguem.

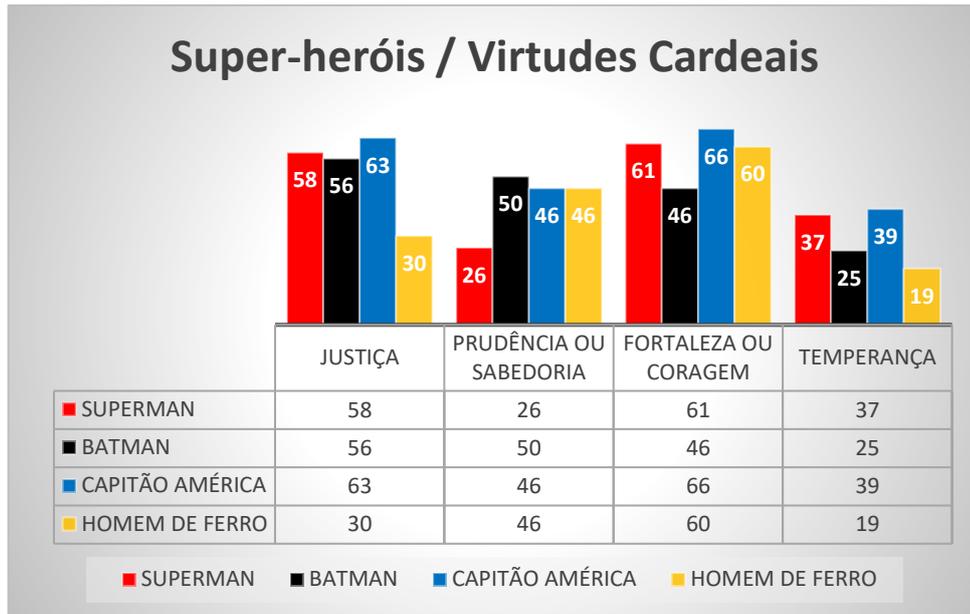


Gráfico 1: A relação super-heróis e as respectivas virtudes cardeais que possuem, segundo os alunos.
 FONTE: PRÓPRIO AUTOR, 2019.

O Superman e o Capitão América são super-heróis que personificam o jeito americano, justamente por terem sido criados em um momento de crise e em uma situação que antecedia a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra, são seres que possuem uma série de virtudes, que não estão ligadas a isso, mas à concepção com as quais foram criados, como seres capazes de ações superiores. Duas espécies de *Übermensch*, um cujo nome é a tentativa de tradução literal do conceito desenvolvido por Nietzsche, o outro é uma espécie de homem superior dos Estados Unidos, usado como instrumento de propaganda contrária ao nazifascismo, um autêntico supersoldado. “No início da década de 1940, a Segunda Guerra Mundial colocou esses super-heróis americanos em ações patrióticas, muitas vezes enfrentando pessoalmente o pesadelo Adolf Hitler” (ROBB,2017, p.79). Mas além de serem patriotas, estes heróis ainda carregavam a ideia da manutenção da ordem. “Ao defender a sociedade americana dessas ameaças externas, os super-heróis no período da guerra se viram defendendo o *status quo* das classes dominantes” (ROBB, 2017, p.87). Apesar disso, as superaventuras se tornaram um espécie de “armazém de mitologia” de nosso tempo, atingindo milhões de pessoas ao mesmo tempo, em especial os jovens, que os viam em alguns momentos como símbolos de aspirações de rebeldia contra o sistema, e isso de fato aconteceria nos anos 60, no contexto das lutas pelos Direitos Civis e da contracultura. Para Feijó:

De qualquer forma, os super-heróis se incorporaram aos mitos de nosso tempo, desenvolvendo-se num contexto de concentração econômica e alienação, mas menos perigosos do que muitas vezes se supõe. Ou seja: não dá para igualá-los aos mitos das sociedades primitivas pela simples razão de que nessas os indivíduos tinham seus

heróis como reais (só que num outro tempo e espaço), ao passo que todos nós sabemos que os super-heróis são frutos de uma indústria altamente lucrativa [...] (1984, p.92).

Entender de forma coerente a mensagem do universo ficcional das superaventuras requer um olhar que leve em conta o fato de que, embora produzidas atendendo as demandas do capitalismo, se trata de uma forma de arte, e como tal, visa não apenas entreter, mas também instruir, ou seja, apesar de serem produtos que geram lucro, também podem ser usados como recurso metodológico, já que há uma ampla gama de narrativas e diferentes tipos de personagens, que podem atender como já mencionamos, as diferentes disciplinas do currículo escolar.

É possível ao homem carregar em si o desejo de melhorar, de se superar. Se na Antiguidade se buscava honra, glória e força, na atualidade o dinheiro já é suficiente para se obter tudo o que mais se deseja. Segundo a apreciação dos alunos, o Capitão América e o Superman são os dois super-heróis que mais personificam o conceito de justiça. Eles são dois superseres que abraçam a ideia do justo, procurando respeitar as leis, colocando-se como auxiliares delas, não sobre elas. O Batman é um super-herói que se coloca acima da lei em alguns momentos, já que quando os instrumentos legais não funcionam, ele toma a justiça em suas próprias mãos, chegando às vias de vingança, como já foi citado anteriormente. O Homem de Ferro começou como fabricante de armas para o país que tinha um dos maiores arsenais bélicos do mundo e mesmo quando passou a atuar em favor do desarmamento, colocou-se contra os próprios colegas, atuando de maneira a que houvesse o registro governamental dos super-heróis, algo que os obrigaria a revelar suas verdadeiras identidades e o fez confrontar-se com o Capitão América, que mesmo sendo um herói patriota, colocou-se contra o registro obrigatório dos super-humanos por parte do governo, algo que feriria o ideal de liberdade²⁰ defendido pelo patriótico super-herói, conhecido como o Sentinela da Liberdade. Estes eventos foram narrados na HQ Guerra Civil, que deu origem ao filme correspondente, conforme já dito.

No conceito prudência/sabedoria, o Batman e a dupla Homem de Ferro e Capitão América foram melhor analisados pelos alunos. No caso dos dois primeiros, há uma grande probabilidade de que essa escolha se deriva do fato de ambos serem industriais e inventores dos instrumentos que usam em sua missão de combate ao mal. O Batman com uma ampla variedade de instrumentos tecnológicos e o Homem de Ferro e sua armadura com a mais alta tecnologia,

²⁰ “Condição daquele que é livre. Capacidade de agir por si mesmo. Autodeterminação. Independência. Autonomia. Em um sentido político [...] é o exercício, por um indivíduo, de sua cidadania dentro dos limites da lei e respeitando os direitos dos outros. Em um sentido ético, trata-se do direito de escolha pelo indivíduo de seu modo de agir, independentemente de qualquer determinação externa (JAPIASSU, 2006, p.168-169).

constantemente atualizada. Desta forma, a inteligência criativa de ambos foi associada à virtude da sabedoria. No caso do Capitão América podemos pensar que suas ações aparentemente equilibradas e baseadas no bom senso tenham servidos para a avaliação que conseguiu, já que o Sentinela da Liberdade não faz uso de instrumentos tecnológicos de última geração. O corpo do Capitão é fruto de uma mudança causada pela ciência, tornando-o uma “espécie” de arma, complementada por um escudo que lhe foi “entregue” pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, em 1941, ano de criação do personagem, durante a Segunda Guerra Mundial. O Superman não utiliza instrumentos que sejam desenvolvidos a partir do uso da tecnologia. Ele próprio é uma “arma”, cujos poderes são obtidos a partir da exposição ao sol.

No que se refere à virtude denominada coragem, os super-heróis mencionados neste trabalho foram bem avaliados, afinal não há como ser um personagem heroico sendo covarde. Mas chama a atenção o fato de mais uma vez o Capitão América ser o modelo mais apreciado. Ele é apenas um humano comum, que teve o corpo transformado pelo “soro do supersoldado”, alguém que durante a Guerra Civil não teve medo de enfrentar o Homem de Ferro e sua armadura tecnológica.

O Superman é altamente poderoso, alguém que tem que controlar estes poderes para não ferir aos demais, com tudo isso é uma figura destemida quando o assunto é ajudar a quem precisa. O Batman, assim como o Capitão América, é apenas alguém comum, que usa o dinheiro que possui para combater o crime. Ele é um homem que treinou o corpo e a mente para enfrentar os momentos difíceis. Apesar de ser um humano cujo treinamento físico e mental o colocaram no caminho do agir contra os criminosos de Gotham, os alunos não o consideraram o mais corajoso, ficando atrás até mesmo do Homem de Ferro, que é um super-herói por causa de sua armadura. Na comparação entre Superman e Batman, o Homem de Aço foi considerado mais corajoso, mesmo sendo altamente poderoso, algo que se aproxima de uma contradição, se julgarmos a humanidade do Batman frente a alguém que é quase um deus.

Quando se fala de temperança os super-heróis mais idealistas se destacam frente aos práticos. O Capitão América e o Superman transmitem a ideia de um temperamento equilibrado, seres que apesar de sua força não se alteram diante dos perigos.

O Batman e o Homem de Ferro não transmitem esta imagem temperante porque o primeiro é sombrio, algo próprio de suas narrativas, passando em alguns momentos, a ideia de que se a justiça não for feita, haverá espaço para a vingança. O segundo é visto como alguém que, embora seja genial, transmite a ideia de arrogante e petulante. Os dois super-heróis são na verdade homens milionários, que usam seus recursos para estarem se atualizarem com frequência no que se refere às inovações tecnológicas.

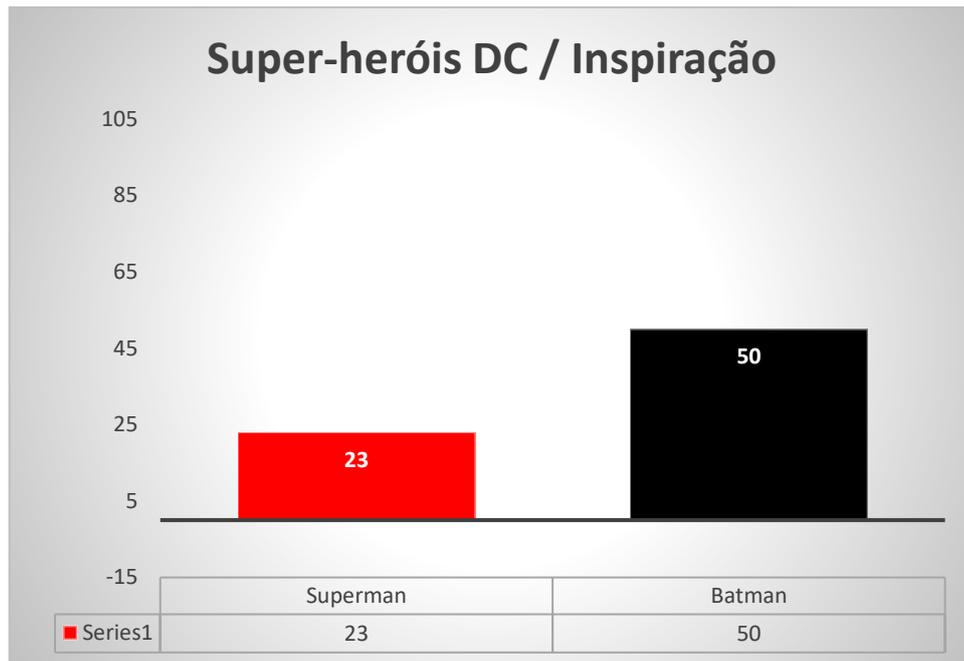


Gráfico 2: Os super-heróis da DC como fonte de inspiração.
 FONTE: PRÓPRIO AUTOR, 2019.

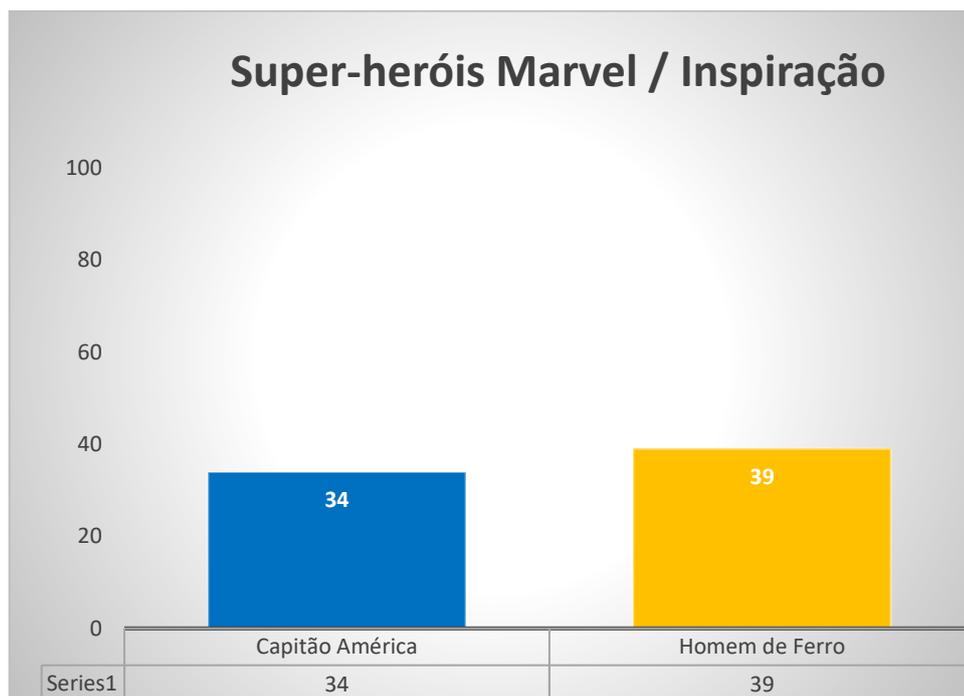


Gráfico 3: Os super-heróis da Marvel como fonte de inspiração.
 FONTE: PRÓPRIO AUTOR, 2019.

Olhando em um primeiro momento para estes gráficos podemos nos surpreender ao ver que os dois mais votados são heróis práticos, diferentemente dos menos votados, que são idealistas. Entenda-se por herói prático aquele que usará de todos os meios possíveis, exceto matar, para realizar o que é preciso, e por idealista aquele que acredita na força da lei, da justiça e que faz de tudo para que ambas sejam respeitadas. Os práticos são o Batman e o Homem de

Ferro, os idealistas, o Superman e o Capitão América, já que ambos acreditam que as pessoas podem oferecer o melhor de si, e se praticarem algum ato ruim, ainda assim poderão se redimir. Os práticos são mais céticos quanto a isso, o que não quer dizer que alguns momentos já não tenham vivenciado mudanças de comportamento para melhor, sendo eles próprios exemplos disso.

Outro dado que vale ser mencionado é que os idealistas são exatamente o que a maior parte da atual sociedade de hoje parece abominar. Pessoas boas, que acreditam nos outros e até parecem “bobos” em suas crenças. Enquanto os outros dois são modelos de sucesso econômico, algo tão almejado por muitos membros da sociedade capitalista, onde o “ser” perdeu espaço para o “ter”. O Superman e o Capitão América são. O Batman e o Homem de Ferro têm.

Entre a primeira pergunta e a segunda há uma aparente contradição, já que o Superman e o Capitão América são analisados como mais virtuosos, mas o Batman e o Homem de Ferro são os que mais causam ideias de inspiração nos alunos entrevistados. Aparentemente, como já dissemos, isso parece ser creditado ao fato de que os dois últimos são personalidade de sucesso econômico, tem amplo acesso à tecnologia, vivem rodeados de mulheres bonitas e são famosos também quando não estão uniformizados.

Pensando neste fato, o Capitão América apresenta uma imagem mais humilde e humana no trato com os outros, além do mais, na Guerra Civil ele venceu o Homem de Ferro em uma batalha duramente travada, também se deve analisar a questão de que eles representam opostos, pois como já dissemos, o Vingador Dourado transmite uma imagem de arrogante e de manipulador, usando as pessoas como meios para atingir seus fins. Isso ficou muito claro no filme O Homem de Ferro, de 2018, quando parafraseando Maquiavel, disse: “É melhor ser temido ou respeitado? Eu digo: É demais querer ser os dois?” Basta lembrar que na HQ Guerra Civil, foi o Homem de Ferro que recrutou vilões para perseguir antigos companheiros de luta. Mesmo assim, em comparação com o Capitão América, ele inspira mais os alunos que responderam o questionário.

Sobre a capacidade dos super-heróis em se assemelharem às características humanas, o mesmo não pode ser dito dos humanos com relação aos super-heróis, já que ditos personagens servem de modelos idealistas de uma perfeição impossível de se atingir. Porém, segundo Robb (2017, p.132): “De acordo com Stan Lee, os personagens seriam o tipo de gente com quem eu poderia me identificar: seriam de carne e osso, teriam defeitos e fraquezas, seriam falíveis e irascíveis, e – mais importante de tudo -, por dentro dos corpos fantasiados e coloridos, ainda seriam imperfeitos”. Se assim acontece com os heróis da Marvel aqui analisados (Capitão América e Homem de Ferro), podemos dizer que embora o Superman seja um alienígena e o

Batman um ser humano, eles também partilham desta ideia de defeitos e fraquezas.

Quanto ao fato de o Batman inspirar mais que o Superman, precisamos pensar que tanto na HQ O Cavaleiro das Trevas quanto na sua versão cinematográfica representada pelo filme *Batman vs. Superman – A origem da justiça*, a vitória coube ao Batman, mas graças à kryptonita, espécie de rocha vinda à Terra em forma de meteoro quando da explosão do planeta Krypton, onde nasceu o Superman. Essa pedra enfraquece o super-herói. Alguns poderiam considerar que o Batman foi astuto ao usar contra seu oponente um elemento que lhe despertava a fraqueza, assim foi prático como sugeriu Maquiavel (2007, p.78): “vale vencer pela força ou por fraude [...]” Com isso colocou a vitória acima de tudo, empregando meios que justificassem os fins. O Segundo ponto é que o Superman é alguém que leva uma vida quase ascética, disciplinado, bom moço, que não aproveita seus poderes em benefício próprio. O Batman, como já dissemos, é modelo de sucesso econômico em um mundo que prima por isso, que valoriza mais o “ter” que o “ser” e a aparência mais do que o próprio caráter. Diante desta perspectiva que joga com os valores morais e que eleva o “ter” sobre o “ser”, o Batman e seu *alter ego*, Bruce Wayne saem vitoriosos aos olhos dos alunos. Esta vitória do Batman ainda é somada ao fato de que:

[...] o Superman é maior que os quadrinhos que o criaram, maior até que os filmes e séries de televisão que o disseminaram por nossa cultura. Ele sobreviverá de algum jeito a outros 75 anos e mais, porque diferente do [...] Batman, não é o herói com quem nos identificamos; é o herói em quem acreditamos. É o primeiro, o mais puro, o ideal. Enquanto características do personagem, como altruísmo e perseverança, tiverem valor cultural, precisaremos de um Superman para nos mostrar como elas são. (WELDON, 2016, p.14).

Para a realização da segunda parte da pesquisa, pedimos aos alunos que se voluntariassem e escrevessem suas percepções acerca das perguntas propostas. Neste aspecto, podemos dizer que os dados quantitativos e os qualitativos serviram para referenciar a verificação dos resultados e se havia convergências ou divergências entre eles. Ao parecer houve a manutenção de um certo padrão, já que os alunos se identificaram mais com os super-heróis práticos da era tecnológica que com os idealistas.

Para a parte qualitativa da análise foi elaborado um questionário com seis perguntas²¹ que abrangem os temas já citados ao longo do trabalho e que textualmente são as seguintes:

3- O que o motiva a identificar-se com tais super-heróis?

4- O que é um super-herói?

²¹ Mantivemos a numeração originalmente usada nos questionários.

5- O que são virtudes?

6- As superaventuras auxiliam de fato no aprendizado do que é ética? Por quê?

7- Os super-heróis são modelo de inspiração? Por quê?

8- Qual seria a finalidade das virtudes na conduta dos super-heróis?

As respostas que seguem foram escolhidas aleatoriamente, não havendo, portanto, respostas consideradas certas ou não, já que se trata de algo que se refere a percepção individual dos alunos que aceitaram submeter-se a tais perguntas. Cerca de dez por cento do total de alunos se voluntariaram para dar as respostas escritas pedidas pelo questionário.

A pergunta de número três se refere ao processo de identificação entre aluno/super-herói. As respostas giraram em torno da capacidade de inteligência para solucionar problemas, a busca por justiça e pelo fato de serem seres capazes persistir e superar momentos difíceis, mesmo sendo no campo da ficção²².

A- “O Batman e sua racionalidade, ele não tem habilidades tão absurdas, mas a sua inteligência me causa admiração”.

B- “O Superman porque ele veio de outro mundo e eu me sinto assim e o Stark porque eu tenho gênio forte e sempre acho que estou certo e mesmo não querendo acabo virando líder”.

C- “Batman: porque ele mostra que qualquer um pode superar seus piores traumas, além de me inspirar com sua inteligência e persistência.

Capitão América: antes mesmo de ganhar seus poderes, ele já tinha coragem, sua bondade e seu senso de justiça devem inspirar a todos a serem pessoas melhores”.

A pergunta de número quatro gira em torno da questão da visão do aluno acerca da definição do que é um super-herói. No geral as repostas citavam a capacidade de possuir certas virtudes, que vão da força ao caráter, passando pela empatia, o ideal de justiça e o autossacrifício.

A- “Um super-herói é aquele que procura ajudar o próximo, para ser um herói não é preciso muito, a capacidade de empatia e justiça”.

B - “Um super-herói é o homem que pensa no bem dos outros e não só no seu próprio, que muitas vezes arrisca sua própria vida para salvar alguém que não conhece. Nossa sociedade está repleta de ‘heróis’, porque ser herói é muito mais do que ter algum poder”.

C- “Um super-herói é uma pessoa que coloca o bem do próximo acima de tudo (ou seja, faz de tudo para salvar quem precisa)”.

A quinta pergunta pedia uma explicação sobre o que são virtudes, sem trazer uma

²² Não apresentaremos todas respostas, pois estamos usando aleatoriamente algumas que confirmam as percepções apresentadas no geral.

definição de dicionário, apenas o que o aluno poderia descrever sobre o conceito. As repostas se referiam às qualidades positivas que os seres humanos podem ter, desenvolver e assim ajudar a melhorar a vida em sociedade. Estariam, portanto, ligadas a características positivas na personalidade do ser humano.

A- “Virtudes são qualidades que muitos têm, e tem muitos que nem fazem questão de ter, sendo que muitas virtudes é o mínimo que a gente pode ter como: caráter, honestidade, humildade, respeito, etc”.

B- “Virtude seria a capacidade de praticar o bem, são características positivas”.

C- “São qualidades que nós possuímos, e utilizamos no dia a dia e que sempre são colocadas a prova”.

A sexta pergunta se referia à possibilidade do uso das superaventuras no processo de ensino-aprendizagem do conceito ética. Nesta questão, os alunos opinaram que além de despertar o olhar sobre o que é correto ou não a se fazer, mostram a capacidade de entretenimento e instrução existente no gênero, que além de tudo, desperta a atenção para o altruísmo e a empatia.

A- “Sim, claro. Quando usados para incentivar o bem e a justiça ajudam até na formação de pensamento das pessoas. Tem muita história, filosofia e mitologia por trás de cada um, podendo se montar um exemplo para outros”.

B- “Sim, porque os super-heróis devem agir eticamente e o leitor aprende a forma mais correta de agir em cada situação”.

C- “Sim, pois quando um super-herói passa por uma aventura, é colocada em prova suas virtudes e seus pensamentos, ou seja demonstram que mesmo alguém falando ou fazendo algo muito errado, não devemos passar do limite moral e não devemos ir contra nossas virtudes por causa das emoções”.

A sétima pergunta se referia ao fato dos super-heróis serem usados como modelo de inspiração. Para os alunos, além de servirem ao processo ideal de motivação eles também ensinam a superação, já que mostram como enfrentar os momentos difíceis da vida, pois também se equivocam, mas apesar disso, estão sempre em busca de superar suas próprias imperfeições.

A- “Sim. Eles apresentam modelos de vida, conduta e justiça, isso pode ser a inspiração pra muitos. Claro que esses super-heróis são mostrados como algo muito fictício, porém ainda servem de inspiração pelas ações e personalidades”.

B- “Sim, os super-heróis geralmente são amados por todos. Creio que a aceitação que os super-heróis têm é digna de admiração; o ser humano, na grande maioria das vezes busca

isso”.

C- “Sim, as virtudes e a forma como superam seus obstáculos, a forma como usam seus medos como forma de melhorar inspiram as pessoas que entendem essas histórias”.

No que se refere à finalidade das virtudes na conduta dos super-heróis, pergunta presente na questão oito, os alunos destacaram que os superseres mostram valores que são importantes, como a prática do que é justo, o equilíbrio na tomada de decisões, além do fato de não serem egoístas, colocando os outros acima de seus próprios interesses e baseando suas ações em valores morais, pois usam seus poderes com sabedoria e preservando a vida de quem quer que seja, pois se assim não fosse, não haveria vilões.

A- “Mostrar que um herói não é feito por seus poderes, mas sim pelas suas virtudes, porque se fosse só poder, não existiriam vilões”.

B- “Suas virtudes e moral são o que determinam suas ações, suas decisões”.

C- “Através da conduta, um super-herói é marcado por fazer o bem por meio de suas virtudes”.

Pensando nos resultados obtidos²³, podemos analisar algumas questões que se destacam. O Superman é uma figura que está muito próxima às ideias de Platão. É belo, do ponto de vista da estética atual, e é bom, pois usa seus poderes para fazer o bem e o considerado justo, do ponto de vista de suas narrativas. Um super-herói altruísta, idealista, que apesar de tudo isso, por ser preocupado com o bem coletivo, mostrou-se menos próximo daquilo que os alunos pensam ser inspirador. Ele “é” em um mundo que valoriza quem “tem”. Talvez seu maior exemplo de força seja aquele contido em seu caráter e que o faz ser íntegro, pois mesmo tendo tantos superpoderes procura usá-los com justiça e sabedoria. O Superman é aquilo que o ser humano gostaria de ser, mas a impossibilidade em possuir tantas virtudes faz com que os jovens além de vê-lo como algo impossível, também não se inspirem nele, mas em super-heróis que estejam mais próximos daquilo que é verdadeiramente o ser humano, não só com virtudes, mas também com defeitos.

O Batman por sua vez personifica as trevas, usando um traje que favorece seu trabalho de combate ao crime durante a noite. Seu *alter ego*, Bruce Wayne, quando criança nos lembra de Rousseau, se comparamos o que o levou a tornar-se essa figura sombria, já que foi aquilo que havia de negativo na sociedade que o transformou de um garoto inocente em um combatente do crime. Neste caso, olhando para o garoto Bruce Wayne, sabemos que foi o

²³ Para embasar os resultados apresentados, anexamos ao final deste trabalho algumas fichas com respostas realizadas pelos alunos. Em seguida também apresentamos o modelo de ficha com o termo de participação do aluno.

assassinato violento de seus pais que o fez mudar. A partir daí, moldou seu corpo e mente para vencer os criminosos e impor-lhes o medo. Se quando garoto vivia na inocência, após a morte dos pais sofreu uma mutação que o levaria a observar o comportamento dos vilões para depois caçá-los, como um justiceiro implacável. Batman é um humano comum, mas que sendo rico, pode comprar e possuir o que quiser, demonstrando que deter poder econômico é algo muito valorizado nos dias atuais, como já mencionamos. Para os jovens que se identificam com o Batman, vários seriam os fatores que causam esta aproximação: a dor da orfandade, o fato de ser um ser humano comum, não tendo superpoderes, além da questão de ser inteligente, seriam alguns destes fatos. Do ponto de vista da prática, Batman é alguém que está para Aristóteles, assim como o Superman está para Platão. Duas formas diferentes de analisar a realidade; uma prática e outra idealista.

O Capitão América é um dos heróis que defende os valores originais dos Estados Unidos, país fundando à base do Iluminismo, carregando seus lemas: Liberdade, Igualdade e Fraternidade como um dos pontos fortes de seus ideais. O Capitão é conhecido como o Sentinela da Liberdade, alguém que em suas aventuras combateu o nazifascismo, lutando pela democracia. Curiosamente, os filósofos da Antiguidade não simpatizavam com este sistema de governo, uma vez que eram parte da aristocracia grega. Por representar o patriotismo e os ideais de seu país, o Capitão América tem algo que mistura John Locke e Rousseau, contratualistas que viveram os auspícios do Iluminismo e de Montesquieu, o pai da tripartição dos poderes. Sendo um defensor da liberdade, o Capitão vê a democracia com um bem positivo, mesmo que alguns a critiquem por aparentar permitir que a liberdade seja extrapolada, gerando a libertinagem. Para ele, assim como para Montesquieu, a liberdade se dá com o cumprimento das regras postas pelas leis, mas se estas forem injustas, nada o impede de combatê-las. Algo visto durante a saga Guerra Civil.

A simpatia que os jovens costumam nutrir pelo Batman, também os aproxima do Homem de Ferro, um herói que aplica na prática aquilo que Maquiavel expressava, já que para ele, empregar determinados meios para atingir os objetivos a que se propõe são válidos, desde que se tenha sucesso no que se busca fazer. Exatamente ao contrário do que aconteceu durante a Guerra Civil, o Homem de Ferro venceu o Capitão América no quesito inspiração, segundo a visão dos alunos. Foi uma vitória apertada, que pode ser atribuída à já mencionada questão da tecnologia e seus desdobramentos.

Capitão América e Superman são heróis corretos, os populares “certinhos”. Isso os leva a ser atacados por muitos fãs de HQs em função de acreditarem que ambos podem ser virtuosos em suas ações, já que são um modelo ideal daquilo que desejam para inspirar as pessoas, porém

suas características são difíceis de serem replicadas. Batman e Homem de Ferro se destacam por ser modelos de sucesso econômico como já mencionado, algo que no mundo atual os faz serem objeto de grande admiração, mesmo sendo uma figura contraditória, no caso do Homem de Ferro, e alguém que se denomina Cavaleiro das Trevas, lembrando uma época em que o pensamento estava restrito pelo poder da Igreja, onde para alguns imperavam as trevas da ignorância, só derrubadas a partir do advento do Iluminismo e seu ideal de ilustração para formar melhores homens para a vida em sociedade. Haveria ainda mais um fator que não pode ser esquecido, estes dois heróis pragmáticos estão totalmente ligados às novas tecnologias, algo que esta juventude aprecia muito.

Desta forma, analisamos os resultados acerca do que pensam os estudantes sobre o tema ética e como esta se relaciona com o heroísmo, uma virtude que os super-heróis ajudam a divulgar, mas que não só eles têm o poder de executar, já que ela pode ser, e é usada por diferentes tipos de seres humanos/profissionais que ajudam o mundo a ser um lugar menos injusto, sejam médicos, cientistas, ambientalistas, bombeiros, professores e uma ampla gama de pessoas que se dedica a ajudar os demais de forma altruísta e empática em um mundo em que imperam o egoísmo e a busca desenfreada pelo prazer. E nesta procura por práticas que amenizem os efeitos do “ter” e coloquem a importância do “ser” em primeiro plano, a atividade sobre ética queria valorizar o conhecimento que o aluno traz consigo, fazendo dos momentos de interação uma forma de complementar os saberes por eles possuídos com uma prática que trouxesse um pouco de esperança com relação ao futuro, ao mesmo tempo que entretinha o alvo principal do processo de ensino-aprendizagem: o estudante. É interessante lembrar que houve aluno entrevistado que destacou a importância do herói do cotidiano, aquele que não tem nenhum poder, apenas o seu exemplo de luta a oferecer como modelo de virtude.

Sobre o valor dos heróis do cotidiano é preciso pensar que eles são um modelo silencioso, já que a mídia não o coloca com frequência em destaque, assim, eles influenciam pelos seus atos porque quem tem contato com eles acabam sendo inspirados e modelados por aquilo que veem de positivo em suas ações. Na literatura, bem como na vida real, há uma relação de reciprocidade entre o produtor e o leitor, e é isso que inspira e ajuda a transformar pensamento em ação.

Como já dissemos, o herói desde a Antiguidade era visto como um modelo exemplar para quem ouvisse falar dele. O ser humano manteve viva a ideia de herói por necessitar acreditar em algo maior que ele mesmo e que o ajudasse a superar o medo do desconhecido. Nas palavras de Feijó (1984, p.19): “É o herói que transmite alguma coisa aos homens”. E de fato é isso o que acontece, como pudemos ver ao longo deste trabalho.

O herói foi ganhando novas faces com o passar do tempo, em especial quando do surgimento das cidades, com instituições organizadas e “com a cultura escrita e documentada, o herói, ultrapassando o mito, atingiu uma nova dimensão...” (FEIJÓ, 1984, p.19). Naquela época até mesmo os Jogos Olímpicos rendiam culto aos vencedores de suas modalidades dando-lhes “uma coroa de louros, um poema declamado por ‘cantor de homenagens’ (poeta habilitado a compará-lo aos heróis mitológicos) e o título de ‘Herói’...” (FEIJÓ, 1984, p.19).

Estas mudanças ocorridas levariam ao surgimento do herói histórico, onde a figura de Alexandre, admirador de Aquiles, foi a primeira a ganhar destaque, aliás é uma figura sobre a qual até hoje se mantém um olhar de admiração, justamente ele, que foi aluno do célebre filósofo Aristóteles, e que se tornou “imortal” por sua obra. Como não lembrar da famosa Biblioteca de Alexandria por ele mandada construir, local onde se conservou muito da filosofia antiga. Ele serviria de modelo a outros homens que se inspiraram em suas histórias, foi assim com Júlio César, Carlos Magno e Napoleão Bonaparte.

Muitos séculos depois, a figura mítica do herói ressurgiria, com nova roupagem, associada aos avanços tecnológicos e ganhando poderes além dos limites. Essa era a figura do super-herói. Curiosamente surgido em uma época de guerra no século XX, ele dividiria espaço com heróis de carne e osso que nos deixaram seu exemplo na luta por um mundo mais justo. Figuras como Mahatma Gandhi, Martin Luther King e Nelson Mandela e seus esforços pela construção da paz, serviram de modelo e inspiração, e eles não são esquecidos, pois mesmo em um mundo tão conturbado, seus exemplos se mantêm vivos, como uma chama eterna a iluminar os seres humanos.

Os alunos ao responderem o questionário disseram que uma metodologia que use os super-heróis é válida, pois é possível através disso discutir sobre virtudes, sobre ética, sobre motivação e superação, mas é possível também manter acesa esta chama do ideal de um mundo mais justo, mesmo sendo através de produtos da indústria cultural. Geram lucros, sim, mas também geram inspiração, mexem com a fantasia e provocam a imaginação dos jovens.

Ser herói é algo trabalhoso, exige tantas qualidades que é muito difícil alguém chegar a sê-lo, mesmo com a maioria desejando. É preciso “ser superior, conseguir a estima dos homens sem se deixar conhecer plenamente, camuflar os erros, ampliar os acertos, compreensão ágil do que fazer, sem confusão, e não ser apenas guerreiro, mas também sábio” (FEIJÓ, 1984, p.19). Além disso, é preciso agir dentro da ética, pois ser virtuoso e exemplar requer muito esforço. No caso do super-herói há ainda a “dificuldade de assumir o elemento heroico da ética, capaz de salvaguardar a dignidade humana de toda forma de aviltamento” (VIANA, 2011, p.183).

Quando tratamos deste tipo de personagem, real ou fictício, entramos no campo dos

dilemas éticos, já que ao analisá-los, os encontramos em relação direta com nossos valores e crenças, e estas estão unidas à emoção, se nos deixarmos levar por elas, nosso juízo será contraditório ou até mesmo incorreto, pois seremos manipulados por nossa maneira arbitrária de pensar. O exemplo mais claro disso foi o que responderam os alunos, colocando o Superman e o Capitão América como os mais virtuosos, mas dizendo sentir-se mais inspirados pelo Batman e pelo Homem de Ferro.

Colocadas estas percepções sobre a forma ativa com que o aluno deve atuar em uma aula de filosofia, já que esta disciplina incentiva o pensar e o agir ético em sociedade, finalizamos esta descrição com o desejo de que o estudante, que se tornará o homem do amanhã seja o protótipo de cidadão consciente que esta nação precisa para se reerguer dos problemas que a mantém “deitada eternamente”, moribunda quando o assunto é atuar eticamente, desde as esferas mais elevadas do poder constituído até as relações interpessoais mais simples. Os alunos não precisam ser super-heróis para agir de forma reflexiva ou correta, mas já que são “bombardeados” por estes seres continuamente, pelo menos têm a possibilidade de aprender a analisá-los dentro do contexto em que seus vícios não sejam copiados e suas virtudes sejam analisadas sob um olhar crítico e consciente.

Usando o exemplo dos super-heróis, sem se deixar alienar e mantendo a sua autonomia, os estudantes poderão analisar as suas próprias ações, buscando defender o bom e o justo, sendo virtuosos como pretenderam através de seus ensinamentos homens como Homero, Platão, Aristóteles e Cícero. Assim, as superaventuras “podem servir como um bom ponto de partida para sua reflexão e sua compreensão de conceitos abordados em aulas de filosofia nas escolas, aprendendo em momentos de entretenimento e lazer” (WESCHENFELDER, 2013, p.43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se inicia uma reflexão acerca de temas tão presentes no cotidiano como a ética e as superaventuras, poderíamos imaginar que o caminho seria relativamente fácil, mas é exatamente o contrário. Primeiro porque discutir ética em um país onde impera o já citado “jeitinho” torna o olhar sobre o que é correto ou não, mais nebuloso. Segundo porque, embora haja muitas HQs publicadas e muitos filmes e seriados sobre os super-heróis “bombardeando” o público, ainda temos carências de material para analisar aquilo que estes personagens podem representar e como podem ser usados em metodologias de ensino. Apesar dos alunos conhecerem os super-heróis, não se detêm a observar atentamente suas ações, apenas quando uma proposta como esta aparece é que surge a necessidade de fazer comparações e de ver até onde são conduzidos por valores morais e se servem de fato como exemplo de positividade.

Na Antiguidade, a figura do herói se prestou, através da poesia, à educação dentro de um ideal de virtudes, onde o seu exemplo era aquilo que servia de modelo e inspiração a outros homens. Mas como o homem com frequência teve seus temores, o herói também era cultuado como alguém que pudesse ajudar em momentos de crise, e este papel do citado personagem foi mantido ao longo da história, ocupando lugar central nas diferentes faces que este tipo de mito tem.

As virtudes inicialmente expostas pela poesia, servindo como elo de ligação entre o mito do herói e a aristocracia da Antiguidade, viriam, com a formação da pólis, a ser discutidas pelos filósofos do período antropológico ou socrático, em especial com Platão e sua ética baseada nas virtudes cardeais, e Aristóteles, que de fato sistematizou a discussão sobre o tema. Ali se iniciava um olhar analítico sobre as ações humanas. Na presente pesquisa, procuramos buscar explicações para as ocorrências do cotidiano através de um olhar que perpassa a nona arte (HQs), tentando ver a possibilidade de usar os super-heróis como fonte de análise e inspiração, assim como já haviam sido os heróis clássicos, destacando a importância das discussões sobre suas ações. Os filósofos mencionados nos deixaram um legado de análises sobre o comportamento humano e seu valor para o exercício da vida em sociedade.

Toda essa discussão fica um pouco mais destacada por diferentes motivos, que passam pela rigorosidade do pensamento acadêmico, pela possibilidade de valorizar as superaventuras como instrumento educativo, lançando sobre elas um olhar completamente diferente daquele com que o grande público o faz, procurando orientar e observar em conjunto com os alunos coisas que ficam nas entrelinhas, presas ao subjetivo, mas que nem por isso são menos

importantes quando se trata de pensar no que é o correto a se fazer²⁴. Outro fator se refere à diferença entre o que se imagina e o que se encontra ao fazer tal busca. Enquanto o fazer está no campo do pensamento é imaginado de uma forma, ao executar a ideia podemos encontrar coisas diferentes, algumas surpreendentes ou até mesmo contraditórias.

Se as superaventuras assim como outros tipos de fazer artístico-literário eram pensadas para entreter, também carregavam em si o desejo de uma formação que auxiliasse o ser humano a viver uma vida mais virtuosa, e conseqüentemente mais feliz. Assim pensavam os gregos, em especial o filósofo Aristóteles, que destacaria esta ideia em seus escritos. Porém, com a consolidação do capitalismo não é bem assim que as coisas acontecem em nossos dias. Embora os super-heróis tragam em suas narrativas o modo americano de viver, baseado em uma cultura que valoriza o individualismo, eles também podem valorizar a autonomia, a independência, a autoconfiança, a coletividade e aspectos positivos nas relações humanas. É preciso lembrar que o herói da Antiguidade estava associado à aristocracia, mas com o advento da pólis o que se vê é uma guinada rumo à democracia, mesmo assim o herói permanecia “vivo” incorporando novos valores.

A atual sociedade impele o homem a consumir, relacionando o “ter” ao “ser” feliz. Desta maneira, parece que o sucesso econômico foi projetado para estar acima da ética, já que a felicidade seria algo individual, ligada à posse de bens materiais. Sendo algo individual, acaba por criar uma grande massa de excluídos, pois nem todos têm as mesmas oportunidades dentro deste tipo de sistema. Se a felicidade já não se encontra nas virtudes ou nas glórias que elas poderiam trazer, o que vai imperar em uma sociedade hedonista²⁵ é o relativismo, através da crença de que tudo vale para se atingir a meta de possuir os mencionados bens materiais, relegando a segundo plano tanto os valores espirituais quanto uma boa conduta diante das ocorrências do cotidiano, negligenciando até mesmo o conhecimento já obtido pela humanidade. Essa satisfação dos desejos individuais não ajuda a tornar a sociedade mais justa, ética, prudente ou possuir quaisquer das virtudes que se deseja para uma formação voltada para a melhoria da condição humana.

²⁴ Apesar de tudo, precisar uma ideia de correção é sempre algo complexo a se fazer. Em 2017, uma revista elegeu a cantora Anitta como “Mulher do ano”. Os fãs da artista se alegraram com tal escolha, mas foi também naquele ano que a professora Heley Batista perdeu a vida para salvar várias crianças da creche em que trabalhava. O que se viu em seguida foi uma série de protestos virtuais dizendo que a escolha deveria ter recaído sobre a professora, que mesmo morrendo, teve uma atuação exemplar para aqueles que defendiam a sua nomeação ao prêmio.

²⁵ Hedonista, neste contexto, se refere a uma sociedade onde impera o eu em detrimento do outro. Onde as necessidades deste eu têm que ser satisfeitas segundo seus desejos materiais, consumistas, profissionais, afetivos e até sexuais. Se estes desejos não são atendidos as pessoas se frustram. Essa busca intensa pelo prazer faz com que valores como fidelidade, empatia e honestidade não sejam respeitados. Tudo se baseia em maximizar a satisfação e reduzir qualquer tipo de sacrifício.

Hoje já se pode observar que o caráter sofreu um processo de corrosão e com isso as virtudes teriam ficado em segundo plano nas ações humanas. Claro que isso não aplica à totalidade da espécie humana, já que existem aqueles que se preocupam em colocar a coletividade acima de preceitos individuais. A causa desse desgaste das ações humanas seria o capitalismo e os desejos consumistas que ele desperta, tornando o homem mais egoísta na sua busca pela satisfação de ditos desejos. Se antes o caráter girava em torno do cumprimento do dever, hoje ele está mais propenso a inclinar-se ao “ter”, levando o ser humano com isso a estar enjaulado em uma sociedade que constantemente discutiu a questões relativas à liberdade, mas apenas criou formas de aprisionar seus membros. Porém, se o caráter está em baixa se comparado aos bens materiais, precisamos fazer com que ele retome seu lugar de destaque na sociedade, lembrando que é parte constitutiva da moral e que um bom caráter leva à prática de ações consideradas positivas. Uma vez que caráter não é apenas um traço de personalidade, é também sentimento; lealdade a princípios corretos, experiência emocional, preocupação com o outro e aquilo que marca a passagem do homem pelo mundo.

A mesma sociedade que cria meios que corrompem o caráter, propicia formas de usar elementos de destaque no capitalismo, como a figura dos super-heróis e, para tocar em tal questão, levantamos o debate sobre as virtudes, bons exemplos e de como a educação tem um papel primordial naquilo que se deseja mudar. Se há muitas coisas incorretas no mundo e pessoas agindo de forma negativa em vários setores da sociedade, a educação é uma das poucas ferramentas que dispomos para lutar contra tudo isso. Uma tarefa hercúlea que, para ser realizada precisa de heróis incansáveis e sonhadores para manter aceso o fogo da esperança; os heróis do cotidiano.

O processo educativo pode ser a base de toda a mudança que se anseia para uma sociedade, porém isso não quer dizer que não possa nem deva evoluir, já que dentro do próprio sistema há ainda muito do conservadorismo que impera tanto na sociedade quanto nas esferas governamentais. O conhecimento é fonte de crescimento, de amadurecimento e de transformação social. Pelo pensamento, seguido de boas ações, as pessoas podem mudar para melhor. Mas atualmente, devido às demandas do sistema capitalista há uma clara preocupação em fazer da escola o lugar de reprodução das mesmas exigências que são impostas ao trabalhador, ou seja, especialização e produtividade, um verdadeiro processo de adestramento, deixando de lado a formação voltada para, entre outras coisas, a autonomia.

A escola, palavra derivada do grego *scholé*, cujo significado é ócio, devido às demandas impostas pela lógica de mercado, virou um lugar para que se inicie a valorização do “ter”, visando preparar os alunos para o mercado de trabalho, quando na verdade deveria valorizar a

formação humana deles e assim prepará-los para o exercício da liberdade com responsabilidade e incentivá-los a pensar, algo que é desejado e necessário neste tipo de formação tão almejada por aqueles que trabalham com e pela educação.

O incentivo ao pensar é a principal prerrogativa existente no ensino de filosofia, especialmente em um mundo cercado pela tecnologia que incita apenas ao consumo e aliena os nossos jovens com atrativos que são excessivamente mal-usados. Realizar uma prática usando elementos da cultura *pop* é colocar em pauta outro tipo de utilização para eles, onde a reflexão e a liberdade se façam presentes, propiciando um momento escolar onde o lúdico pode ser a base de um recurso educativo que ajude no desenvolvimento do senso crítico.

Em um país onde tantas coisas incorretas acontecem, tudo parece se justificar de forma a convencer que o que foi feito é o correto, mesmo quando não o é. Justamente no momento em que este texto estava sendo escrito, uma ação de ameaça à liberdade de expressão voltava acontecer. Desta vez, a Prefeitura do Rio de Janeiro, durante a Bienal do Livro, realizada naquela cidade, mandou recolher uma *Graphic Novel* dos Vingadores. A história denominada “A Cruzada das Crianças”, numa clara referência a um acontecimento da Idade Média, chamada por vários historiadores de Idade das Trevas, trazia dois jovens se beijando, algo que passaria despercebido se os jovens em questão não fossem do mesmo sexo. Foi criada toda uma problemática sobre o tema, o que rendeu mais popularidade à história. Se os super-heróis podem ser exemplares, eles também carregam em si a ideia de liberdade. O próprio Capitão América, mesmo sendo um herói patriota não concorda com tudo aquilo que o governo de seu país faz. Quando uma ação governamental fere as liberdades individuais, ele, em suas histórias, questiona tal ocorrência; somado a isso, o fato de ter iniciado sua trajetória lutando contra o nazifascismo, o fez tornar-se conhecido como o Sentinela da Liberdade.

Repetiu-se assim, algo visto nos Estados Unidos durante a Guerra Fria²⁶; um ataque ao conteúdo das superaventuras, como se estas corrompessem seus leitores, tornando-os aquilo que o governo não quer. Um verdadeiro macartismo²⁷ tupiniquim, organizado por uma administração pública que deveria se preocupar em oferecer condições aos jovens de ter escolas com boa qualidade de ensino. Mas, que em vez disso, se preocupa com as liberdades individuais, mesmo quando expressas por meio de uma ficção. Se fere a liberdade de expressão, o que dizer da ética?

Falar de ética em um país que ainda vê governantes agindo de modo negativo diante

²⁶ As questões que se referem à Guerra Fria são mencionadas durante o segundo capítulo.

²⁷ O macartismo é o fruto interno da Guerra Fria e do conservadorismo que imperava nos Estados Unidos nos anos 50. Também mencionado ao longo do segundo capítulo.

daquilo que se espera de correção na administração pública é pensar em mudar o *status quo* desta nação. Levar as superaventuras para a sala de aula é tentar empoderar os estudantes, fazendo-os ver que agir corretamente não os transformará em “bobos”, mas sim em pessoas mais críticas e conscientes, que saberão agir de maneira correta diante das situações cotidianas, deixando de ser meros espectadores e passando a ser atores de suas próprias vidas para que o coletivo seja fortalecido, afinal é isso que pode transformar a ação do ser humano do ponto de vista individual, para que os resultados possam ser sentidos no plano coletivo. As lutas são muitas e não é possível mudar o passado, mas se cada um fizer a sua parte, será possível escrever um futuro onde a reflexão, a liberdade e a ação correta não sejam apenas um sonho e se tornem a realidade concreta no país.

Concluindo, podemos dizer que muitos pensadores, seja na literatura ou na filosofia defenderam a ideia do uso de exemplos virtuosos como modelo de ação para os seres humanos, porém ao fazê-lo, nenhum deles indicou que isso deveria ser realizado de forma a causar uma heteronomia, já que a ação do outro seria uma mera forma de inspiração, não de negação da capacidade de liberdade e autonomia de cada um. Dentro desta perspectiva o caráter se torna determinante na ação humana considerada positiva.

Sendo assim, os alunos participantes desta pesquisa aprovaram o uso das figuras dos super-heróis em sala de aula como forma de dinamizar o ensino de filosofia, uma vez que viabiliza o trabalho do docente, dando-lhe uma melhor possibilidade de interação diante das dificuldades existentes no ensino médio, promovendo uma democratização e a ampliação do conhecimento, se valendo daquilo que o aluno já traz de suas interações externas ao ambiente escolar. E se os super-heróis são fonte de inspiração através dos relatos de suas aventuras, quando se faz necessário, são os heróis do cotidiano que colocam a mão na massa e nos permitem sonhar e tentar realizar as façanhas épicas que permitam à sociedade seguir trilhando um caminho que demonstre que a valorização do conhecimento, o respeito à vida e o agir com correção, dando bons exemplos, podem mexer com o imaginário humano, provocando a preocupação com os mais vulneráveis, já que aquele que ajuda os outros porque é a coisa certa a ser feita, por si só, em um mundo tão conturbado, já é um verdadeiro herói.

5. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola **Dicionário de Filosofia**. Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Col. Os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. **Poética**. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília (DF), 2002.

BRISSON, Luc. **Introdução à filosofia do mito** / Luc Brisson; tradução José Carlos Bacarat Junior. – 2 ed – São Paulo: Paulus, 2014.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces** / Joseph Campbell; tradução Adail Ubirajara Sobral. – São Paulo: Pensamento, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. volume 1. 2ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2002.

CÍCERO. **Dos deveres**. São Paulo: Saraiva, 1965.

Dicionário Etimológico da Mitologia Grega. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf>. Acesso em: 04/01/2020.

EYLER, Flávia Maria Schlee. **História antiga: Grécia e Roma: a formação do ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes: Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. _ (Série História Geral).

FAVREAU, J. e ARAD, A. **O Homem de Ferro**. Marvel Studios, 2008. 1 DVD (126 min.), color.

FEIJÓ, Martin César. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GALLO, Sílvio. **Ética e cidadania: Caminhos da filosofia: Elementos para o ensino de filosofia**/Sílvio Gallo (coord.); 2ª ed. – Campinas: Papyrus, 2012.

IRWIN, Willian (org.). **Batman e a filosofia: o cavaleiro das trevas da alma**. Tradução: Martha Malvezzi. São Paulo: Madras, 2008.

_____. **Super-Heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2009.

_____. **Superman e a filosofia: o que o Homem de Aço faria?**/ [coordenação William Irwin; coletânea de Mark D. White] – São Paulo: Madras, 2014.

_____. **X-Men e a filosofia: visão espantosa e argumento assombroso no X-verso mutante**/ William Irwin, Rebecca Housel e J. Jeremy Wisnewski. – São Paulo: Madras, 2009.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**/ Werner Wilhelm Jaeger: tradução Artur M. Parreira – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

JAPIASSU, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**/ Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. – 4ª ed. Atual. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos** - 3ªed- Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis**. A história secreta dos super-heróis em quadrinhos. Tradução: Marcello Borges. São Paulo: Cultrix, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Fúlvio Lubisco – São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgstein.** 2ªed. rev. ampl. -Rio de Janeiro. Zahar, 2007.

MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade.** São Paulo: E.P.U., 1975.

MILAR, Mark. **Guerra Civil.** São Paulo: Panini, 2010.

MILLER, Frank. **Batman: O Cavaleiro das Trevas.** São Paulo: Abril Jovem, abr. 1989.

OLIVA, Jay. **Batman, o Cavaleiro das Trevas.** Parte1. Warner Bros Picture, 2012. 1 DVD (76 min.), color.

PLATÃO. **A República.** Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 1993.

_____. **Crátilo e Teeteto.** [Tradução Carlos Alberto Nunes] Belém: EDUFPA, 1973.

REBLIN, Iuri Andréas. **Para o alto e avante: uma análise do universo dos super-heróis.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos super-heróis: a história e as origens dos maiores sucessos das HQS: do Super-Homem aos Vingadores/** Brian J. Robb; tradução André Gordirro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio.** Campinas: Autores Associados, 2009.

RUSSO, Anthony e RUSSO, Joe. **Capitão América: Guerra Civil.** Marvel Studios e Walt Disney Studios Motion Pictures, 2016. 1 DVD (147 min.), color.

SNYDER, Zack. **Batman vs. Superman – A origem da justiça.** Warner Bros Picture, 2016. 1 DVD (151 min.), color.

VALLS, Álvaro L.M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

VERGUEIRO, Valdomiro. **O Super-Homem: o mais completo super-herói dos quadrinhos**. Maio de 2004. Disponível em: < https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1r> Acesso em: 30 de junho de 2019.

VIANA, Nildo. e REBLIN, Iuri Andreas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

_____. **Quadrinhos e crítica social; o universo ficcional de Ferdinando** / Nildo Viana. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

WELDON, Glen. **A biografia não autorizada do Superman** / Glen Weldon; tradução Débora Guimarães Isidoro – 1. Ed. – São Paulo: Leya, 2016.

WESCHENFELDER, Gelson. **Filosofando com os super-heróis**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2013.

ANEXO 1: FICHAS DE PESQUISA SOBRE AS VIRTUDES

1-Marque quais destas virtudes se destacam nas ações dos personagens abaixo mencionados:

VIRTUDES	SUPERMAN	BATMAN	CAPITÃO AMÉRICA	HOMEM DE FERRO
JUSTIÇA	X	X	X	X
PRUDÊNCIA OU SABEDORIA	X	X	X	X
FORTALEZA OU CORAGEM		X	X	
TEMPERANÇA	X		X	

2- Escolha um herói da DC e um da Marvel com o qual você mais se identifica:

Superman

Batman

Capitão América

Homem de Ferro

3- O que o motiva a identificar-se com tais super-heróis?

4- O que é um super-herói?

5- O que são virtudes?

6- As superaventuras auxiliam de fato no aprendizado do que é ética? Por quê?

7- Os super-heróis são modelo de inspiração? Por quê?

8- Qual seria a finalidade das virtudes na conduta dos super-heróis?



B

3 - Batman: porque ele mostra que qualquer um pode superar seus piores traumas, além de me inspirar com sua inteligência e persistência.

Capitão América: Antes mesmo de ganhar seus poderes, ele já tinha coragem, sua bondade e seu senso de justiça devem inspirar a todos a serem pessoas melhores.

4 - Um ser poderoso que faz o bem para a sociedade que convive com ele.

5 - São qualidades boas que diferenciam as pessoas. Uma virtude só é uma virtude se usada corretamente.

6 - Sim, porque os super-heróis devem agir eticamente e o leitor aprende a forma mais correta de agir em cada situação.

7 - Sim, as suas virtudes e a forma como superaram seus obstáculos, a forma como usam seus poderes como forma de melhorar inspiram as pessoas que entendem essas histórias.

8 - Eles os usam principalmente para fazer o bem.



1º B

- 3- O fato de eu preferir ser a terr. Estas heróis encarnam-se em tal característica
- 4- Um indivíduo do qual se ratifica, dá o seu máximo para ajudar o próximo através de suas ações, sem esperar algo em troca. Além disso, os mesmos combatem o mal fazendo o bem com justiça.
- 5- Precisam qualidades, como:
- 6- Sim, porque baseando nos atos e atitudes dos super-heróis, que de fato seguem a ética, as pessoas podem se inspirar e aprender como usar estas atitudes para fazer o bem.
- 7- Sim, pois eles influenciam as pessoas a fazerem o bem, como citado anteriormente. Mais que isso, suas próprias ações podem fazer com que o mundo torne um lugar diferente e torne as pessoas diferentes.
- 8- Através de conduta, um super-herói é marcado por fazer o bem por meio de suas virtudes.

1-Marque quais destas virtudes se destacam nas ações dos personagens abaixo mencionados

VIRTUDES	SUPERMAN	BATMAN	CAPITÃO AMÉRICA	HOMEM DE FERRO
JUSTIÇA	X	X	X	X
PRUDÊNCIA OU SABEDORIA				X
FORTALEZA OU CORAGEM	X			
TEMPERANÇA				X

2- Escolha um herói da DC e um da Marvel com o qual você mais se identifica:

() Superman

(X) Batman

(X) Capitão América

() Homem de Ferro

(3) O Superman porque ele veio de outro mundo e eu me sinto assim e o Stark porque eu tenho que lutar e sempre acho que estou certo e mesmo não querendo acabo virando um líder

(4) Alguém que combata o mal e as coisas ^{ruins} em prol da humanidade, com superpoderes

(5) Característica boa

(6) Sim porque eles nos ensinam que sempre temos que seguir em frente e não desistir

(7) Alguns pais são modelos de conduta ética e moral e mesmo com poderes você precisa ter responsabilidade

(8) Seus poderes que passam um novo modelo de vida e prova seu caráter

1-B

1-Marque quais destas virtudes se destacam nas ações dos personagens abaixo mencionados:

VIRTUDES	SUPERMAN	BATMAN	CAPITÃO AMÉRICA	HOMEM DE FERRO
JUSTIÇA	X	X	X	X
PRUDÊNCIA OU SABEDORIA		X		
FORTALEZA OU CORAGEM	X	X	X	X
TEMPERANÇA		X	X	

2- Escolha um herói da DC e um da Marvel com o qual você mais se identifica:

() Superman

Batman

() Capitão América

Homem de Ferro

3- O que o motiva a identificar-se com tais super-heróis?

4- O que é um super-herói?

5- O que são virtudes?

6- As superaventuras auxiliam de fato no aprendizado do que é ética? Por quê?

7- Os super-heróis são modelo de inspiração? Por quê?

8- Qual seria a finalidade das virtudes na conduta dos super-heróis?



3) É ~~uma~~ inteligência de cada um mt. suspicada,
e seus grandes poderes de decisão.

4) É um ser que orienta sua vida para saber
a dos outros pessoas

5) É uma pessoa digna, de bem, que tem caráter e
moral

6) Sim, Pois isso influencia em seu conhecimento em
geral

7) Sim, Pois eles são éticos, ajudam os pessoas, aprendem
com quem os assistem queriam ser como eles.

8) De acordo com o caminho do bem. Assim os ajudando e
os sabendo.



1-Marque quais destas virtudes se destacam nas ações dos personagens abaixo mencionados:

VIRTUDES	SUPERMAN	BATMAN	CAPITÃO AMÉRICA	HOMEM DE FERRO
JUSTIÇA	X	X	X	X
PRUDÊNCIA OU SABEDORIA		X	X	
FORTALEZA OU CORAGEM	X	X	X	X
TEMPERANÇA	X		X	

2- Escolha um herói da DC e um da Marvel com o qual você mais se identifica:

Superman

Batman

Capitão América

Homem de Ferro

3-R: O Batman é por causa do seu jeito sombrio, de não conversar muito, nem de ter muitos amigos;

Já o homem de ferro é mais que uma inspiração pro meu futuro, ou seja, ser um bilionário e filantropo, porque o dinheiro não é errado, só tem que estar na mão das pessoas certas.

4-R: Um super-herói é o homem que pensa no bem dos outros e não só no seu próprio, que muitas vezes arrisca na própria vida para salvar alguém que não conhece. Nessa sociedade está repleto de "heróis", porque ser herói é muito mais do que ter algum poder.

5-R: Virtudes ~~é~~ são qualidades que muitos tem, e muitos que nem fazem questão de ter, sendo que muitas virtudes é o mínimo que a gente pode ter como: Caráter, honestidade, humildade, respeito, etc.

6-R: Quando se fala de aventuras heróicas sim, porque todas essas aventuras tentam passar algum aprendizado ou alguma lição, principalmente sobre ética.

7-R: Sim, são porque eles estão sempre lutando pelo bem, e pela justiça, e nunca perdendo a esperança.

8-R: Mostrar que um herói não é feito por seus poderes, mas sim pelas suas virtudes, porque se fosse só poder, ~~ed~~ não existiriam vilões.

1- Marque quais destas virtudes se destacam nas ações dos personagens abaixo mencionados:

VIRTUDES	SUPERMAN	BATMAN	CAPITÃO AMÉRICA	HOMEM DE FERRO
JUSTIÇA		X	X	
PRUDÊNCIA OU SABEDORIA		X		X
FORTALEZA OU CORAGEM	X		X	X
TEMPERANÇA		X		

2- Escolha um herói da DC e um da Marvel com o qual você mais se identifica:

() Superman

(X) Batman

(X) Capitão América

() Homem de Ferro

3- O que o motiva a identificar-se com tais super-heróis?

4- O que é um super-herói?

5- O que são virtudes?

6- As superaventuras auxiliam de fato no aprendizado do que é ética? Por quê?

7- Os super-heróis são modelo de inspiração? Por quê?

8- Qual seria a finalidade das virtudes na conduta dos super-heróis?



JºB

3- O Batman e sua racionalidade, ele não tem habilidades tão absurdas, mas a sua inteligência me ~~admira~~ causa admiração

O Capitão America seio a sua bondade

4- Um super-herói, é aquele que procura ajudar o próximo, para ser um herói não é preciso muito, a capacidade de empatia e justiça.

5- Virtude seio a capacidade de praticar o bem, não características positivas.

6- Sim, a experiência meda as opiniões e os adjetivos; creio que você é aquilo que você alimenta, quem abraça o lado bom das coisas e não o ruim, seio uma boa pessoa e vice versa.

f) Sim, os super-heróis geralmente são amados por todos.

Creio que a aceitação ~~dos~~ super-heróis tem é digno de admiração; o ser humano, na grande maioria das vezes busca isso.

g) O Bem para população.

ANEXO 2: MODELO DO TERMO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**TERMO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Bebedouro, _____ de _____ de 2019.

José Roberto Almeida

(Pesquisador responsável)

Título Provisório da Pesquisa: A FILOSOFIA E OS SUPER-HERÓIS. UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ÉTICA A PARTIR DO ENTENDIMENTO DOS ESTUDANTES

Dados da pesquisadora responsável: José Roberto Almeida. Cargo/função: Estudante de Mestrado profissional em Filosofia- Prof-Filo. Instituição: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Campus São Carlos.

Dados sobre o participante da pesquisa

Nome do(a) participante: _____.

Data de nascimento: ____/____/____. Idade:_____.

Endereço: _____.

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____.

CEP: _____ Telefone para contato: _____.

E-mail: _____.

Assinatura do(a) participante